



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/INGLÊS E LITERATURA  
CORRESPONDENTE**

**MST IN THE BRITISH AND BRAZILIAN PRESS:  
METAPHORICAL READING IN A FL CLASSROOM**

**Por Carla A. Marinho Borba**

**Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina em  
cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de**

**MESTRE EM LETRAS**

**FLORIANÓPOLIS**

**Dezembro, 2007**

Esta Dissertação de Carla A. Marinho Borba, intitulada MST IN THE BRITISH AND BRAZILIAN PRESS: METAPHORICAL READING IN A FL CLASSROOM, foi julgada adequada e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente, da Universidade Federal de Santa Catarina, para fins de obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

Área de concentração: Inglês e Literatura Correspondente  
Opção: Língua Inglesa e Linguística Aplicada

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Luiz Meurer  
Coordenador

---

Profa. Dra. Josalba Ramalho Vieira  
Orientadora e Presidente

---

Profa. Dra. Viviane Heberle  
Examinador

---

Profa. Dra. Solange Coelho Vereza  
Examinador

Florianópolis, dezembro 2007.

To Cláudio, João Pedro and my baby girl,  
for travelling along...

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Josalba Ramalho Vieira, pelo saber e apoio nesta longa jornada.

À banca examinadora, pela gentileza de aceitar ao convite deste trabalho.

Aos participantes desta pesquisa, pela colaboração e tempo disponibilizados.

A Valéria Barreira, pela detalhada revisão da escrita, com suas sugestões e incentivo.

A todos aqueles que tornaram possível a coleta de dados deste estudo, cedendo e/ou organizando os instrumentos necessários, em especial Ramon Mendes, Thiago Capistrano e Renata Dal Bó.

A Renata Reynaldo, Kamila Moraes e Jucemar Honório, pela força e auxílio nos momentos difíceis.

A Andréia Daltoé, pela detalhada revisão dos textos em português, contribuições e pelo ombro amigo em todos os momentos.

A Regina Tiburcio, pelas sugestões na elaboração das tarefas.

Aos colegas de mestrado, em especial Camila Lucena e Gisele Cardoso, pelas contribuições e incentivo.

A todos os meus amigos, pelo apoio, torcida e carinho.

Aos meus pais e irmãos, pelo amor e apoio incondicional, sem os quais nada seria possível.

A Deus, por ter-me iluminado o caminho.

**ABSTRACT****MST IN THE BRITISH AND BRAZILIAN PRESS:****METAPHORICAL READING IN A FL CLASSROOM****CARLA APARECIDA MARINHO BORBA****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA****2007****Supervising Professor: Josalba R. Vieira, PhD**

Since the paradigmatic change set out in early 80s metaphor formerly depicted as an ornament of language started to receive a new status, i.e. as a cognitive tool. Scholars have drawn their attention to the fact that metaphor locus is not only in language but also in thought. Bearing that in mind, it can be claimed that metaphor is present in our everyday life permeating our reasoning of all sort of issues, from the most complex to the most ordinary ones such as society and politics. In this investigation, similarly, metaphor underlies this new paradigm, which views this linguistic phenomenon as an element inherent to our conceptual system. Such idea is presented grounded on Lakoff and Johnson (1980)'s study in which they argue that "the essence of metaphor is understanding and experiencing one thing in terms of another" (p.5). Under this perspective of metaphor, it was investigated how a group of undergraduate students of Languages course co-construct (Flower, 1994) the metaphorical expressions encountered in journalistic texts in Portuguese and English about the Brazilian Landless Movement (MST). The data was collected within a foreign language classroom setting in order to observe real readers – teachers to be – within an approach which views metaphor in talking-and-thinking (Cameron, 2003), as well as in language as use (Gibbs, 1994). This is an exploratory-interpretive (Nunan, 1992) study which was carried out within an educational

setting, namely a university. Reading tasks were designed in order to foster metaphorical reading of a culture-specific issue, that is, the agrarian reform in Brazil. Lessons were video and tape recorded. The qualitative analysis of both oral and written data reveals that participants conceptualize LAND ISSUE AS WAR. The mappings made by the participants retrieve the conceptualization of this social political issue found in the texts. However, students appear to rely on the biased representation of the MST (Rodrigues, 2002) present in the texts published in Brazil. This outcome suggests the great impact of cultural models and cross-cultural differences (Kövecses, 2005) within the co-construction of the metaphorical language encountered in journalistic texts.

Number of words: 29.772

Number of pages: 103

**RESUMO****MST NA IMPRENSA BRITÂNICA E BRASILEIRA:  
LEITURA METAFÓRICA NUMA SALA DE AULA DE LINGUA  
ESTRANGEIRA****CARLA APARECIDA MARINHO BORBA****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA****Professora Orientadora: Josalba Ramalho Vieira, PhD.**

Desde a virada paradigmática estabelecida no começo dos anos 80, a metáfora, anteriormente descrita com um ornamento lingüístico, começou a receber um novo status, ou seja, o status de uma ferramenta da cognição. Estudiosos têm voltado sua atenção para o fato de que o lócus da metáfora não é apenas a linguagem, mas também o pensamento. Tendo isso em mente, pode-se afirmar que a metáfora está presente em nosso cotidiano permeando nosso pensar em relação aos mais diversos assuntos, dos mais complexos aos mais comuns, tais como sociedade e política. Nesta investigação, similarmente, a metáfora está subjacente a este novo paradigma, que vê o fenômeno lingüístico como um elemento inerente ao nosso sistema conceitual. Tal idéia é apresentada com fundamento no estudo de Lakoff e Johnson (1980), no qual eles argumentam que “a essência da metáfora é entender e experienciar uma coisa em termos de outra” (p. 5). Sob essa perspectiva, investigou-se como um grupo de graduandos em Letras co-constroem (Flower, 1994) as expressões metafóricas encontradas em textos jornalísticos em língua portuguesa e inglesa a respeito do Movimento dos Sem-Terra do Brasil (MST). Os dados foram coletados em uma sala de aula de língua estrangeira com o propósito de se observar leitores reais – futuros professores – dentro de uma abordagem que vê a metáfora na “fala-e-mente”

(Cameron, 2003), como também, na linguagem como uso (Gibbs, 1994). Este é um estudo exploratório-interpretativo (Nunan, 1992), o qual foi conduzido em um ambiente educacional, nominalmente uma universidade. Tarefas de leitura foram desenhadas com objetivo de contemplar a leitura metafórica de um tema cultural específico, que é a reforma agrária no Brasil. As aulas foram gravadas e filmadas. A análise qualitativa de ambos os dados, orais e escritos, revelam que os participantes conceitualizam a questão da terra como guerra. Os mapeamentos feitos pelos participantes refletem a conceitualização deste tema político e social encontrada nos textos. Entretanto, os estudantes parecem sustentar a representação parcial do MST (Rodrigues, 2002), presente nos textos publicados no Brasil. Este resultado sugere o grande impacto de modelos e diferenças culturais (Kövecses, 2005) na co-construção de sentido da linguagem metafórica encontrada em textos jornalísticos.

Número de Palavras: 29.790

Numero de Páginas: 103

## TABLE OF CONTENTS

### CHAPTER I

Scope of the Study.....	01
-------------------------	----

### CHAPTER II

Review of literature.....	08
Conceptual Metaphor Theory .....	08
Metaphor, Discourse and Ideology.....	13
Metaphor, Cognition and Language Learning .....	21
Metaphor and Culture .....	26
Metaphor Studies in Brazil .....	34

### CHAPTER III

Materials and Methods.....	38
3.1. Research Methods .....	38
3.2. Research Materials .....	41
3.2.1. The Texts.....	41
3.3. Research Setting.....	45
3.3.1. Selected Setting.....	45
3.3.2. Participants.....	48
3.3.3. Designing Material .....	51
3.3.4 . Classes.....	52
3.3.4.1. Class 0.....	52



3.3.4.2. Class 1 .....	54
3.3.4.3. Class 2.....	55
3.3.4.4. Class 3 .....	57
3.3.4.5. Class 4.....	58
3.3.4.6. Elapsed Time Questionnaire .....	61
3.4. Questions and Assumptions .....	62

## CHAPTER IV

Data analysis.....	64
4.1. Initial Remarks.....	64
4.2. Analysis of Oral Data.....	67
4.2.1. Pre-Intervention Polarized Discourse and the Metaphor of War .....	69
4.2.2. During-Intervention Polarized Discourse and the Metaphor of War.....	73
4.2.3. Post-Intervention Polarized Discourse and Metaphor of War.....	79
4.3. Analysis of Co-constructed Written Data .....	84
4.3.1. Preliminary definition of the Landless Movement .....	85
4.3.2. Analysis of the text titles in Class 2 .....	88
4.3.3. Analysis of the Elapsed Time Questionnaire .....	94

## CHAPTER V

Final Remarks.....	97
5.1. How do FL readers jointly-construct conceptual metaphors connected to a culture- specific issue presented in texts in both FL and L1?.....	97

5.2. Limitations of the Study and Suggestions for further Research.....	100
5.3. Pedagogical Implications .....	101
REFERENCES.....	104

## APPENDIXES

APPENDIX A – Permission to use the data collected

APPENDIX B – Classroom tasks

APPENDIX C – Questionnaire I

APPENDIX D – Questionnaire II

APPENDIX E – Transcript conventions

APPENDIX F – Transcriptions of the written data

APPENDIX G – Transcriptions of selected oral data

APPENDIX H – Texts from Veja magazine

APPENDIX I – Texts from The Guardian/The Observer newspaper

APPENDIX J – Veja magazine Covers – Poster

APPENDIX K – Slide show pictures

## LIST OF TABLES AND FIGURES

Diagram 1 – Love as Journey

Diagram 2 – The pivotal role of ideology

Diagram 3 – The pivotal role of metaphor

Chart 1 – Successful recordings

Chart 2 – First image of MST

Chart 3 – Titles

Chart 4 – Expressions characterizing MST in text

Diagram 4 – Mappings of Land Issue as War

The world everyone sees is not THE  
World, but A world we bring forth with others.  
This human world includes fundamentally our  
inner world of abstract thoughts, concepts,  
symbols, mental representations and self-  
perception. As we know the way we know,  
we create ourselves.

Fritjof Capra

## CHAPTER I

### SCOPE OF THE STUDY

Metaphors are part of our daily routine, not just in language, but also in our thoughts and actions. The various issues surrounding our everyday life, from the most ordinary subjects, to the ones considered more profound, such as politics and society, are metaphorically grounded. We can state that this metaphorical conceptualization directly influences the way in which we perceive ourselves as members of a community and as we see this community as part of our lives.

Tracing back to the Cartesian time we will find out that metaphor in a way or another has always drawn attention due to its multiple facets. In fact, most of the debate over metaphor from that time until the 70s concerned its attack as a means of providing objective communication. I say that based on a remarkable philosopher, Hobbes<sup>1</sup>, whose ideas bear relevant resemblance when referring to metaphor and discourse.

In *Leviathan* (in Grimm Cabral, 1994, p.4), Hobbes stresses that the most general use of language is to communicate, but also remarks the importance of language for knowledge acquisition and expression as well as for interaction and pleasure. In regards to metaphor, he clearly leaves it out from the special uses of language to classify metaphors as abuses of language. According to that author, metaphor would function as an instrument to lead people to wrong ideas and reasoning.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> English philosopher born in 1588. (Bobbio, N. Matteucci, N. & Pasquino, G., 2002)

<sup>2</sup> Barreira (2003) based on Mahon (1999) remarks that “Aristotle’s writings on metaphor have long been misunderstood (..)” by scholars and it also seems to be the case in regards to Hobbes’s ideas. Since Aristotle “actually held a position on the ubiquity of metaphor in conversation, supporting thus current

Indeed these ideas are rooted back in Aristotelian times. Within the Aristotelian view, metaphor is commonly associated to its use as a figure of speech, as something deeply connected to poetry. As such, metaphor would serve as the substitution of one term by another. However, Cameron (2003) observes that opposed to this general perspective Aristotle depicted the cognitive value of metaphor, which would act conceptually in our reasoning. In fact, for Aristotle the use of metaphor would never be taken for granted, especially in political rhetoric. On the contrary, metaphor would be always used on purpose, which would stress that attention ought to be given to discourse context when constructing metaphorical meaning. At that time, Aristotle was already drawing attention to shared cultural understandings and the importance of background knowledge within discourse and metaphor.

Clearly, such concepts found resonance in the paradigmatic change started in the 70s, when metaphor began to be seen under a new perspective, that is, as an essential element within cognition. This change, as it will be further explained in the review of literature, encloses some decisive moments and studies. In this sense, I would like to bring forth the author Reddy (1979/1993) who depicted a preferred framework used by English speakers when conceptualizing communication, that is the *conduit metaphor*<sup>3</sup>. Such framework leads speakers to the wrong conclusion that meaning should be taken for granted, which in turn causes speakers to pursue fallible solutions when confronted with problems in communication. Reddy's work finds its particular significance in showing how metaphor shapes our perceptions of reality and how it is reflected through our actions.

---

views about the widespread occurrence of metaphor in every day discourse and the **print media**." (my stress)

<sup>3</sup> For further details see section 2.1.

Soon later, Lakoff and Johnson (1980) revised a number of ordinary English expressions and reached an outcome which suggests the deep influence of metaphor in our conceptualization system. According to them, metaphor is a fundamental cognitive operation in which a known conceptual domain is used by us to make sense of an unknown conceptual domain, that is, our mind is metaphorically grounded in its nature. This study triggered a great amount of further studies on the field of metaphor and thought and was the starting point of a cognitive perspective of metaphor. In spite of the criticism cognitivists have received so far, it is worth mentioning that such a view firstly posited that metaphors “may create realities for us, especially social realities” (Lakoff and Johnson, 1980 p.156)

Yet, it is essential to gather some concerns from an applied linguistic view of metaphor. These are mainly for the purpose of highlighting that as an applied linguist researcher, attention will be given to the use of language in a real context, especially where conflict takes place (Cameron and Low, 1999). Consequently, it is worth emphasizing that the research focus is on language in use under the perspective of an *applied linguistic metaphor theory* (Cameron in Cameron and Low 1999, p. 4) which encompasses a social and a cognitive side. In other words, as an applied linguist researcher my eyes will be turned to what is social in connection (and interaction) to what is cognitive, since the outcomes yielded from this interaction are the ones which my concern is about. In this sense, when researching metaphor the applied linguist researcher “pushes this epistemological basis to its limits” with the purpose of taking account of “language, thought and interaction” whenever metaphor is considered a phenomenon of both language and thought (Cameron in Cameron and Low, 1999, p.8). The author observes that it is



essential for a researcher, within a research process, to make it clear which view of metaphor will be taken, that is, whether as phenomenon of language, thought or both. My view is that metaphor intertwines language, thought and culture.

Moreover, still on the issue of language in use, Steen (2006, p. 23)<sup>4</sup> describes four cognitive approaches to metaphor: 1) metaphor in language as system; 2) metaphor in thought as system; 3) metaphor in language as use; 4) metaphor in thought as use, and emphasizes that such a contrast must be made by researchers in applied linguistics, in order to distinguish “what does not qualify as language as use”. Zanotto, Nardi and Vereza (2006) remind us that the relevance of such a framework resides in the fact that with this degree of autonomy it is possible for researchers to take a clearer look into the interdependence among these categories.

Metaphor has been investigated in a number of different perspectives (Zanotto, Nardi and Vereza, 2006). The interaction of metaphor in language and in thought has prompted many studies. To mention just a few, one can highlight the ones which tackle the issue of metaphor and thought (e.g. Fauconnier & Turner, 2002, Gibbs, 1994, 1999, Johnson, 1987, Lakoff, 1987, 1990, 1993, Reddy, 1979/1993, Steen, 1999, Turner, 1991, 2001); metaphor and language (e.g. Gibbs, 1998, 2003b, 2006, Lakoff & Johnson, 1980, Steen, 1999, 2006); the bonds between metaphor and culture (e.g. Boers, 2003, Deignan, 2003, Gibbs, 1999, Kövecses, 2005, Littlemore, 2003); the presence of metaphor in political discourse (e.g. Lakoff 1991, 1996, Mussolf, 2004); metaphor within educational discourse (e.g. Cameron, 2003, Littlemore, 2001, 2003, Petrie & Oshlag, 1993). In addition, there have been studies in other areas such as medicine (e.g. Aita, McIlvian, Susman and Crabtree, 2003) and economics and business (e.g. White, 2003).

---

<sup>4</sup> For a more detailed explanation on the other three cognitive approaches to metaphor see Steen (2006) p. 22-40.

I bring the analysis mentioned above, in order to describe the motivations of this investigation. This study is part of large group of studies carried out by researchers from UFSC, whose focus is to investigate metaphor within the classroom setting, analyzing metaphor in educational discourse. This group of researchers is part of a larger group of studies about metaphor started at PUC-SP by GEIM<sup>5</sup> whose aim is to investigate metaphor as a cognitive tool. In other words, this investigation is a branch of this tree of studies developed in Brazil taking into account the paradigmatic change occurred in the field of metaphor, whose objective is to unveil the connections between metaphor in thought and in language, particularly through reading.

This way, the tenets triggering this study are threefold. First, I stress the relevance of the metaphorical concepts present in our everyday life and the way these concepts are constructed in our contact with others. Second, in spite of the huge amount of studies developed so far (mentioned above) regarding classroom practice, to my knowledge there are still few studies (e.g. Vieira, 1999, Barreira, 2003, Cardoso, 2005, Lucena, 2007) tackling the reality of the Brazilian FL classrooms and its peculiarities in terms of co-construction of metaphorical language. Third, I view the foreign language (FL) classroom setting as a place in which social political issues might be shared and elaborated on, particularly in under graduation courses for future teachers and educators. Here I stress the relevance of studying metaphor in connection with social political issues (in this study a social movement will be the focus) presented in FL classrooms.

Taking that into account, this study focused its attention on a group of undergraduate students qualifying to be English and Portuguese teachers, studying

---

<sup>5</sup> GEIM - Group of Studies on Indeterminacy and Metaphor – from PUC/SP (see section 2.5 for further details)

in a Brazilian university. The instruments used in this study were texts in English and Portuguese with which these future teachers were confronted in groups and had an opportunity to build their ideas towards their meanings jointly and individually. It means that the participants of this research were not only readers of texts in their mother tongue but also readers of the texts in a foreign language whose subjects were related to the reality of their country, particularly when tackling a complex social political issue. Participants were asked to jointly construct the conceptual metaphors in these texts, through reading tasks developed by this researcher, in order to foster metaphorical competence. The main objective was to investigate how these real readers, teachers to be and undergraduate students at the same time, co-constructed the metaphorical language encountered in journalistic texts about the Landless Movement (MST) within a Foreign Language (FL) classroom.<sup>6</sup>

This dissertation comprises five chapters. This first chapter sets the scene of this research study, introducing to the reader the question which guided this study, within the general and the specific contexts of investigation. The second chapter brings a concise review of the relevant studies regarding the issue of metaphor within cognition, language learning, discourse and culture which are enclosed by the broader field of studies about thought and language. The objective is to make it possible for the reader not only to build the necessary bridges to understand and elaborate on the decisions made in this investigation but also to catch a glimpse on further studies about the subject. The third chapter brings the methods adopted in this study, that is of a qualitative, ethnographic, exploratory and interpretive nature, from the perspective of classroom research. The fourth chapter brings the

---

<sup>6</sup> For a more detailed discussion about the questions and assumptions guiding this study see section 3.4. in Chapter III.

results and analysis. The last chapter seals this thesis with a brief conclusion and final remarks.

Finally, this research study was also derived from my genuine interest in social movements as part of my background as a law graduate. In addition, I hold a firm belief that changes in the *status quo* come from a critical view of what is offered by the mainstream media. Furthermore, I had the chance to follow the suggestion for further research found in Rodrigues (2002, p. 149) which directed me to “investigate the impact of the news discourse in the readership (...) whether the readership reacts positively or negatively to news stories, whether or not the readership actually internalizes the MST representation offered by the newspaper (...)”, a strong reason why the Landless Movement was chosen as the theme of the texts. It is worth noting that Rodrigues’s study is the only one to the best of my knowledge which has tackled the issue of MST as portrayed by English-language print media discourse.

## CHAPTER II

### Review of Literature

This chapter comprises the theoretical framework supporting the decisions, motivations and assumptions permeating this study. Its main objective lies on establishing a clear connection between metaphor and the other crucial elements related to the design of this investigation, namely discourse, ideology, learning and culture. First, I go over the paradigmatic change in metaphor studies started in the 80s focusing on the Conceptual Metaphor Theory, which aims at grounding my view of metaphor. Then, I proceed by providing some explanation on construction of meaning within discourse in order to show how pervasive metaphors are, manipulating our thoughts and actions. After that, I draw attention to the bonds that link metaphor and the classroom setting, in terms of cognition and learning, considering that this investigation was carried out in a graduation course classroom. Finally, I present a discussion on how metaphors are shaped by cultural differences.

#### 2.1 Conceptual Metaphor Theory

In the last three decades studies on metaphor have increased in a substantial fashion. A number of different theories in the area of metaphor have emerged since the paradigmatic change occurred in the 80's. Then, metaphors seen a priori as figures of speech under the Aristotelian rhetorical view receive an epistemological status and cognitive value. Under the western objectivist tradition metaphors are only understood as poetic devices that cannot be encountered in

ordinary or scientific discourses. Conversely, within this new paradigm, metaphor is given a different account, playing a crucial role in our reasoning system.

Under a rhetorical orientation, metaphor is a linguistic phenomenon with no cognitive value. In this investigation, however, a new perspective underlies the concept of metaphor, namely its use as a cognitive tool. Following this account of metaphor we can say that most of the conceptual system of a language is metaphorical. Such idea is based on Lakoff and Johnson (1980) study in which they argue that “the essence of metaphor is understanding and experiencing one thing in terms of another” (Lakoff and Johnson, 1980 p.5).

This seminal work goes against the objectivist view of metaphor and represents the consolidation of a paradigmatic change started by Richards (1936) and followed by Bearsdley (1958), Black (1962) and Reddy (1979). In fact Reddy’s article, “The Conduit Metaphor” (1979/93), deeply affected the studies in the field, being considered a landmark and inspiring researchers throughout the years.

In this article the author discusses the nature of human communication through two metaphors: the conduit metaphor and the toolmakers paradigm. The author observes that many conflicts occur in the communication established among English speakers as a result of the framework used for conceptualizing communication and such framework might bias the way speakers process their thoughts.

Having in mind two questions: “What kind of stories do people tell about their acts of communication? When these acts go astray, how do they describe what is wrong and needs fixing?” (Reddy, 1979/93, p. 165), Reddy analyses a number of expressions commonly used by English speakers during their acts of communication and realizes that the existing framework views words as

containers in which thoughts can be inserted, as if they had insides and outsides. According to Zanotto (1998) his greatest insight was to perceive that a metaphor is the everyday and ordinary linguistic manifestation of a fundamental cognitive operation.

In the framework of the conduit metaphor the listener has to *grasp* the meaning of the words, taking it out of them and putting it into his/her head. Our thoughts, then, would be *transferred* through language. Language would be a conduit by which thoughts would be bodily transferred from one person to another. Reddy lists a large number of examples supporting his view, as follows:

***Put** these thoughts down on a paper before you lose them.*

*I'll try to **find** good ideas on your paper.*

*I can't **get** what you mean.*

The listener/reader has only the task of catching the meaning in the words and taking them into the brain. Reddy points out an alternative way of conceiving human communication. In order to engage in frame restructuring, he observes, it is necessary to have an opposite view – the toolmakers paradigm emerges. According to Reddy, within this paradigm miscommunication or divergence of readings are tendencies inherent in the system, which can only be counteracted by continuous effort and by large amounts of verbal interaction. In this view, he points out, things will naturally be scattered, unless we expend energy to gather them. In the conduit metaphor, conversely, success in communication comes as something automatic, successful in nature, and what requires explanation is the failure to communicate. Therefore, within the toolmakers paradigm, indeterminacy (of meaning) would be inherent to words and metaphor would emerge as an enlargement of this indetermination. (Zanotto, 1998).

Reddy claims that the conduit metaphor is a powerful structure permeating thoughts and actions for English speakers. The author suggests that although we should be open to restructure our frames, such a change will find great resistance, and it will not be easy for anyone to abandon one's frame without "serious alteration of consciousness".(p. 166)

Similarly, Lakoff and Johnson (1980) give metaphor an epistemological status. Through their profound analysis of a number of linguistic expressions they infer that our conceptual system is metaphorically grounded, and it directly influences our actions and thoughts. Lakoff and Johnson illustrate in their study how our mental processes are guided by metaphors, that is, how we conceptualize the world and our experiences metaphorically. However, as opposed to Reddy their interest focuses on the cognitive status of metaphor rather than on the effort to be made for communication to occur.

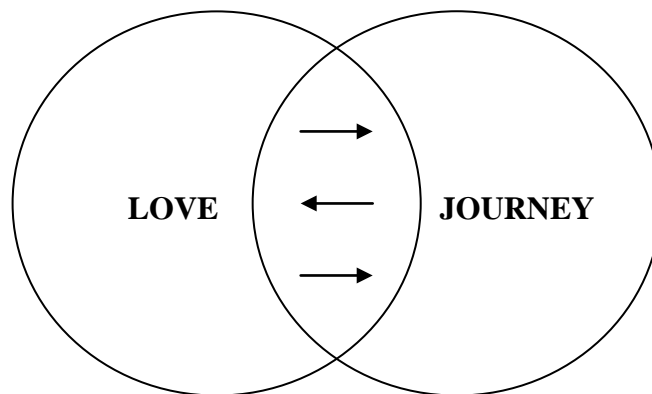
Lakoff (1993), hugely influenced by Reddy's work, observes that the linguistic structures analyzed by the latter are underlain by conceptual metaphors and that the locus of metaphor is in thought not in language. The way we conceptualize the world would come from our metaphorical understanding of our experiences. In fact, Lakoff seems to believe that the conduit metaphor is a higher level metaphor from which a "net" formed by a range of conceptual metaphors emerges.

In his article, "The Contemporary Theory of Metaphor", Lakoff (1993) draws a parallel between the old view of metaphor (prior to Reddy's essay) – as something poetic and being used outside the realm of our everyday conventional language – and its contemporary perspective, in which metaphor is seen as cross-domain mappings in our conceptual system.



Lakoff argues that the conceptual metaphor is a cross-domain mapping used by us to conceptualize abstract feelings and emotions. It is formed by a target domain, a source domain and the mapping. The target domain is, this way, the abstraction or emotion one needs to conceptualize, the source domain is the knowledge one has about something, being used to change some abstract thought into concrete. The mappings are the set of ontological/epistemic correspondences between the two domains. Such correspondences are constituted by the entities in these domains.

As a classical example, Lakoff observes the way we characterize *love* in terms of *journeys*. Through the analysis of the expressions we use to refer to love relationships, the author demonstrates that we reason about love onto the knowledge we have about journeys. As seen below:



LOVE AS A JOURNEY – Diagram 1

**LOVE AS JOURNEY<sup>7</sup>**

**Mappings**

---

<sup>7</sup> Small capital letters are used to represent the metaphorical mappings (Lakoff & Johnson, 1980). E.g. LOVE AS JOURNEY, ARGUMENT AS WAR, TIME AS MONEY.

**Lovers ↔ travelers**

**Relationship ↔ vehicle**

**Lovers goals ↔ destinations**

**Difficulties in the relationship ↔ obstacles to travel**

In other words, it can be claimed that the metaphor is not only a matter of language; the language itself is secondary. In fact, we conceptualize love metaphorically through many different linguistic expressions. The conceptual mapping is named metaphor, and the various linguistic expressions are called metaphorical expressions (e.g. ‘look *how far we’ve come*; we are at a *crossroads* and we *are stuck*’). Without any question Lakoff’s studies must be credited for plunging into the depths of thought and cognition to attribute metaphor a conceptual status. Nevertheless, I must not fail to remark the lack of empiricism inherent to those studies regarding “dealing with real discourses/texts” (Gibbs, 2006, p. 11) which has triggered reasonable criticism I am sympathetic with. In this sense, grounded on Zanotto (1998, p. 18) who highlights the importance of the qualitative approach in terms of “providing opportunities for real production of meaning by (real) readers”, I decided for the same framework in this study. In the next section, I shall proceed to a focus on metaphor in discourse with the purpose of stressing how pervasive it is not only inside our heads but out of them as a means to shape reality.

Metaphor, discourse and ideology

This section attempts at providing a brief but essential glance at both issues (meaning and discourse) by bringing important contributions from the field of

discourse analysis as well as metaphor. This interdisciplinary approach appears to be quite relevant since the texts used in this investigation come from the written Press.

With regard to meaning and its construction the perspective held within this inquiry comes from two particular sources. First, the notion brought about by Jacoby and Ochs (1995) whose idea of co-construction of meaning is as the group creation of a form, interpretation, action, activity, identity, ideology, emotion, or other culturally meaningful reality. Secondly and more importantly the view from Flower (1994) who sees meaning as a network metaphor, in which meaning is a fluid and interactional construction not limited to the prepositional or even verbal representations of the text, emerging from the constant interaction of cognition and social context. She remarks that this continuous process of constructing meaning is marked by moments of discovery, decision and conflict, in which the author/co-author (writer/reader) must make connections and choices. These ideas are in accordance to Reddy's (1979/93, p. 174, 175) in the sense that "human communication will almost always go astray unless real energy is expended" since different and even clashing readings would be inherent to communication.

Flower claims that under the metaphor of negotiation of meaning as construction the classroom is a particular space where subjects are exposed to moments where meaning is negotiated, in a constructive process, being influenced by outer forces for instance, social and cultural expectations, discourse convention, teachers, collaborators, and such forces appear to be inner voices. Negotiation emerges, then, in the presence of conflict, constraints and alternatives for the purpose of communicating. Although there are many other studies on the issue of meaning and negotiation (e.g. Picca,1994; De la Fuente, 2002), the work carried out by the

authors mentioned above seems to find a closer rapport with the scope of this study. In fact, the image of meaning as a network metaphor corroborates both the ideas presented by Lakoff and Johnson (1980) and Machado (1994) as it will be explained in the next section when attention is to be given to cognition and learning within this view of metaphor.

In regards to discourse, I want to bring and discuss some notions on representation, ideology and power. Within Critical Language Study<sup>8</sup> (Fairclough, 2001) the conventions of which we are subordinated are a result of power relations and power struggle. Besides, it is often the case in which speakers are not aware of how submissive they are to these conventions.

In turn, ideologies are the set of assumptions implicit in the conventions within discourse. To put it another way, discourse is the manifestation of ideological frameworks. Hence, power relations are deeply-rooted in discourse in the sense that these ideological<sup>9</sup> frameworks constitute particular conventions which are outcomes of the power relations embedded in these conventions. Besides, conventions (and the ideologies within them) are “a means of legitimizing existing social relations and the differences of power, simply through the recurrence of ordinary, familiar ways of behaving which take these relations and power differences for granted” (Fairclough, 2001, p.2).

Hence, power may be materialized in different ways, physically or not. These distinct manifestations of power could be labeled according to Fairclough (2001) whether as coercion or consent. The first one refers to physical force used as a

---

<sup>8</sup> Critical Language Study – CLS – is an approach to language coined by Fairclough (2001) whose objective is to analyse “social interactions in a way which focuses upon their linguistic elements, and which sets out to show up their generally hidden determinants in the system of social relationships, as well as hidden effects they may have upon the system” (p.4)

<sup>9</sup> The importance of ideologies for language also resides in the fact that language is the commonest form of social behavior in which we can find ideological frameworks. (Fairclough, 2001)

means to exercise power and the second regards the “manufacture” of consent in relation to that (p 3). The relationship between power and ideology grows stronger and is deeply intimate in the sense that ideology is the key aspect in the manifestation of power or else, in the manufacture of consent. Although one is aware of the impact of ideology and power in language it does not guarantee that a way of avoiding the implications of such a connection will be found. Besides, since language can be considered one of the main means of social control and consequently power, the relevance of the three of them – language, ideology and power – should not be disputed.

If power results from the keen use of ideological frameworks which shape the conventions that are manifested through language, in which discourse refers to actual talk or writing (Fairclough, 2001, p. 23). I dare to say that power is deep-seated within the ability to control the ideological features of discourse. In a capitalist society, the economic production pursues mainly and most importantly the production of private profit. In this society, classes composing the society are divided into two distinct groups – the ones who own the capital and the ones who do not, the latter being oppressed by the former. Consequently, the need to maintain this structure, that is, the dominance of the power-holding capitalist class seems to be either inescapable or at least undeniable.

Thus, in a capitalist society, power will come from different sources in order to maintain the status quo above described. This way, many social institutions comprise this set of assets from which power takes its form and exercises its strength, namely, the school, the law, the church, family and particularly, regarding this study, *the media*. The last one together with the other social institutions contribute to legitimize the way power relations evolve, with the

purpose of sustaining the position occupied by the dominant class, that is the group interested in maintaining their capital. Then, the practices originated in these social institutions are taken as *naturalized* (Fairclough, 2001 p. 27), although they serve mainly to the interests of such group. On the face of that, media functions as a means to maintain, reproduce and legitimize unequal power relations. It exercises social control by manufacturing consent through the use of hidden (sometimes not that much) ideologies embedded in its discourse (e.g. through hard news reports), “the power to disguise power” (Fairclough, 2001 p. 43), consciously or not. It is worth mentioning, for the sake of this investigation that if there is a hidden discourse in media, there are also other hidden discourses within the other social institutions, among them, the educational institutions, which will also follow hidden agendas that determine class relations<sup>10</sup>. In this study, two social institutions (and their discourses) are tied, namely, written media and formal education.

When analyzing the written media discourse, it is essential to bear in mind that texts produced by it are conceived by human beings and as such they are a description of reality. To put it another way, the facts presented by those texts are “reproductions of social events” that is they are “accounts” of reality to be “consumed” by the readership (Rodrigues, 2002, p. 75). This notion brought up by Rodrigues (2002) encouraged me to suggest two other strong metaphors which I believe are conceptualized within the western society. The metaphors of NEWS AS PRODUCTS and the MEDIA AS A RELIABLE FABRIC are strongly conceptualized within the capitalist society as a whole. Those two metaphors together account for the consumption of the news as something which does not need to be disputed.

---

<sup>10</sup> Indeed, the existence of hidden agendas does not seem to be a problem in itself as long as it does not result in any harm to others.

Another aspect which can be acknowledged from such metaphors is that within this society *cultural capital*<sup>11</sup> (e.g. access to information and so to media discourse) that is unequally distributed is a strong currency that contributes to the exercise of power from the dominant class, which is also desired by the working class as way to access a better position within the social structure (and as so to access other discourses). Then, the media discourse becomes a striking instrument within classes' power struggle.

More simply, it seems that ideologies are spread out partially, intentionally or not, because by its nature a news story is always a point of view of a certain reality. Therefore, conceptual metaphors will permeate not only the discourse of the media within the texts to be published and read by the newsreaders, but also metaphors will margin the written text itself filling all the territory to be trespassed until this final stage. In other words, from the fact itself, passing through an editorial staff<sup>12</sup>, to what would be the "final news story" a large number of conceptual metaphors which may also constitute a number of ideologies is penetrated and reproduced to be consumed by the readership.

On the other hand, Critical Discourse Analysis framework, which encompasses the analysis of the text in relation to its social mis-en-scene, i.e. the social, political and cultural environment within the texts are constructed (Fairclough, 1989, 1992), views metaphor as a cognitive tool, structuring the way in which we think and act, modeling the construction of the reality around us. According to Fairclough, metaphors permeate and penetrate all sorts of discourses. In accordance with Lakoff and Johnson (1980) he asserts that metaphors are deeply

---

<sup>11</sup> Referred by Fairclough, 2001, p. 53.

<sup>12</sup> Rodrigues (2002) elaborates more on this issue mentioning that "the production of a new story is the result of a number of newsmakers – news source, chief reporter, journalist, subeditor, editor, receiving media – all of them consciously or unconsciously intervening in the construction of the news story until the final version is ready to be publicized." (p. 76)

rooted within our conceptual system, being automatic and inescapable. In line with what was mentioned above the author claims that much of the discourse of the media is shaped by metaphors that manipulate the reality represented by the Press. The metaphors, therefore, influence the reality represented by the media, consequently, reality itself. Such notion of discourse and metaphorical reasoning and construction seems to account for the data gathered among undergraduate students when confronted with journalistic texts about the MST from Brazil and the UK. (see Chapter IV for further details)

On the face of these considerations, it is relevant to bring about Lakoff's (1991) analysis of the American media discourse as well as the American government discourse on the war in the Gulf. The author refers to the metaphorical concepts used to justify the war in the Gulf in 1991 and alerts to the fact that "metaphors can kill" (p.01). He draws not only on the discourse of the American government but also on the discourse of experts from media to support his view that metaphors played an important role in the war that took place in the Gulf. The author starts by grounding his ideas onto theoretical background and reminds the reader that metaphorical thought is neither good nor bad, but has an inescapable feature as it has been said before. Besides, he emphasizes that metaphors are used automatically and unreflectively by us to understand complexities and abstractions. Also, metaphors are part of the system used to reason about international relations and war.

The author mentions that according to Clausewitz's Metaphor, which is often used in foreign policy, "each nation-state has political objectives, and war serves to those objectives"(Lakoff, 2001, p.2). Hence, the political 'gains' are to be weighed against acceptable 'costs'. Once the costs of war exceed the political



gains, the war should finish. In other words, war is viewed under political cost-benefit analysis. What emerges from that is the conceptualization of WAR AS POLITICS and POLITICS AS BUSINESS.

Lakoff follows his analysis by stating four research questions: a) What exactly makes the Clausewitz's metaphor a metaphor rather than a literal truth? b) Why does it seem so natural to foreign policy experts? c) How does it fit into the overall metaphor system for understanding relations and war? d) What realities does it hide?.

In order to answer the questions mentioned above, he refers to the metaphor systems used, namely STATE AS A PERSON, WELL BEING AS WEALTH and STRENGTH AS MILITARY STRENGTH. These metaphors hide an implicit logic, which is, 'it is in the interest of every person to be as strong or healthy as possible, a rational state seeks to maximize wealth and military might' (p. 4). In this way, morality in terms of a just war would come as a form of combat for the purpose of settling moral accounts. In the war in Iraq, President Bush used a powerful setting trying to make the war morally acceptable and placed it within a fairy tale scenario – "the fairy tale of the just war". In this tale as usual we had a villain (amoral, irrational), a hero (moral, rational) and a victim. Under the rescue scenario Iraq was taken as the villain, the US was the hero and Kuwait was the victim, the crime is kidnap and rape.

If on the one hand we have the metaphors used by the government, on the other hand we have the ones supporting the experts in foreign policy, which is ACTIONS are COMMERCIAL TRANSACTIONS with costs and gains. Therefore, qualitative effects in war are seen as quantitative, since increases in well being are 'gains' and decreases in well being are 'costs'. Rather than seeing pain, death and starvation

caused by war, experts see war as a cost-benefit relation, hiding the fact that war is a violent crime under a moral dimension.

The analysis made by the author take us to the conclusion that metaphors can limit our perspective of the facts, manipulate what we see, and deeply affect the way we reason about our reality. Since metaphorical thought is unavoidable, “we cannot stick to discussions of reality only in literal terms”. As Lakoff (1991, p. 14) asserts, “metaphors backed up by bombs **CAN KILL**<sup>13</sup>”.

In other words, Lakoff draws on the three strongest conceptual metaphors – WAR AS POLITICS, POLITICS AS BUSINESS – and THE FAIRY TALE OF THE JUST WAR, to show how pervasive metaphor is. In fact, the fairy tale of just war can be related to the way the MST is represented by the print media in Brazil. If in the US, Iraq is portrayed as the villain, in Brazil the villain is the MST. Rodrigues (2002) claims that the representation of the MST in the Brazilian print media is sided against the movement. (see Chapter IV for further information)

In brief, social movements such as MST may be biasedly portrayed and highly affected by the metaphorical concepts used by the media. Bearing that in mind, it can be claimed that the possible changes in our society go through metaphorical concepts, and these changes can come as the result of a critical view of such concepts. Understanding how these concepts are grounded will certainly take us to a better understanding of whom we are.

In the next section I shall proceed to the connections among metaphor, cognition and learning. This interrelation is relevant since this study has as its setting a university FL classroom composed by future English teachers.

---

<sup>13</sup> My stress.

### 2.3 Metaphor, cognition and language learning

If metaphor plays a crucial role in the way we conceptualize the world as said before, acting upon our decisions, feelings, emotions and actions, it turns out to be an undeniable or at least reasonable consequence that there is a bridge spanning across metaphors and learning.

In terms of metaphor and cognition, Machado (1994) proposes a metaphorical image of cognition as a net, by which meanings are *sheaves* of relations. These relations are intertwined, changing into nets and webs, socially and individually constructed, in a continuous updating process. The author claims that to understand the meaning of an object one needs to see it in relation to other objects and experiences. My belief is that this image of cognition as a net is in tune with Lakoff's idea of a net of conceptual metaphors coming out of a higher level metaphor.

Proceeding to the bridge connecting cognition and language learning I can refer to Petrie and Oshlag (1993) which also attribute conceptual value to metaphor and argue that it has a very significant role in education and acquisition. According to them metaphor allows one to transfer learning and understanding from what is well known to what is less known in vivid and memorable way and it would enhance learning. Metaphorical teaching strategies would then lead students to a better and more memorable learning.

Besides, the authors assert that to learn something completely new, one will make use of something very much like a metaphor, due to the fact that we process our experiences in terms of existing contexts and schemas. Metaphor would be "one of the central ways of leaping the epistemological chasm between old knowledge and radically new knowledge"(p.583). This radical new knowledge, or changed

representation, through metaphor would find a conceptual bridge from the known to the new knowledge, from a given context of understanding to a changed context of understanding. Such ideas seem to be in accordance with Cameron (2003).

Metaphor would provide us with a mechanism to change our modes of representing the world in thought and language. It would enable us to enhance our learning, making it more memorable, helping us to move from the more familiar to the less familiar. And this notion corroborates with the beliefs underlying this study. In other words, the metaphors present in texts particularly the ones in journalist texts specifically about social political issues may not only affect the representation of the facts informed or discussed in a newspaper article but also shape the discourse constructed by its readers. As a consequence, we may infer that the metaphors encountered in the texts will delineate readers' thoughts and actions toward a certain issue and constrain their intentions and decisions. I say that in accordance with Lucena (2006) who suggests that when reading texts which have different metaphorical conceptualizations of the same issue readers in order to answer problem solving tasks are influenced by the metaphorical clusters found in those texts.

In conformity with the notion that metaphor is part of the learning process itself, not playing a secondary role but as the leading force driving the course of things (thoughts and actions), Littlemore (2001) reiterates the close relation between metaphoric intelligence and learning, since the first one is according to the author an important aspect of human intelligence.

The author poses two broad guiding questions: "what benefits might metaphoric intelligence bring to the language learning process?" and "what can language

teachers do to accommodate metaphorically intelligent students with their classrooms?”

In regards to the first question Littlemore emphasizes that metaphoric intelligence is a key factor that improves language production and contributes to the comprehension of metaphoric expressions, therefore, it would also have an important role in facilitating communication, since metaphors are doomed to be used at some point during a conversation. In this sense, the author points out that metaphorical expressions are often used as a strategy by children and other language learners. Young children often create new lexical terms to understand and talk about the world they are within. Learners learning a FL through which they manipulate the semantic dimension of the vocabulary they already possess also use these lexical innovations. These strategies used by the learner allow him to express himself in a wider way, increasing fluency and effectiveness.

By means of the second question the author observes that metaphoric intelligence is also advantageous for teaching, since the techniques used by the teacher who is aware of the existence of metaphoric competence would be more profitable. Students who possess this sort of intelligence would benefit from these specific techniques, when exposed to situations allowing them to exploit this feature of their intelligence. These ideas are, then, in conformity with the ones presented in the other studies on the issue (Petrie & Oshlag, 1993; Glucksberg & Keysar, 1993) and appear to confirm the importance of investigating the discourse encountered in educational settings, more importantly the one in which future language teachers are part.

In this respect, according to Cameron (2003), metaphor is signaled by two crucial elements: incongruity (a word or phrase that appear to be conflicting in a

certain context) and the possibility to solve this unsuitability, in which case some elements might help deciding if a word or phrase should be interpreted metaphorically. For example, she notes the expression *on the right track* which is found in a Maths lesson where no real track was available. Discourse, thereby, would be composed of a number of contextual frames – physical, social, interactional, linguistic, conceptual – all emerging from a particular language use.

Cameron elaborates on essential terminology (further details on terminology in section 2.2) in metaphor studies such as Topic and Vehicle<sup>14</sup>, which stand, for the components of metaphor (as explained in section 2.2 – the concept to be understood and the existing knowledge) and the difference between *linguistic metaphor* and *process metaphor*, the first one referring to the metaphorical expression itself whereas the second one presupposes the activation of the domains (topic and vehicle) that will make it possible for the discourse participant to perceive and resolve the actual incongruity.

When referring to the theoretical accounts given to metaphor she has the chance to bring in her criticism to the cognitive account. Cameron opposes the cognitive linguists' focus on mind (rather than on both language and mind), downplaying its interrelated role with language. My view is in accordance with Cameron's since "talking cannot be abstracted from thinking" (p. 26 ).

Another interesting aspect to be dealt with by the author is the affective dimension of metaphor in the classroom. This affective function of metaphor showed to be important within the classroom context as a means to motivate students or ease students' anxieties concerning the common situations faced by them along the lessons. An example to illustrate this facet of metaphor is the expression "you're

---

<sup>14</sup> Lakoff&Johnson (1980) use the terms Target and Source referring to Topic and Vehicle respectively.

on the right track” used by a teacher when dealing with a student who has just answered a question in a way which was not completely accurate.

Moreover, Cameron states that thinking and speaking are a product of *jointly constructed interaction* that can directly influence or change our minds. This is also my belief which grounded the choice taken in this investigation, that is, approaching the classroom setting through reading tasks to be accomplished in a co-constructed manner (Flower,1994). Still, Cameron draws on the concepts of *alterity* that is the gap in understanding which is common and crucial in the teaching-learning context, as opposed to *intersubjectivity*, that stands for this shared focus of attention and perspective constructed by discourse participants. Both are visible in discourse and a locus of metaphor, which is used to connect *spontaneous* and *scientific* concepts present in educational discourse. This particular aspect of the use of metaphor in the classroom appears to be a key feature regarding the relevance of studies whose focus is classroom discourse. Cameron’s long term investigation signalizes the strong tool which metaphor becomes within a lesson in terms of helping learners to construct meaning of scientific knowledge from an ordinary already possessed knowledge. When a teacher says, for instance, that the atmosphere is “a blanket of gases” the student has the chance to visualize and connect his knowledge of the already known “blanket”, which is commonly used in western society, with the new notion of atmosphere, here as a scientific concept to be learned.

Finally, in accordance with what was commented about Machado (1994) and Lakoff (1993) similar notions of cognition as a net, Cameron also proposes an interesting blending between the Complex Systems Theory – from the natural sciences field – and discourse (analogically describing the nonlinearity of

metaphor components over time). According to that, discourse participants are in continuous co-adaptation throughout the talking and thinking interaction. I believe that this idea corroborates the image of cognition as a net and particularly agree with Cameron concerning the possibility that such continuous change may signal learning or conceptual development. In these terms, metaphor through alterity would have a great impact within the learning process.

In the next section I will end this review of literature by visiting some important ideas related to the possible interference of cultural differences in constructing meaning of metaphorical expressions.

### Metaphor and Culture

According to Kövecses (2005, p. 294) “it is not possible to study the mind in a serious way without the study of culture”. Taking such an idea into account together with the notion that our mind is metaphorically grounded, as it has been mentioned before (See section 2.1), the interplay between metaphor and culture seems to be crucial. Therefore, an investigation whose focus is to observe metaphor in language and mind cannot ignore the impact of culture in our reasoning of the world.

As a result of this notion of metaphor as a powerful instrument in shaping reality, scholars started to turn their interest to the possible variables whose strength would cause metaphor to have nuances within different individuals or distinct speech communities. In this sense, culture<sup>15</sup> appeared to play a key role in the way our mind is metaphorically conceptualized and a number of contemporary studies (e.g. Boers, 2003; Deignan, 2003; Gibbs, 1999; Kövecses, 2005) focused

---

<sup>15</sup> The concept of culture in this investigation is the one adopted by Kövecses, 2006: “culture as a set of understandings that characterize smaller or larger groups of people.” (p.1)



on unveiling this thread woven between metaphor and culture. These studies came to interesting outcomes that cannot be put aside, namely: a) in spite of the outstanding connection between universal bodily experience and metaphor the way such experiences are interpreted may vary across different cultures (Gibbs, 1999); b) the use of figurative language by a certain community may come as a reflection of this community's conceptual system and world view (Boers, 2003); c) different cultures may have different folk beliefs about attributes of a certain source domain; or d) a certain source domain may be less salient within different cultures (Deignan, 2003) and e) a human mind is "equally the product of culture and embodiment" which means that mind, culture and embodiment are likely to be in a "mutual interaction with each other" (Kövecses, 2005 p. 294).

In this sense, Gibbs (1994) suggests that our metaphorical thought and language arise from the cultural world due to the fact that they (language and thought) are mental entities internalized in our heads. In a very interesting way, Gibbs intertwines metaphor and thought through the image of cognitive webs "that extend beyond individual minds and are spread out into the cultural world" (p. 146). I share this view which also seems to endorse the ones advocated by Lakoff (1993) and Machado (1994) (See section 2.2 for further details).

This image of thought and language as cognitive webs encourages me to claim that the metaphor of cognition as a Net that grows into a Web allows thought and language to be in a continuous relation, causally-dependent or not, where the dots connecting the ribbons of this Web are the meanings to be constructed throughout our lives. And as mentioned before, this web of meanings would be affected by the cultural specific contexts within which a person is.

Also, the socio cultural approach (Leontiev, 1981; Luria,1976; Vygotsky, 1978) appears to ground the perspective above since it sustains that “it is the continuous internalization of the information and structure from the environment and the externalization of internal representations into the environment that produce high-level psychological functions” (Gibbs, 1999 p. 152), so it can be argued that cognition would result from the encounter between the body and the world, which is not only the physical world but also the cultural world, as suggested by Gibbs (1999).

A concept that, consistent with this research study, arises from the studies which attempt to identify the interface between metaphor and culture is that of cultural models. According to Gibbs (1999, p.153) these “shared cultural schemas” cause a huge effect in the way we “interpret experience and guide action” within a great deal of domains one is in contact with. Such domains, he mentions, include “events, institutions, and physical and mental objects”. Boers (2003, p 233) observes that source domains “may not be available for metaphorical mappings in all cultures”, which highlights the relevance of culture specific aspects in mind and language.

Deignan (2003) draws attention to the fact that there might be cases in which some metaphors can be frequent in one language but rare or inexistent in another. In brief, when encountered in more than one language, the frequency of certain metaphors may vary within these different languages. This assumption signals possible differences within different communities or people belonging to the same speech community. On the other hand, as pointed out by Gibbs (1999) a cultural

model possibly reflects a far-reaching cognitive model from speakers of the same language.<sup>16</sup>

An example often used by researchers to demonstrate the connections between metaphor, embodied experience and culture (e.g. Deignan, 2003; Gibbs, 2003; Kövecses, 2005) is the metaphor of ANGER AS A HEATED FLUID IN A CONTAINER. This conceptual metaphor, expressed through metaphorical expressions such as: “He’s just blowing off steam”, “He was bursting with anger”, “She blew at me”, firstly, appears to confirm the notion that embodied experience gives rise to metaphorical reasoning (Lakoff, 1993) and that may (or not) constrain speakers’ understanding of language.

In terms of culture-specific impact, a study conducted by Lakoff and Kövecses (1987) suggests that the understanding of anger in English would constitute not only a cognitive but also a cultural model and that the different metaphors or metonymies about anger would map onto different parts of this model. In a comparison among four different languages (American English, Hungarian, Japanese and Chinese) it was possible to find out a five-stage model for the four cultures in their folk understanding, as follows:

(1) cause  $\Rightarrow$  (2) existence of anger or its counterpart (in the form of a force)  $\Rightarrow$  (3) attempt at control  $\Rightarrow$  (4) loss of control  $\Rightarrow$  (5) expression (Kövecses, 2005 p. 197)

Such a model for anger can also be translated as a “highly schematic model”, that is, the “basic skeletal structure” of anger within the four languages under analysis, which makes a point in regards to the cultural model but leaves a gap behind the issue of how metaphor can create such models. This question also posed by Kövecses appears to find an answer when considering the mappings within a conceptual metaphor. According to the author certain metaphors play a crucial

---

<sup>16</sup> According to Kovecs (2005) cultural models “are best conceived as any coherent organizations of human experience shared by people” (p. 193).

role in the definition of a particular model for a concept, that is, these mappings would not only *reflect* a certain cultural model but they would play a *constitutive* role in the “construction of the basic structure of the folk understanding” of a source domain in different cultures.

When tackling the issue of literal versus metaphorical understanding of concepts, a term coined by Kövecses (2005) as “supraindividual level of conceptualization” appears to account for the difference among such reasoning. This *supraindividual level* would explain why certain abstract concepts believed to be literal due to their level of conventionalization in a speech community are yet metaphorical. Such concepts are understood as metaphorical as a result of the “static and highly conventionalized system of mappings between physical source and abstract target domains” (p. 224). To illustrate that, the author uses the metaphor of MARRIAGE AS UNITY. Although scholars like Quinn (1991) asserts that there would be an expectational structure of marriage (i.e. the cultural model for marriage) that selects the adequate conceptual metaphors, others like Kövecses believe that metaphors constitute the cultural model (i.e. the expectational structure of marriage). In other words, the basic experiences we have would select the conceptual metaphors and these metaphors would then constitute the cultural models. Therefore, the expectational structure of marriage would be yielded from a certain conceptual metaphor, in this case, NON PHYSICAL UNITY IS PHYSICAL UNITY  $\Rightarrow$  MARRIAGE IS UNITY.<sup>17</sup> I share this view.

---

<sup>17</sup> According to Kövecses (2005) the expectational structure of love based on the UNITY metaphor would be the following: “Marriage is a union of two people who are compatible with each other. The two people perform different but complementary roles in the relationship. Their union serves a purpose (or purposes) in life.” (p. 222). From this generic-level definition emerges some others: “ a) Because a part by itself is not functional, people want to share their life with another in marriage; b) Because only one or some parts fit another part, people want a compatible partner in marriage; c) Because (to get a functioning whole) a part must perform its designated function, people want to fulfill their designated roles in a marriage relationship; c) Because wholes have a designated function to perform, marriage must be lasting”.

It is relevant, however, mentioning a point made by Kövecses towards the significance of Quinn's view on the issue of literal understanding versus metaphorical understanding. The author claims that in real discourse we may use metaphorical expressions based on an already existing metaphorical understanding of model of a target domain instead of a metaphorical expression that is constitutive of the same target concept. It means that some metaphorical expressions we use in real discourse situations could emerge from "a prior understanding (metaphorically constituted and literally taken) of the target as cultural model"(p.224).

Such an idea can be observed within the general metaphor ABSTRACT COMPLEX SYSTEMS ARE BUILDINGS – from which the following submetaphors arise the THE CREATION OF ABSTRACT STRUCTURE IS BUILDING, ABSTRACT STRUCTURE IS PHYSICAL STRUCTURE (OF BUILDING), ABSTRACT LASTINGNESS IS THE STABILITY OF THE PHYSICAL STRUCTURE (TO political discourse (domain) through Gorbachev's metaphor of the COMMON EUROPEAN HOUSE  $\Rightarrow$  EUROPE IS A COMMON HOUSE. The concept of political structure in this situation would be composed (and then constituted) by the mappings of the general metaphor mentioned above as well as its submetaphors. This can be exemplified by the sentence below found in Mussolf 2001 (as cited in Kövecses 2005):

"We want a Europe that's not just an elevated free trade area, but the construction of a house of Europe as laid down in the Maastricht treaty." (The Guardian, July 6, 1994)

The fact that goes in line with the discussion above is that at that historical moment many other expressions, which were not directly related to the metaphor of BUILDING, were used by the Press. Entities such as the roof, occupants, apartments and even the fire escapes were also often mentioned (Mussolf, 2001 cited in Kövecses 2005) as the example below appears to demonstrate:

“The European house is a building with no fire escapes: no escape if it goes wrong”

According to Kövecses such example shows us that any component of a certain source domain can be used when it “fits the elements of the target”(p. 236).

In accordance with what was mentioned above there is the *scope* of metaphor (Kövecses, 2005), that refers to “the number of target domains which a particular source domain can apply” (p. 154), and might vary between the different languages within the same conceptual metaphor. This cross-cultural difference might happen due to what Barcelona (2001) calls *metaphorical transparency*, that is, the level of transparency a certain metaphorical expression has in a language in comparison to another.

Given the ideas and examples already discussed it is important to seal this section with the crucial interplay among metaphor, culture and ideology. It has been said before that culture-specific aspects play a role in differences towards metaphorical concepts and expressions. Then it seems to be adequate and relevant to look a little further into the direction of possible cultural-ideological features on this theme. In regards to that Kövecses sheds bright light on the issue by observing the metaphor LOVE AS JOURNEY in American English in contrast with Hungarian language.

Although used in resembling ways, cultural-ideological traits appeared to affect the way in which the conceptual metaphor functions. For instance, when referring to the sentence “We’re just spinning our wheels” (p. 157) both agents are making an effort to keep the car (relationship) forward, which signalizes a goal-oriented and positive attitude in order to achieve their objective. Conversely, the Hungarian version of the sentence (here in English) “This (already) superfluous effort” (p. 157) suggests a much less positive tone in terms of achieving the objective of succeeding in the relationship (and in the journey), which would also express “resignation and a tendency to give in to forces that are beyond one’s control”, as

well as a much more explicitly notion of the “superfluous effort and energy in something that does not work”(p. 159). According to Kövecses it would have close relation to the different attitudes, within these two cultures, in regards to obstacles to be faced in life, which would unveil a more or less success-oriented reaction to them. Although I see his point, I also believe that the level of importance given to the love relationship itself as something that *describes one's success* in life as a whole, may contribute to this difference between the two speech communities' metaphorical expressions usage.

In terms of culture and ideology, an issue that I want to bring here due to the fact that it is consistent with these aspects, is the one of the social-physical reality of metaphor (Kövecses, 2005). My belief is that the connections among culture, ideology and the physical and social reality, which is a locus of metaphor, may enlighten the ways within which the analysis will be carried out.

By social-physical reality I mean the presence of metaphor through things other than a concept or a word, that is, the group of things in which we may find more or less concrete entities, such as the ones concerning our social and cultural practices. As examples I can mention any “institution, action, activity, event, state, relationship” (p. 164), that is able to be materialized as source domains. In fact, such *physical* conversion may often be observed through visual representations, for instance, in a dance, in the design of a classroom, through gestures, in a picture, in a stage, in a religious ritual and even in the lay-out of a newspaper or magazine.

Besides, as suggested by Kövecses “the entailments of a source domain can convert into *social-physical* reality” (p. 164). George Lakoff provides some relevant examples in accordance with that when he visits and analyzes the

discourse of the American media and the US government's discourse about the war in the Gulf. Lakoff (1991) discloses the means used by the American media and President Bush to justify the war in the Gulf. The metaphors and metaphorical expressions used by both were an essential and strong instrument to change the horror of the war into something acceptable and even desirable by the American population and the global community (Section 2.3 goes deeply on the issue). Another example provided by Lakoff, 1993 (as cited in Kövecses, 2005) is the one in which he analyzes the discourse of President Bush regarding drugs. Such discourse (based on Bush's Address to the Nation) is pervaded by three conceptual metaphors: 1) DRUGS ARE EVIL SUBSTANCES FLOWING INTO THE COUNTRY; 2) BEING DRUG-DEPENDENT IS HAVING A DISEASE, and 3) DRUG USERS ARE ENEMIES (TO BE FOUGHT AGAINST). These metaphors produced a set of consequences in terms of the social policy to be employed. Separately, the first one conveys the notion that such problems come out of the country, i.e. they are not a problem whose origin is found inside the borders of the US. The second metaphor tackles the issue of drug addiction as a disease that as such should be treated in a hospital or the like, such a metaphor could consequently trigger the investment in hospitals (health-care) or the development of specific drug-treatment programs. On the contrary, the third metaphor gives off the concept that there is a war in which the enemies (i.e. drug users) must be fought against, which can have as a consequence the support to programs or funds whose objective is to provide more police force, penal institutions and harder punishment in regards to drug addiction.

In the next section I shall direct the attention to studies developed in Brazil within the new paradigm undertaken by metaphor.



## Metaphor Studies in Brazil

Since 1995 metaphor studies in Brazil have received a different sort of attention from scholars. In that year some researchers originally from Applied Linguistics and Literature fields initiated a group of studies on metaphor at PUC-SP (Pontifical Catholic University of Sao Paulo, Brazil). This group of studies named GEIM (Group of Studies on Indeterminacy and Metaphor)<sup>18</sup> started to develop research grounded on the new account given to metaphor by Lakoff and Johnson (1980), i.e. as a “fundamental cognitive operation”<sup>19</sup>

This group has been developing research on the impact of metaphor within social practices in language, particularly reading. Such a perspective has inspired a number of researchers so far (e.g. Canola, 2000, Moura, 2002, 2006; Nardi, 1996, Vereza, 2001, Vieira 1999, 2004; Zanotto, 1990, 1998). This investigation, then is encompassed by this research group on metaphor within this new perspective of metaphor, that is, as an essential element of our conceptual system.

On the issue of metaphor and co-construction of meaning<sup>20</sup> there are some studies to be brought forward which can assist the reader so as to observe the fruitful context encountered in Brazil in the field. Besides, such studies are consistent with the research design of this investigation, as follows.

Vieira (1999) investigated how readers deal with metaphors in poetic texts through a qualitative and interventionist research (approach also followed in this investigation), in which meaning was jointly constructed in a FL setting. Her study was based on empirical work in FL classes through group reading, and analyzed the procedures used by FL readers while co-constructing poem reading. The

---

<sup>18</sup> GEIM is coordinated by Professor Mara Sophia Zanotto, from PUC-SP

<sup>19</sup> In GEIM profile on the web. Full information about GEIM can be found at [www.cnpq.br](http://www.cnpq.br).

<sup>20</sup> See section 2.3 in the Review of Literature, on this issue.

results demonstrated that different types of texts and metaphors required from the reader different reading procedures.

Under the same framework Cardoso (2006) investigated how Brazilian high school students made sense of metaphorical expressions encountered in song-lyrics within the jointly-constructed meaning design having scaffolded assistance (Wood, et al, 1976). The outcomes appear to sustain that collaborative work facilitates meaning comprehension regarding metaphorical expressions. Besides, the results showed that students resorted to use of their mother tongue to access new vocabulary meaning. Such result corroborates the one found in this research study since undergraduate students (who are the participants in the study) also made use of their mother tongue to co-construct the meaning of the texts they read as well as to express their opinions concerning a new and complex issue.

In the same way, Romanini (2006) found out that students also resorted to group construction of meaning when requested to explain or identify verbal or visual metaphors. The author makes a point suggesting that metaphoric competence and reasoning must be taken into account within classroom settings and highlights the importance of co-construction of meaning under this paradigm.

Still on the issue of metaphor and discourse Canolla (2000) investigated the discourse of a group of workers talking about the house organ of their enterprise. The focus of this study was on the metaphors produced by those workers in order to express the conflicts originated within the relationship between the situation itself and the way it was depicted by the house organ. One of the outcomes encountered revealed that the image portrayed by the house organ was inconsistent with the reality faced by those workers.

On the other hand, Barreira (2003) studied the discourse of a group of students reading magazine texts. This case study aimed to investigate the strategies FL learners use when reading metaphorical language in the title of those texts. The outcomes showed that due to their proficiency level, cultural background differences between metaphor producers and receivers and readers' beliefs about specialists' and learners' role with regards to co-construction of meaning, students faced difficulties to interpret metaphorical meanings arising from the word-games in the titles.

Lucena (2006) focused on students co-constructing the metaphorical language texts about economy. The author replicated a study carried out by Boers (1997), which intended to investigate the influence of different clusters of metaphor on readers' comprehension and decision making. Similar to this investigation, the author used texts in Portuguese and came to the conclusion that metaphors may influence students' reasoning of the world and as such they shape reality.

The studies mentioned above inspired many decisions made along this investigation and contributed to insightful gatherings within the analysis period of which I am grateful to. To sum up, this chapter discussed essential notions within the metaphor field which are tied to cognition, discourse, language learning and culture. My intent was to provide the reader with an overview of the theoretical background underlying this investigation, so that ideas could find resonance in the analysis to be found in the fourth chapter.

## CHAPTER III

### Materials and Methods

This chapter aims at summarizing the decisions made in terms of the research methods underpinning this inquiry and presenting the data collection period in its whole. In order to do so, I will describe the sort of investigation carried out. Furthermore, a detailed description of the data collection period including participants, setting and recorded classes will be performed.

#### 3.1 Research Methods

As advocated by Nunan (1992, p. 3) research “is a systematic process of inquiry consisting of (...) 1) a question, problem or hypothesis, 2) data, 3) analysis and interpretation of data”. Together with those essential components it seems crucial to add the other specific elements encompassing this research as follows.

Firstly and more importantly this is an exploratory-interpretive (Nunan, 1992) study in the sense that it attempts to approach the classroom setting, which is this research setting, within a qualitative approach in which data will be analyzed and interpreted. It is important to highlight from this main definition that this investigation is naturalistic and interpretive in its nature, in which no statistical analysis or experimental approach was performed. In doing so, this study aims at investigating “things in their natural settings, attempting to make sense of, or interpret, phenomena in terms of the meanings people bring to them.”(Denzin & Lincoln, 1998 p. 3).

Besides, the data yielded from the collection period will be analyzed through the lenses of a RESEARCHER AS BRICOULEUR. Such conceptual metaphor embodies and engenders essential ideas permeating the investigation in its core. As bricolage I mean a multimodal approach that takes its form along the investigation, having under focus the various perspectives that might be accessed to interpret natural phenomena. Bearing in mind, however, that in spite of the multi-method view of investigation, encompassing interviews, questionnaires, written data, oral data, observation and so forth, “objective reality can never be captured.” I acknowledge that “research findings have political implications”, as well as that the incoming outcomes represent “the researcher’s images, understandings, and the interpretations of the world or phenomenon of the world under analysis.” (Denzin & Lincoln, 1998, p. 4)

In this manner, Prior (2007) reminds us that if the Bible is read by a religious person within a religious setting it will certainly receive a different reading from the one made by an archeologist or a Marxist. Such example illustrates how decisive is to be aware of the distinctive ideological features permeating the possible readings of real phenomena. That is a strong point to be considered to support the reason why an ethnographic approach to data is necessary, once it goes in line with the premise that the “social world is an interpreted world, not a literal world.” (Altheide & Johnson, 1998)

Ethnography, within the paradigm taken up by this investigation, assists the study of the characteristics of a group of participants (real readers for this purpose) in a real setting, that is, real world, making it possible for the researcher to investigate the culture-specific features involving the group. A real classroom setting, with real readers of real texts is, then, a rich atmosphere from which the analysis may

evolve. Reaching this social and real environment, that is the research setting, also allows the researcher to trace a broader picture of the participants engaged in the research process, especially when dealing with a research goal whose dimension is closely connected to social and cultural issues within discourse. I also want to stress another significant aim of this investigation that is to intervene within the classroom selected for this investigation. Such premise is based on the principle that any kind of intervention may resonate along other people's minds and actions, which might bring opportunities for multiple reflections and a change of paradigms or even *status quo* modification. In fact, for Kemmis and McTaggart (1988) this sort of intention is able to produce what is called action research, that as commented by Nunan on Kemmis and MacTaggart's words says that this "impetus" to change the way things are posed, that is to change the system is what an action research is grounded on (p. 18). It is relevant to acknowledge the notion brought by Nunan who claims that action research must not result in any change. According to the author if the research is carried out by a classroom teacher investigating his/her own context, having a group of learners as their participants and being supported by a real problem, data and analysis, changing the system is not a requisite. This study, nevertheless, as it will be approached in the analysis chapter appears to have triggered valuable reflections regarding the MST's purposes, actions and media representation among the participants as reported by them in the final evaluation questionnaire.

Furthermore, due to its focus on a specific group of participants, that is, students of a graduation course classroom, this investigation is also to be considered a case study. Case studies are similar to ethnography in the sense that both pursue to investigate phenomena within their context, but they encounter clear differences in

two specific aspects: a) the scope of ethnographers is broader than the one from case studies practitioners (limited in its terms), b) the possibility of a case study to enclose qualitative and statistical data. (Nunan, 1992, p. 75)

In accordance with what was mentioned above, it is worth mentioning that although a case study aims at delineating a portrait of what is happening in a certain group of participants within a specific context, this objective encapsulates a point of view, being more objective than other kinds of research as observed by Nunan (p. 77).

In other words, this section aims at describing the approaches given to the research setting and participants in terms of methods to be considered. In a review style I visited the different but complementary facets of this study design. This sort of recall is essential for the reader to understand the analysis to be made afterwards in order to provide the reader with an opportunity to reach their own conclusions with regards the outcomes. In the next section I shall focus the attention to the research materials within this investigation.

### Research Materials

The previous sections in this chapter aimed at summarizing some important theoretical concepts and ideas grounding the research process in regards to the empirical period of observation and investigation. Such essential lines of theory, which were selected and elaborated on in the preceding sections, account for the design of the study in practical terms. The following sections in this chapter will then bring a detailed description of this research in progress.

### 3.2.1 The Texts<sup>21</sup>

This section aims at describing the reasons which support the choices in terms of having bilingual texts chosen to be used in the tasks accomplished by the participants.

Journalistic texts in Portuguese and English were selected in order to attain research objectives. It was made with the purpose of reaching the possible different or similar representations of MST in the Press from Brazil and overseas which would give participants a broader chance of discussing, analyzing and comparing their discourses, identifying or not their metaphorical framework. I also want to stress that this investigation was conducted in a FL classroom due to my belief that language classes should not be constrained by the teaching of the linguistic code only. Rather, a reflective attitude towards what is within the code and beyond that could find some room within a FL class.

A priori, some texts from Rodrigues (2002) corpus were collected and selected but since they were not compatible with participants profile and did not fit the tasks design, they were further abandoned. Rather, news reports from the British newspaper *The Guardian* and the Brazilian magazine *Veja* were chosen. Furthermore, photographs about MST marches publicized by *Veja* and the MST website were used to structure the tasks.

The reason to choose texts from *The Guardian* was primarily due to this very first idea of having Rodrigues (2002) corpus read by the participants, and later because its availability, since it is a foreign on-line newspaper whose archives' download is free of charge. Moreover, some aspects highlighted by Rodrigues (2002, p. 10) were also taken into account:

---

<sup>21</sup> Texts in Portuguese in Appendix H. Texts in English in Appendix I.



The newspaper's position within the print media sphere as one of the highest quality papers in circulation in the country,  
The newspaper's nationwide distribution which makes it a potentially and widely read paper,  
The newspaper's coverage of a large number of relevant news items,  
The newspaper's detailed and extensive coverage of home and overseas news,  
The newspaper's notoriety for being one of the most credited and influential national papers,  
The newspaper's long-standing reputation for being one of the best quality papers in the country,  
and  
The newspaper's well established image before its readership.

These aspects were also taken into account with regards to having *Veja*'s reports within the selected texts. Furthermore, *Veja* is definitely a well-known Brazilian magazine that can be easily found in a large number of newsagents throughout the country, having a well-established reputation among its readers.

The decision of having texts not only in English but also in Portuguese structuring the tasks to be applied fall within the criteria in this study of providing the participants with opportunities for discussing, analyzing and reflecting on the representations of MST under different perspectives, that is, the way the social movement is portrayed nationally and internationally, possibly spotting these newspaper's and magazine's metaphorical framework and discourse. In doing so, participants might be able to jointly construct or reconstruct their views concerning the movement and also their beliefs in regards to the language classroom practice, seeing it as an atmosphere in which social political issues from their country might be addressed and discussed. Such decisions appear to be particularly relevant taken into account that the participants are a group of future English teachers.

Moreover, it is important to point out that the significance of this choice also lies in the cross-cultural design and interventionist scope of the study, in the sense that participants will be exposed not only to a perspective come from the media in their country but also a foreign one, having opportunities to make connections between

such representations and their previous ideas in regards to this theme, reflecting on their former values and beliefs and the metaphorical framework beyond the lines.

It is important to highlight, though, that the main objective is not to analyze the metaphorical expressions encountered in these texts but to investigate the discourse of participants when confronted to metaphors within these texts and images. However, one of the steps of this research process was checking if the texts chosen primarily at random would be a locus of metaphor. Once the first search and collection of texts was made on both *Veja* and *The Guardian/The Observer* websites, it was necessary to observe which ones would better fit the objectives.

After that, in order to provide students with the chance of having different views in regards to the representation of the movement in the Press, a set of images originated from *Veja* magazine and MST's records was transformed into a slide show<sup>22</sup> composed by the same number of images from each of the sources. The aim was having the same number of images contrasted, that is, the same number of positive and negative images provided by these two different sources. Clearly, the images obtained from *Veja*'s website on a special issue about the MST had a negative tone. On the other hand, the images collected on MST's official website were in a positive fashion.

Next, the first written text<sup>23</sup> read by the whole group of participants was in English, had a neutral tone and was filled with a good number of metaphorical expressions under the conceptual metaphor of war, such as *allies*, *power*, *hostage*, *conflict*, *march*, and words connected to camping, like *tent* and *camp* which ended up triggering the conceptual metaphor of adventure. This amount of possibilities

---

<sup>22</sup> Slide show pictures in Appendix K

<sup>23</sup> TEXT I in Appendixes B and I

was in line with the purposes of the task, making the text acceptable for the activity.

Then, participants were exposed to the reading of texts in English and Portuguese, as well as searching for texts on their own, all of them about the MST. The texts would be used as documents in the following class. I decided to provide them with three texts in English and three other in Portuguese, each one of them for a different group. After that, all of the six texts were exchanged and read by all the groups. Besides, three other texts<sup>24</sup> in Portuguese were assigned for reading during class due to time constraints, in order to guarantee that all the groups would take similar reading periods in class. Since the texts in English were complex, the readings in English took longer than the ones in Portuguese, which could cause lack of engagement of the class group work as a whole. In short, the first reading was made within the different groups with one or two (in case of a Brazilian one) distinct text each. Later, all the groups had access to all the texts, as well as the comments made by each group. Together with these readings, each group received a poster<sup>25</sup> with an advertisement published in *Veja* magazine about the Landless Movement where a large number of *Veja* covers on MST were gathered.

### Research Setting

This section comprises relevant information regarding the setting and participants of this study. It also recalls in a little more detail the research question previously presented in Chapter 1 together with two other secondary questions and the assumptions underlying the study.

---

<sup>24</sup> Texts in Portuguese in Appendix H

<sup>25</sup> Poster with *Veja* covers in Appendix J

### 3.3.1 Selected Setting

A group of undergraduate language students qualifying to be Portuguese and English teachers at a private University in Tubarão, SC, was the group selected to take part in this investigation. This group was composed by twenty-eight students in all, twenty-seven of which were students of English IV and one was a student of International Relations who was attending the classes under a special purpose that is to attend a discipline in another graduation course as required by the International Relations Course Curriculum.

All the regular students of the discipline of English IV were invited to join the investigation period, however, the International Relations student, who was usually assigned with home activities, did not attend the classes in which the data was collected. On the familiarization class day, in which students had their first contact with the design of the study, permission was granted both by the students of the discipline and by the class teacher for the research to be carried out in that classroom setting.

The regular materials used in class by the teacher, which will be referred as Maria Carolina<sup>26</sup> in this investigation, comprise texts and tasks from different course books whose approach is communicative. The teacher also provides song-lyrics comprehension activities together with tasks related to movies, but at the period this research took place, the teacher was working on a book review with the students. They were accomplishing oral and written tasks on Dickens's *Oliver Twist* novel. This means that students were used to having reading in class and at home due as tasks assigned by the teacher. But the teacher during our first

---

<sup>26</sup> The class teacher and the participants chose a pseudonym to be used in this study within the last encounter.

meeting told me<sup>27</sup> that she had never brought political or social issues to be discussed in her classes. She believed that “it was an extremely relevant topic to be dealt within a classroom setting” (personal communication) and that was one of the reasons why she allowed me to carry out this research in her classes.

The discipline of English IV lasts one semester and classes occur once a week on Saturday afternoon. Each class lasted about three and a half hours (from 1 to 4:30 pm) with a fifteen minute break. This discipline is part of a special calendar of Languages course, in which students study on Thursday nights, Friday nights, Saturdays mornings and afternoons; which means that the English IV took place in the last period of this weekly academic schedule. In addition to this discipline, students have Brazilian and North American Literature as well as Portuguese in the same semester. English IV classes were taught in English, but the teacher explained (personal communication) that she “used Portuguese instead of spending a lot of time to explain a certain expression”, and only if it was necessary.

The students of English IV classes were enthusiastic regarding studying a foreign language, although as the teacher (Maria Carolina) mentioned (personal communication) some of them preferred Portuguese to English. When asked why there was this preference for Portuguese among students she stated that the design of the English curriculum was focused on grammatical items which would “frustrate students” and her classes differ from the “traditional” English classes

---

<sup>27</sup> It is important to mention that Maria Carolina has been a close friend of mine for at least 10 years. This friendship had positive and negative impact on this research. First as a positive feature, I would like to remark her engagement within the data collection process playing an active role in regards to the design of the tasks and feedback from the students. Conversely, this friendship also yielded some delicate moments in terms of the analysis of data and the detachment I would like to have had from the class teacher under observation. I believe that the intimacy between this researcher and the class teacher caused some anxiety which ended up bringing the researcher to the position of being a teacher in class at times. This way the personal rapport not only helped but also constrained some of the intentions I had concerning the investigation.

attended by the students since her approach was communicative. That may explain the fact that they got motivated to take part of the study.

The teacher and I had weekly meetings to discuss the tasks to be presented in class. A priori, I would be only observing classes. After the first class, though, this criterion ended up being more flexible concerning some activities in which I noticed or was told that Maria Carolina was not comfortable with. That is the reason why I intervened when necessary or when requested to do so by the teacher.

When attending one of Maria Carolina's classes before the beginning of the data collection period I noticed that they were composed by oral and written task based activities. Students were motivated to speak and express their opinions on the topics presented in small groups or when addressing the whole group. This design was very beneficial because it resembled some features intended by this research study. Furthermore, the teacher's main goal was to teach general English based on real life situations, exposing students to chances of enhancing their critical view of things. These objectives meet the goals proposed by this study. Finally, the teacher wanted to make it clear that she tries to "take care" (personal communication) of each student not only the group as a whole, in order to facilitate his or her learning process.

### Participants

The students who took part in this research were informally invited by the researcher two weeks before the beginning of the official data collection period. The formal invitation (and posteriori acceptance) was then made one week later on the familiarization class day. This group of students was chosen firstly and more importantly due to their openness and eagerness to be part of a research process.

It is also relevant to mention that this researcher had the opportunity to be in touch with most of these participants one semester earlier during an oral expression course which triggered the interest and possibility to have them as part of this study. Their curiosity, ability to deal with new situations, eagerness to share ideas and to help others, which signal their maturity as students of language, were undoubtedly aspects that accounted for the subsequent invitation.

Although they were at the 4<sup>th</sup> semester of Languages their proficiency level was heterogeneous but after some conversations with the class teacher in terms of attitude, motivation and ability to accomplish the tasks, it was clear that the group should be the one to take part in the study since one of its aims was to investigate teachers of English as a foreign language. According to their teacher their level of proficiency would vary between pre intermediate and upper intermediate, which seemed to be adequate enough to the sorts of activities and level of complexity to be confronted afterwards.

With regards to the teacher/researcher contact I could say it was very good since the very beginning. Bonds of not only research interest but also a long term friendship were the ingredients which made the communication easier. Teacher and researcher had regular encounters (once a week) to check tasks content, setting, materials and also to predict possible difficulties to be faced by the participants, adapting tasks to meet the profile of the group. These meetings were quite important and their regularity helped this researcher to make adjustments in the tasks when necessary. Besides the class teacher was also willing to give suggestions and contribute to this process.

Maria Carolina, the class teacher, was an experienced teacher who has been teaching English for about twenty years, eight of which have been dedicated to

university students of Languages from UNISUL. She mentioned that her style as an English teacher differs greatly from most of the teachers working at the university and that, unlike her colleagues, she sees language in use as the key aspect driving her decisions and work. That is, as she is teaching future teachers she needs to show them the “real” (personal communication) uses of language. As a common practice, she argues, most of the English teachers from the university have the grammar as the driving force leading their way of teaching the language. Such a principle is recommended by the course coordinators who believe students should focus on grammar and written production rather than listening and speaking skills. Reading, then, would be part of a non-speaking activity, but as input for written production. Within this context, Maria Carolina sees herself as a teacher who is not to be labeled as traditional, especially under the perspective from the students since most of the English classes follow specific formulas and rules. But she believes it can turn out to be a problem because students prefer to face something familiar rather than new.

In these terms, the class teacher emphasized that students were not used to her communicative style, specifically in regards to dealing with reading comprehension activities, which were always done silently and individually. Although she was convinced that reading activities play an important role in the learning process she mentioned that she would not have many opportunities to work with texts in class. And that must be one of the reasons why students got so motivated and surprised with the design of this research tasks. In the final questionnaire many participants commented on the dynamics and on how challenging the tasks were.



The group of students<sup>28</sup> who took part in this study was composed of twenty-seven participants, four of which were male. Their ages ranged between eighteen and forty-three years old. But twenty-three out the twenty-seven participants have not reached their thirties yet, which means that the group was essentially young. Among all the participants only one had already graduated before. In regards to their experience as students of English thirteen participants formally started to study English in the university but eight have been studying the language for more than six years, which means that in general students had at least two years of deep contact with English. It is interesting to point out that in relation to their school experience as a whole 75% of the group (18 students) spent high school in public institutions.

In terms of reading habits, more than half of the participants 54% read newspapers under a certain level of frequency (more than once a week) and from that 25 % read it daily. Notwithstandingly, only 8% admitted being interested in the politics sections. Since this study was designed having in its core the objective of intervention in the classroom setting, these results appear to be very interesting. Besides, more than half of the participants answered that TV is their major source of information since their readings come mostly from the internet.

When asked about reading strategies, looking up words in a dictionary appeared to be the most frequent one, but it was closely followed by guessing the meaning of the words, which appears to show the good level of autonomy taken by the participants when confronted with difficulties in interpreting a text. Asking someone else the words they do not understand and using online translation engines were rated as very unpopular. And surprisingly or even contradictorily is

---

<sup>28</sup> The profile of the research participants was constructed through the data gathered from a socio-economic questionnaire answered by them which can be found in Appendix C.

the infrequent use of the title of the text as a means to guess its content, which corroborates with Lucena (2006) who found out that this typical top-down model strategy was also very uncommon among the participants of her study.

Furthermore, participants were asked about their future career intentions. Although only 25% of the group were working as teachers, 89 % from the ones who answered negatively to that question mentioned that they wanted to become teachers. From them 75 % wanted to be teachers of English and only 25% mentioned that their only interest would be Portuguese. Another point to be raised is the fact that almost half of the group had the English language as the major motivation to become a student of Languages. This result appears to be related to the participants' high level of engagement along the period. Also, 80% of the participants claimed that they had never had a real opportunity to join a research project at the university up to that moment.

### Designing Material

The tasks accomplished by the participants were especially designed by the researcher for this study, in order to foster metaphorical competence and a critical view of the issue under debate. This way, the activities focused on reading moments in which opportunities for oral discussion and jointly construction of meaning were available. However, students also had chances of expressing themselves individually.

The description of each task will be further given. In the next sections classes will be detailed together with the tasks carried out by participants. Besides, the handouts with the tasks from each encounter can be found in appendix B.

## Classes

The data collection was divided into five classes of about one hour and a half each, including the familiarization class according to what was established by the class teacher in terms of time availability regarding the discipline schedule.

The decision above was made due to students' lack of motivation for the second half of the class since that was the final period of an uninterrupted three class-period journey and they might not be able to accomplish pre-established objectives.

### 3.3.4.1 Class 0

The data collection started right after participants' acceptances were granted. I would like to stress that this study is in conformity with the ethic criteria regarding a research process required by the Ethics Committee from UFSC. In other words, all the participants officially granted their permission for the recordings made in class to be then analyzed by this researcher.

Class 0 was the familiarization class in which participants had an opportunity to face a reading task similar to the ones from the study in terms of complexity and jointly constructed design. The text and the activities chosen for this first encounter were taken from Reading Extra, a multi-level reading activities book, written by Driscoll (2004). According to the author, "The Frog Prince – in the 21<sup>st</sup> century" (p. 104) was designed for upper-intermediate levels and would tackle issues such as politically correctness and sexism through a story-ordering activity. This way, the researcher would be able to observe participants' attitudes and reactions towards a text with a level of complexity equivalent to the one encountered in the texts about the MST.

In the task readers were given fragments of a text about Grimm's' fairy tale *The Frog Prince* in a modern version. In groups they were supposed to order this jumbled story and check specific vocabulary. After that, they were asked to write the final part of the story which was not previously given to them and discuss it in groups<sup>29</sup>.

The class teacher asked the researcher to carry out the familiarization class since she wanted to get acquainted with procedures required by the task. In order to ease feelings of anxiety by the class teacher the researcher decided to accept this request. Regardless the level of intimacy shared by the researcher and the class teacher, it did not appear to have counted as an element which would collaborate to a more confident attitude of the teacher. On the contrary, her reaction seems to be connected with a certain level of anxiety in terms of the performance expected by the researcher and consequently the university in general, since both were teachers at UNISUL. My impressions in terms of some delicate moments to be faced afterwards along the development of the research study were confirmed and the level of closeness between us appeared to constrain some attitudes from the teacher and intentions from the researcher.

In regards to the task itself, participants were first asked if they had already read the original version of the story and discussed the title of the activity in order to make predictions about the text. After that they were given the fragments which took them from fifteen to twenty minutes to order. Students used their dictionaries to look up unfamiliar words but requested the class teacher and the researcher to solve their doubts as well. Although they seemed to be used to handling dictionaries in reading activities, the researcher observed that most participants felt

---

<sup>29</sup> The task to be accomplished in Class 2 was based on this activity.

more confident after checking vocabulary meaning with the teacher and the researcher. This attitude in terms of the strategies to be used when reading a text appears to point out to a low level of autonomy from some participants. This way, I could presuppose that the rapport between teacher and student roles within the classroom was underlain by a hierarchical structure, in which the teacher had a higher position of power and control.

Finally, participants were asked to write a group final part to the story. All the six groups wrote their endings in English but switched to Portuguese when giving further information about it during the whole group reading (reading of all the endings) afterwards. As it will be seen in the next sections participants resorted to their first language in the following classes which suggests that 1) their level of linguistic competence may have constrained their use of their FL during the interaction or 2) complexity of theme to be talked about could have triggered the use of their mother tongue as a strategy to maintain the conversation going. The same attitude was observed by Cardoso (2005) when investigating the co-construction of metaphorical concepts within song lyrics among high school students.

It is important to stress that this encounter was not recorded, but a tape recorder was left turned off at participants' sight in order to give students a real research atmosphere impression.

#### Class 1

Class one took place one week later and was the first encounter in which participants were introduced to the MST theme. The participants were divided into six groups and a tape recorder was made available to each group. In addition,

one group was also video recorded. They were instructed on how to use the tape-recorder and were motivated to take notes when necessary. The class teacher reminded the students about how important their role was in the data collection and asked them to keep focused on the tasks. Due to technical problems two groups were not tape recorded and were asked to take notes of their discussions and main thoughts.

This class had as its main objective to identify participants' previous ideas about the MST, activating their schemata concerning the theme and making it possible for them to share their prior image/definition of the Landless Movement. The lesson was then divided into three main moments. First, participants gathered in their groups brainstormed their ideas concerning MST. After that participants watched a slide show with pictures about the MST. Such photographs were half taken by MST members (were used to illustrate MST website) and half by VEJA photographers (were used to illustrate Veja's Agrarian Reform online special edition). With these pictures in mind participants individually wrote five words about the MST. Finally, back to their groups, participants wrote a definition of the Landless Movement using the more appropriate words from the ones written by each member of the group. They were supposed to reach an agreement on this definition.

It is essential to highlight that the images presented in class will not receive a multimodal analysis since the focus of the tasks is on the written texts. Besides, this decision was grounded in the limitations of this study in terms of time and number of participants.

Class 2

The third encounter with the groups was designed to be the first in which they would be exposed to a text in L2. Participants seemed to be anxious to know what the text would be about as well as the tasks. Nothing else was said at that point in terms of the choice for MST texts, in order to avoid possible interference in the discussions. As mentioned before, some participants appeared to believe that having a position similar to the one taken by the researcher or the class teacher would be more beneficial to them.

The task was divided into four activities based on the familiarization class layout. The text chosen was a two-page article entitled “Brazilians’ long march to land reform”. First, key words from the text (*tent, camp, mass, militants, land, landowners, allies, power, conflicts, agrarian reform, hostage, hope, dangerous, march, people, farmhouse, hypertension, insect bites, movement, action, adventure*) were written on the board and in their groups participants were asked to predict what the text they were going to read was about. This first step was given in order to activate previous schemata regarding the theme and helping students to organize their thoughts in the sense of getting ready for reading their text. All the groups mentioned that the text would be about the MST’s struggle for land, their fights and land reform in Brazil. Just one group got closer to the text main focus which was the marches, since most of the students associated “*march*”, word which was on the board, to the third month of the year, indicating that reading comprehension here was a constrained by a possible lack of vocabulary in FL

The second step taken by the groups was the reading moment itself, to be done individually, followed by a discussion to negotiate on the best title for the text. After that, the groups altogether mediated by the class teacher, voted and

discussed in order to choose the best title among the ones previously created. Finally, back to their groups they individually selected words from the text which had caught their attention by characterizing the MST. As a wrap-up activity they received the text original title to compare with the one chosen by the whole group.

### Class 3

The fourth encounter was designed to serve as preparation for students' last class. Each of the six groups received a text about the MST to be read and analyzed in terms of genre and discourse, three were in Portuguese<sup>30</sup> and the other three were in English<sup>31</sup>. The groups which received the texts in Portuguese were offered the possibility of reading three other texts in Portuguese<sup>32</sup> in class, since the reading in English would probably take longer than the one<sup>33</sup> from the other three groups. After the first reading, all the groups had the opportunity to exchange texts and tasks solutions. All the notes taken by participants and texts were photocopied for every group. Furthermore, all the students received a poster containing an advertisement published in *Veja* magazine composed by a large number of covers on MST with the headline: "Veja, quanto mais você lê, mais você entende"<sup>34</sup>

Texts presented different levels of complexity in terms of vocabulary as well as contrastive points of view. Such decision was made on purpose, since participants' task was designed to prepare them for a debate in the following class, which would be the final encounter. Hence, the bilingual idiosyncrasy of the task was an attempt to observe the possible different/similar constructions of sense

<sup>30</sup> "A lua-de-mel acabou" (March 12, 2003); "Os sem-limite atacam de novo" (April 3, 2002), "Marchando para trás" (October 20, 1999). In Appendix H

<sup>31</sup> "Rural rights activists wreck Brazilian plantation" (March 10, 2006), "Land Grab" (April 20, 2004), "On the frontier" (June 26, 2002). In Appendix I

<sup>32</sup> "A pista é o uniforme" (May 25, 2005); "Sem terra e sem lei" (May 10, 2000); "O que eles querem?" (June 6, 1998). In Appendix H

<sup>33</sup> The groups reading texts in English were assigned with only one text each.

<sup>34</sup> "Veja, the more you read, the more you understand". In Appendix J.



(Vygotsky, 1978) from sources in L1 and FL, allowing participants to recognize or not, similarities or contrasts in the representation of MST in the Press from Brazil and from another country.

In this class, the class teacher was not present, due to an appointment at another university campus. Maria Carolina asked the researcher to mediate the activities by herself and also to stay with the students after the data collection in order to help them with an exam. Thereby, she pointed out that the researcher should make sure students would have enough time to do the exam, which would require in average two hours in a half to be done successfully, and as a result data collection time could not take more than one hour and a half. As a matter of fact, on that day participants were quite focused on the evaluation required by the class teacher and it was really difficult to keep all of them engaged throughout the data collection, which was before the exam.

The task they were supposed to do was to spot the point of view from the author of the text they had received in regards with the MST, listing at least three arguments to support their analysis. In other words, I wanted them to figure out positive and negative ideas about the movement presented by the author of the text, what would expose them to moments of individual and joint construction of meaning of the metaphorical expressions in those journalistic texts.

It is worth acknowledging that this was the only class in which the teacher was absent. It certainly played a role in terms of the attention given to the text by students since that together with her absence there was a graded evaluation to be done. In other words, although the teacher was not physically in class her presence was strongly perceived by the existence of the incoming evaluation.

Indeed, after the beginning of the activity I could notice that participants tried to keep as focused as possible in order to finish it in time for the exam. Besides, in this class I had to count on the help of a colleague to be able to check the tape recorders and camera while I instructed and assisted them during the task.

#### Class 4

Unlike the preceding classes, the fourth formal encounter with the group was meant to last the whole afternoon period, since along pre-discussions with the class teacher, the researcher figured out that the task could take longer than expected to be accomplished. Furthermore, any other requests to the participants had to be made in that encounter because of time constraints. As mentioned before the class teacher had set out a number of five encounters maximum. The researcher had to negotiate a whole class collection to have sufficient time for the final questionnaire (final evaluation from participants).

This class was structured by the tasks assigned in the previous class. The aim of this encounter was to expose participants to a court of law composed by them in which they were requested to uphold or oppose MST's ideas supported not only by their previous readings (especially the ones made in the class before) but also the concepts and ideas they had built throughout their lives in regards to the Landless movement. Those six groups were gathered into four groups and a raffle was made in order to decide which groups would defend the movement together with the ones in charge of opposing it. Although participants seemed to be comfortable with such criterion for group assignment, on second thought due to their requests a change had to be made, and participants were allowed to negotiate with other groups their position concerning the movement. It is valuable to mention that participants appeared to be very engaged and wanted to avoid

supporting an idea which would be in conflict with their genuine opinion. Bearing that in mind, and assuming that motivation would be a key element in interaction, the changes were negotiated and accepted.

As a result, two groups were assigned to prosecute the movement, other three were in charge of defending it, and one group was supposed to be the jury. Each group assignment was handed in class and participants had about thirty minutes to get ready for the debate during which groups could move to rooms other than their own in order to have privacy for preparation. It is worth pointing out that this researcher visited each group along their private discussions and could observe that participants were really engaged, establishing strategies with the purpose of being prepared for possible questions or comments from their opponents. It means that they tried in some level to predict which arguments would be used by the other groups. Meanwhile the jury group was requested to elaborate questions in order to contrast both groups' opinions and arguments as well as questions that would help them to build their decision of considering MST guilty or innocent of committing illegal actions, since a number of actions conducted by the movement to be reasoned as criminal or not were listed. The list of crimes was elaborated by the researcher based on the metaphorical conceptualization of the land issue encountered in the texts in English and Portuguese as well as the ideas brought up by Lakoff (1991) and Kövecses (2005) discussed in the Review of Literature.

After this period of preparation for group debate and the formal court of law, participants headed to the main classroom and placed themselves according to this researcher and the class teacher instructions in order to have a court lay out. The first group to present arguments was "the prosecutors", a group leader was chosen to represent them. After their presentation of arguments attacking MST's ideas,

actions and attitudes, participants from the jury were allowed to make questions as well as the opposing group: “the lawyers”. Next, “the lawyers” presented their arguments and were questioned by the jury and “the prosecutors”. Finally, the jury was gathered at a private place to discuss and reach a final judgment, whether the MST was guilty or not by their ideas and actions. Meanwhile, the other five groups were answering the questions: “Is MST the victim or the villain? Who are MST’s enemies or allies?”. Based on Lakoff (1991), it was meant to provide participants with a metaphoric pattern that would or not enable them to better express their ideas concerning a positive or negative view of the MST.

The second part of the task after the result of the jury’s verdict, which happened to be against the MST, was to write a group definition of the movement. The prior objective was to have this new definition compared with the one from Class 1. Unfortunately, only some participants answered those questions, probably due to the amount of time taken for the first part of the class. The same happened regarding the final questionnaire, whose purpose was to have a closing and recalling analysis from the participants over the research period. Since participants were so engaged and motivated during the Court of Law, more time than expected was required to accomplish the task. Hence, it was necessary to have another encounter for those two important tasks to be attained. That was the reason why an elapsed time task was designed. The encounter ended up being possible in the beginning of the other semester (2007/A). Despite my prior frustration in not finishing the data collection within the expected deadline, this period in which participants were away on their summer vacation, appeared to be positive in terms of their analysis regarding the whole process of investigation.

Fortunately, the present class teacher did not cause any difficulties and accepted my request right away.

#### Elapsed time questionnaire

This questionnaire<sup>35</sup> comprised questions whose objective was to recall and analyze the research period, as well as obtain the present impressions from the perspective of the participants after some time, in this case, a bit longer than three months.

The task was designed based on Barreira (2003), with the purpose of gathering different views of participants in regards to the tasks accomplished, the texts read, the joint construction of meaning, presence and relevance of their reading habits in the research. Besides, I built a pre-designed metaphorical pattern (villain, victim, allies, and enemies – as mentioned in the previous section)<sup>36</sup> which could help them to state or externalize their opinion about the Landless movement. Participants took about one hour to fill in the questionnaire. They carefully answered all the questions, some left extra messages thanking for the experience they had along the whole period.

The following section closes the chapter by presenting in a more detailed fashion the questions and assumptions encompassing this study. Both will guide the analysis to be done in the fourth chapter.

### 3.4 Questions and Assumptions

---

<sup>35</sup> Further details at Appendix D.

<sup>36</sup> After the analysis of the data yielded from the elapsed time definition of the MST I decided to discard that information due to the discrepancies caused by the design of the question. The other questions in the questionnaire had their answers analyzed in the pedagogical implications section.

The focus of this research is concerned with the way which students co-construct (Flower, 1994) the language used in the representation of one of the strongest Brazilian social movements– The Landless Movement (MST) – in the written Press. In this way, this investigation aims at investigating how the metaphorical language used in the written media to either legitimize the MST or not is co-constructed by undergraduate students from Languages Course

The main research question guiding this study is:

How do FL readers jointly-construct conceptual metaphors connected to a culture-specific issue presented in texts in both FL and L1?

This broad question, however, ended up being followed by two secondary questions whose answers may emerge from the collected data. Since it is a data driven investigation such an enterprise was accepted by this researcher, as follows:

a) What are the conceptual metaphors that are co-constructed by the participants influenced by the texts which can be retrieved from their talking-interaction about those texts?

Do participants distinguish any different representation of the land issue in either the Brazilian or the British Press?

Furthermore, the assumptions brought to this investigation are based in the results already presented by Rodrigues (2002) in regards to the representation of the Landless movement in the written Press from Brazil and the UK. Hence, my assumptions are:

Participants will conceptualize the MST within the conceptual metaphor LAND ISSUE AS WAR.

Participants may retrieve the discourse from the The Guardian/The Observer newspaper and Veja magazine.

Participants may distinguish between different representations of the land issue in the texts.

In conclusion, this chapter aimed at giving a detailed overview regarding the empirical part of the research period, in order to provide the reader with all the relevant information to an interactive reading of the analysis, which will be presented in the fourth chapter. In short I explained the materials and methods chosen for this study, the questions and assumptions guiding those choices. In the next chapter, I shall discuss and analyze the data bearing in mind the questions and assumptions previously mentioned.

## CHAPTER IV

### Data Analysis

This chapter aims at analyzing the data collected within the classes attended along the research period, following the theoretical perspective presented in the Review of Literature and Methods Chapter. Due to the number of participants in this investigation together with the time constraints, both connected with any research process deadlines, data were selected and organized as follows having as its focus the relevant moments of co-construction of meaning which were successfully recorded, as well as the notes taken by the research participants, including my field notes. In order to provide the reader with a solid path where to move along within the analysis I shall start by analyzing the talking-interaction moments provided by the participants while reading the texts, in terms of co-construction of meaning and metaphorical conceptualization. Then, an analysis of the written data

will be carried out regarding the domains mapped by the conceptual metaphors present in the discourse of both participants and journalistic texts.

#### 4.1 Initial Remarks

According to Fairclough (2001, p. 19) “there is not an external relationship ‘between’ language and society, but an internal and dialectical relationship”. Hence, linguistic phenomena are social phenomena and as such language turns into an instrument “which mediates the relationships between subjects (...) and becomes the lens through which individuals see the world around them” (Rodrigues 2002, p. 80). Language constructs the physical reality we are within. More particularly, in terms of conceptual metaphors, i.e. cross-domain mappings, Kövecses (2005, p. 164) suggests that even a conceptual domain can “turn into” social physical reality<sup>37</sup>. Under this view language is taken as a powerful tool to be considered not only as an abstract entity but as something tangible in terms of constructing concrete things within the real world. Metaphor, which is a key aspect of this investigation, is pervasive and inescapable (Lakoff, 1991) in regards to two crucial components of discourse, namely language and ideology. Consequently, the social physical reality we are within may be yielded from the discourse of the social institutions which compose society, particularly for the sake of this investigation of media discourse.

As a result, it appears to be crucial to adopt a framework which contemplates not only mental processes but also social processes when researching language. As mentioned in the previous chapters the approach which is pursued in this investigation sees metaphor not only in “*thinking*” but also in “*talking*” (Cameron, 2003). Besides, the focus to be given is on metaphor in *language as use* (Gibbs, 2006), which is encountered within the moments of engagement among speakers while interacting.

---

<sup>37</sup> See section 2.4 for further details.



On the other hand, the discourse of the participants in this investigation will be analyzed in contrast with the discourse presented in the journalistic texts they were exposed to. This analysis will take into account the underlying conceptual metaphors within print mediated discourse. For this reason issues such as ideology and representation will be observed with attention. In respect of ideology van Dijk (1998) proposes a system which would be constituted by cognition, discourse and society which orbits around ideology:

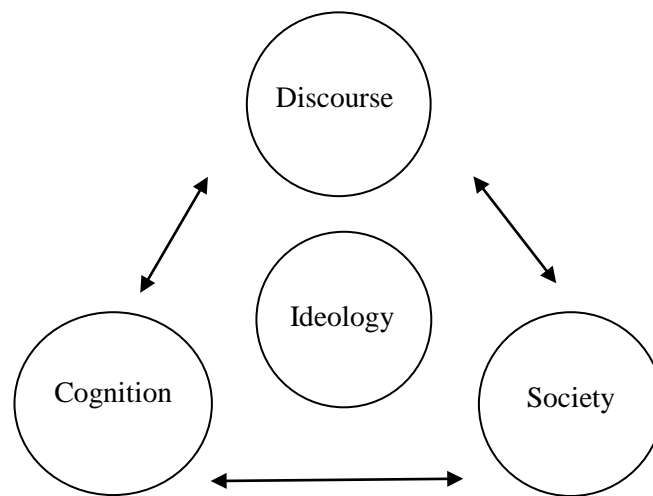


Diagram 2: The pivotal role of ideology – van Dijk (1998)

I dare to add, however, metaphor as a pivotal element within this outline which not only constitutes ideology but also shapes discourse, cognition and society in a continuous and mutual fashion. I propose the following diagram:

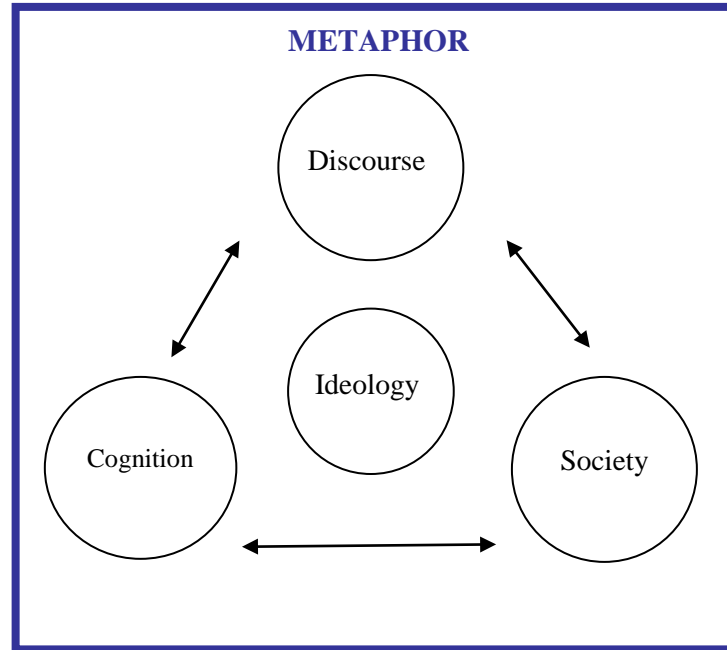


Diagram 3: The pivotal role of metaphor

The assumptions shared by the society as a whole are deeply permeated by the metaphorical concepts which are constructed by the social institutions (e.g. family, school, law, religion, media) this society is made of. In other words, the society shapes and is shaped by the metaphorical concepts which are embedded within the ideologies disclosed (or not) by discourse, which in turn (re)constructs reality. I am not speculating that reality itself does not exist but once it is taken by human beings it will be seen through the lenses of a number of other eyes whose purposes can not be taken for granted.

With this in mind, along the next sections, first, I will provide a detailed analysis of the oral data gathered in this investigation. In doing so, I will also benefit from a study conducted by Rodrigues (2002)<sup>38</sup> which investigated the distinct

<sup>38</sup> The study carried out by (Rodrigues, 2002) investigated the mechanisms used by Written Press particularly in Brazil (Folha de S. Paulo) as opposed to the British Press (The Guardian/The Observer) when advocating the interests, values and ideologies of the dominant elite which would maintain the *modus operandis*. Similar to this study the investigation conducted by that author also focused on journalistic texts about the Landless Movement (MST) and emphasized the pivotal role played by language within the discourse of the media. Also, the author sets out the close connection between the linguistic and social structures which “allows newsmakers to linguistically represent socio-cultural events in ways that they inevitably embed their ideological positions in the print news discourse

representations of the Landless Movement in the written Press from Brazil and the UK. Second, the written data gathered during the investigation will be analyzed in terms of the conceptual domains mapped by the readers during the tasks. In analyzing both the oral recordings and the written notes I attempt to focus on the object of this investigation that is the discourse of participants, within more than one perspective which may (not) corroborate each other.

#### 4.2 Analysis of Oral Data

This section aims at analyzing the talking-interaction moments recorded within the data collection period. With the purpose of providing a reader-friendly design a chart with the successful recordings within the classes is offered below. Furthermore, the analysis will be organized under two particular categories established on the basis of the issues identified in the discourse of participants, namely, polarized discourse and conceptual metaphor of war.

Successful recordings – Chart 1

	Class 1	Class 2	Class 3	Class 4
Group 1		X	X	X
Group 2	X	X	X	X
Group 3				X & Drama
Group 4	X	X		X
Group 5		X	X	X
Group 6	X			X

It is important to acknowledge that the tasks accomplished by the participants were designed bearing in mind both research and pedagogical objectives. More specifically, as research objectives I aimed to 1) investigate how the conceptual metaphors connected to a culture-specific issue presented in texts in both FL or L1 would be jointly-constructed by foreign readers within a FL classroom; 2) identify the

---

and in turn sway inattentive readership” (p. 144). One of the outcomes unveils the biased discourse constructed by the Brazilian mainstream Press (against the MST) when compared to the British mainstream Press, in regards to that social movement.

conceptual metaphors co-constructed by the participants which stemmed from the texts which were retrieved/echoed in their own discourses and 3) observe whether participants distinguished any different representations of the land issue in either the Brazilian and the British Press. Besides, as pedagogical objectives I intended to 1) provide participants with input for a contrastive view of a social political issue which belongs to their community affairs within/from native and foreign perspectives, in a FL classroom atmosphere; 2) provide a myriad of texts on this issue in which students may find metaphorical concepts underlying the representations of the MST in a Brazilian mainstream magazine and in a British mainstream newspaper; and 3) provide participants with an opportunity of experiencing the debate over the land issue on a fictitious design, which could allow them to have a less biased expression of their ideas towards stereotyped discourses about the MST<sup>39</sup>. I will divide the analysis of the oral data into three sections focusing on the periods of pre-intervention, during-intervention and post-intervention, which occurred during the investigation process.

#### 4.2.1 Pre-Intervention Polarized Discourse and the Metaphor of War

This section attempts at analyzing some important thinking-and-talking moments within the period prior to the accomplishment of the reading tasks. More simply, I intend to trace back some of the conceptualizations of the agrarian reform shared or not by the participants of this study before the pedagogical intervention.

In observing the talking-interaction recorded in the groups, I was able to notice that the discourse of the Brazilian mainstream media, which portrays a biased picture of the Landless Movement (Rodrigues 2002), could be matched with the discourse of the participants. In fact, the way the land issue is depicted by the mainstream written Press in Brazil brings up the existence of two groups fighting

---

<sup>39</sup> This is a specific objective guiding the Court role play task which occurred in Class 4.

over the land, namely, the government and the MST<sup>40</sup>. However, the partial position adopted by the media can only be identified through the emphasis given to a threatening nature of the movement which would put at risk the stability of the democratic Brazilian society. Conversely, the government, which is in the opposing field of this battle, is depicted as the defender of a peaceful society. Such message conveyed by this social institution may have the power of being retrieved through the discourse of readers as well as materialized by the possible actions resulted from their conceptualization of the theme<sup>41</sup>. It is important to highlight that scholars such as Reddy (1979/93), Lakoff (1991) Machado (1995), and Kövecses (2005) claim that metaphor has the power of not only shaping reality but also determining actions and reactions which would construct the reality itself. To put it another way, our mental representations can shape reality through an array of actions which will in turn change metaphor into something concrete.

In this respect, participants showed a polarized discourse when referring to the land issue in Brazil. The recordings foreground students' addressing the MST as 'They' or 'Them'. This feature brought up an important mapping triggered by their conceptualization of the theme which stands for the sided positions to be taken within a battle. According to van Dijk (1998) polarization is as other social practices deeply connected to fundamental group ideologies, and "they involve representations of identity, about who WE are and what THEY are and especially about what is good for US and what is not good for US" (p.160) In other words, within this conceptual mapping the MST is depicted as the group belonging to

---

<sup>40</sup> Further information on the discourse of the Brazilian written Press on the issue of agrarian reform, more particularly the MST can be found in Rodrigues (2002) which identified the way the MST is portrayed by Folha de S.Paulo newspaper and The Guardian/The Observer newspaper. The texts from Veja magazine used in this investigation follow the same pattern.

<sup>41</sup> See Kövecses (2005) on the issue of social physical reality of metaphor.

“another side” when addressed as ‘They’, which signals a previous contrary view provided by the participants in regards to the MST. As follows:

Excerpt 1: CL1GR2<sup>42</sup>

- 1 Naise: Então, é uma **disputa de poder** entre **eles** e o **governo**.
- 2 Mila: Se bem que também é entre **eles** e os **donos da terra**, porque o governo às
- 3 vezes apóia **eles**.
- 4 Naise: Claro que não! É entre **eles** e o governo.
- 5 Ale: Ela falou, tá falado.

In the excerpt above participants seem to conceptualize the agrarian reform as sided issue when referring to the relationship between government and the MST as “*dispute over power*” (line 1 – “disputa de poder”). From this conceptualization emerges the polarized reference to the MST as “*they*” or “*them*” (lines 1, 2, 3 and 4 – “eles”) Besides, participants appear to identify the landowners as the ones also fighting for power and supporting the government, “it is a dispute over power between *them* and the *government*” (line 1 – (...) é uma disputa entre eles e o governo), “*between them and the landowners*” (line 2 – (...) entre eles e os donos da terra).

In negotiating meaning over the definition of the MST, participants are placed within a multitude of social, cultural, political and economic forces, which stem from both the external voices and the inner voices comprising their life experiences and previous knowledge. In other words, the interplay of these shaping forces emerges from their discourse within moments of tension, conflict, and divergence which are inherent to language. In both excerpts 1 and 2 participants, in addressing the MST as “They” or “them” appear to co-construct its definition by placing themselves in favor or against the movement, even if this is not a conscious move.

In excerpt 2, in its turn, the conceptualization of the land issue is pointed out by the use of “*invade*” (line 5 – “invadem”):

---

<sup>42</sup> Each excerpt will be numbered starting by number 1 and identified with an acronym composed by the class number and the group number. E.g. CL1 stands for class 1 while GR2 indicates group 2.

## Excerpt 2: CL1GR4

- 1 Laila: yes, **they** are poor. Ô gente, na verdade olhando por um lado mais profundo  
 2 não sei qual o objetivo do MST até hoje + **realmente eu não sei qual é o objetivo**  
 3 **deles**.  
 4 Jujubeleza: **They** want land to plant.  
 5 Laila: Tá, mas **eles invadem** (xxxx)  
 6 Britney: [porque pra **eles** a terra tem que ser de graça]

Similarly to excerpt 1, the word choice for “invade” rather than, for example, “occupy” may signalize a negative perspective of the actions carried out by the movement. The use of “they” (lines 1, 4, 5 and 5 – “eles”) and “them” (line 3 – deles) confirm a sided view of the issue, which is in tune with the conceptualization of the theme offered by the texts in Portuguese. Moreover, participants seem to evaluate the actions made by the MST as pointless, that is, with a low level of significance, since they cannot find a clear objective grounding those acts, as mentioned by Laila who says “I don’t really know what their objectives are” (lines 2 and 3 – “realmente eu não sei qual é o objetivo deles”).

The use of ‘THEY’ when referring to the MST members presupposes the existence of ‘WE’ in regards to the ones fighting on the other side. This way, I am able to suggest that the ‘We’ side is composed by the ones against the MST. This feature points a previous negative position of the participants concerning the movement, since their not verbalized but presupposed use of ‘WE’ places them within that side. In regards to that, Rodrigues (2002) following van Dijk coined the terms ‘ingroup’ and ‘outgroup’ referring to the government and the MST respectively, which account for the sided representation of the theme. Excerpts 1 and 2 above, suggest that such representation was reproduced by the participants. In fact, since the pre-intervention period they seem to have placed themselves within the ingroup, i.e. students appeared to oppose the movement through their word choice and polarized discourse.

In the discourse of these participants the land issue is interpreted as a *fight for power* between *the government* and *the MST*. In the excerpts above participants appear to have already conceptualized the metaphorical concept LAND ISSUE AS WAR which triggered a polarized view of the issue of agrarian reform in Brazil and is in line with the representation of the MST to be found in the journalistic texts in Portuguese<sup>43</sup> afterwards. In reproducing the Brazilian print media representation of the land issue, participants negotiate over outer forces/voices that translate themselves into participants' own inner voices. Conversely, Flower (1994, p. 55) remarks that "like bubbles floating on the broader stream of consciousness, acts of negotiation are moments of potential agency and awareness", which may be triggered by the upcoming intervention.

Yet, it is valuable to highlight that later on in the discussion, a particular mapping is made by one of the groups when referring to the LAND ISSUE AS WAR. Rather than depict a battle field, the image of a Crusade between good and evil is mapped – participants identify "*the degeneration of the devil*" (line 3 – "a degeneração do demônio") and the "*sin*" (line 2 – "pecado") as the "cause" for the "war" (lines 4 and 5 – "mas isso é a causa").

#### Excerpt 3 CL1GR6

- 1 Intelectual: Tudo isso que tá aí é uma **guerra**.
- 2 Cera: Tudo isso acontece por causa da injustiça, **pecado** que seria a base de tudo. Isso
- 3 acontece por causa da **degeneração do demônio** na natureza humana. Só que
- 4 isso não dá pra ser avaliado cientificamente, porque o pessoal não considera. **Mas**
- 5 **isso é a causa**.

Thus, a war in another physical level is portrayed, which might be directly connected with an important cultural aspect to be considered when researching language, that is, the religious background of the group (note that the three of

---

<sup>43</sup> Texts in Portuguese can be found in Appendix H.



them were Protestants). More specifically, in jointly-constructing meaning on the land issue, participants of Group 6 gave voice to their particular conceptualization of war and shaped their representation of the Landless movement within this specific mapping of what a battle should be like. In regards to the underlying conceptual metaphors within discourse Cameron (2003, p. 11) asserts that “actual concepts and relations activated in discourse will vary with individuals and their previous experience and knowledge”, including their values and beliefs.

#### 4.2.2 During-Intervention Polarized Discourse and the Metaphor of War

This section comprises the analysis of the discourse of participants in the third encounter. In accordance to what was found within the pre-intervention period their discourses point to a polarized approach to MST theme and the issues of power which underlie their conceptualization of the agrarian reform in Brazil.

Indeed, the data collected in Class 3 appeared to picture a vivid moment of co-construction of meaning. In that class participants were asked to read different texts in Portuguese and English<sup>44</sup> with the purpose of identifying the point of view of their authors in regards to the MST. In accomplishing the task students could have a chance to reveal their own views on the theme.

The excerpts selected below depict moments of interaction among participants in which meaning is negotiated towards what would be interpreted as positive and negative within the text. The terms positive and negative did not have the objective of triggering a manicheist view of the land issue, but they were used as a means to facilitate an evaluative view of the theme by the participants.

---

<sup>44</sup> Appendixes H and I.

While accomplishing the task, participants seem to realize the presence of more than one perspective to account for the theme of agrarian reform in Brazil, as illustrated below:

Excerpt 4: CL3GR1

- 1 Victoria: Quais são os pontos **positivos**?
- 2 Condolesa Rice: Eles pegam uma fazenda lá que é improdutivo e transformam
- 3 em produtiva.
- 4 S: (xxxx)
- 5 Fernanda: Mas isso é um **ponto negativo**.
- 6 Condolesa Rice: Claro que não, eles pegam a terra e dizem: vamos trabalhar a
- 7 terra.
- 8 Fernanda: Ah é! Exatamente. Então um ponto positivo seria tornar uma terra
- 9 improdutivo, produtiva para eles.
- 10 Condolesa Rice: Não é tornar é transformar.
- 11 Fernanda: Não. É utilizar. Eles vão utilizar uma terra que antes era
- 12 improdutivo agora produtiva.
- 13 Victoria: Mas peraí, **positivo sob que aspecto?** Partindo do sem terra ou do
- 14 governo.
- 15 Ss: **Dos sem terra.**
- 16 S: (xxxx)

The issue of productive or unproductive land is again raised within a polarized fashion — ‘*But wait, positive under which view?*’ (line 13 - ‘Mas peraí, positivo sob que aspecto?’). Participants firstly disagree in regards to the good side or the bad side – “positive” (lines 1 and 13 - “positivo”) or “negative” (line 4 - “negativo”) of changing an unproductive farm into a productive one, but at the end they decide that such a perspective should be taken in regards to the MST – ‘From the MST’s’ (‘Dos sem-terra.’ line15). In other words, this is reading together with the text. In listening the author’s point of view and questioning their own different perspectives the pedagogical purposes of the intervention are taking shape. This approach to class attempted to empower participants to speak their minds without reading by the rules echoed from the text discourses. Cameron (2003, p. 36) asserts that “constructing shared understanding of, or through metaphor in discourse” may enlighten the individual/reader/learner in the construction or restructuring of his own understanding.

In fact, Group 1 first assumptions which appeared to take them to a more supportive view of the MST moved to an ideological framework which retrieves the one encountered in the text:

Excerpt 5: CL3GR1

- 1 S: Mas o que seria um ponto negativo?
- 2 Condolesa Rice: Eles sempre conseguem a terra, mas querem mais, **querem**
- 3 **poder**.(...)
- 4 S: Então vamos colocar que **eles nunca estão satisfeitos**.
- 5 Ss: Isso.
- 6 Baby: Eu acho assim, que existem muitos **conflitos** em ambas as partes, e o
- 7 MST quer resolver muitas coisas na **briga**.
- 8 Condolesa Rice: Mas daí seria em ambas as partes?
- 9 Baby: Claro que sim. Porque daí o **governo reage**.
- 10 Fernanda: Então isso é um ponto negativo.
- 11 Condolesa Rice: Os conflitos, essa **guerra**, muitas vezes por **motivos banais**.

The text which is being referred to by the participants above is “A lua-de-mel acabou”<sup>45</sup>. In this text the MST is associated with expressions such as “invasão”, “fúria” e “desejam o poder”<sup>46</sup>, which arise from the conceptual metaphor LAND ISSUE AS WAR, within the biased picture of the land issue in favor of the government. The sentences “Mas errou quem apostava que sob a administração Lula os integrantes do MST adotariam *comportamento diferente* do que tiveram no governo anterior”<sup>47</sup> and “Sua (referring to the MST<sup>48</sup>) evolução reforça a idéia de que *eles não querem só a terra*.<sup>49</sup>Terra já conseguiram bastante” highlight the emphasis given to the threatening nature of the movement which is finally confirmed by the last sentence of the text: “(...)o MST está contando em sua *nova investida contra a ordem*.”<sup>50</sup>

Comparing the excerpts of the text in the paragraph above to the excerpt 5 , we can stress that the expressions in bold selected within excerpt 5 – ‘they want power’,

<sup>45</sup> The text “A lua-de-mel acabou” from Veja magazine is in Appendix H.

<sup>46</sup> Literally “invasion”, “fury” and “desire for power”.

<sup>47</sup> Literally “But, who bet that under Lula administration the MST members would adopt a different behavior from the one they had in the previous government were wrong”

<sup>48</sup> My comment.

<sup>49</sup> “Their evolution stresses the idea that they don’t want the land only. They have enough land.”

<sup>50</sup> “the MST is counting on its offensive against the order”

‘they never get satisfied’, ‘conflict’, ‘fight’, ‘the government reacts’, ‘war’ and ‘banal reasons’ (lines 2, 3, 4, 6, 7, 9 and 11 - “querem o poder”, “eles nunca estão satisfeitos”, “conflito”, “briga”, “o governo reage”, “guerra” and “motivos banais”) suggest that the conceptualization of the agrarian reform issue by the participants is profoundly influenced by the ideology conveyed by the text. Hence, participants interpret the issue of agrarian reform as a war in which the MST – that is portrayed in the text as a threat to society – is the one which *attacks* since that it is the government the one that *reacts*, together with the idea that it is the MST that provokes a battle for no apparent important reason.

When accomplishing the same task another group chose to negotiate on the text genre in order to spot the view of the author, either as informative or as a text that clearly stated an opinion on the issue. In spite of that, the polarized view of the theme is maintained:

Excerpt 6: CL3GR2

- 1 Mila: Eu acho que o texto...
- 2 Naise: [é um texto **informativo** e não **opinativo**]
- 3 Mila: é
- 4 Naise: **Opinativo**? Existe isso? ((laughing))
- 5 Mila: Não. (laughing)
- 6 Naise: Eu acho que ele é **informativo** e não é + tem outra palavra ++ é ++
- 7 Mila: [aham]
- 8 Naise: ele não dá opinião. Não é opinativo. O opinativo é meu então faço o que
- 9 eu quero. Eu acho que ele apenas tá informando o fato, ele **não está se**
- 10 **posicionando**.

Opposed to the text read by Group 1 which was written in Portuguese (Veja magazine), the text read by Group 2 was in English language<sup>51</sup> (The Guardian/The Observer newspaper) and published in a foreign country. On the one hand Group 1 was able to identify a position assumed by the author, whether positive or negative, on the other hand, the second group in discussing the genre of the text identified a neutral tone

<sup>51</sup> The text read by Group namely “Rural right activists wreck Brazilian plantation” from The Guardian/the Observer newspaper is in Appendix I.

of the author in regards to the MST by mentioning that the text was “*informative*” (line 6 - “informativo”), due to the fact that it was not stating its “position”<sup>52</sup> (lines 9 and 10 – “ele não está se posicionando”), which refers to the point of view of the author.

Such interpretations made by both groups appear to be in line with the discourse present in both texts, that is, the discourse used by participants to discuss the land issue echoes the discourse encountered in the texts. Similarly to *Veja* magazine, the British newspaper uses the word “fight” to refer to the land issue. The difference is a matter of emphasis. The *Guardian*/*The Observer* does not emphasize a negative image of the MST, since its focus is on the discussion of the agrarian reform in Brazil. In fact, in spite of the fact that the text refers to the *wreck* of Brazilian plantations, the word “activists” in its headline, when addressing the MST members, signalizes the tone to be found in the text. This interpretation was successfully made by the participants because they negotiate the use of the term “informative” to refer to its textual genre, and Naise highlights that the text is in favor of the MST since it has used the term “activists” (line 3 – “ativistas”), as follows:

Excerpt 7: CL3GR2

- 1 S: huh-huh
- 2 Naise: Eu acho que o texto já começa sendo favorável porque eles escreveram
- 3 **ativistas.**

However, at the end of the accomplishment of that task the same group appears to embrace a view which is not in accordance with the one encountered within the foreign text. In the excerpt below their conversation over the issue of MST discloses an ideological framework which seems to be aligned to the one adopted by *VEJA* magazine, which is opposed to the MST’s :

Excerpt 8: CL3GR2

---

<sup>52</sup> The expression in Portuguese “não estão se posicionando” can be literally translated as “not stating their position”.

- 1 Naise: É, a **imagem do MST** tem sido caracterizada como transgressores ++
- 2 Mila: Não, **a imagem não né + os MSTs**
- 3 Ale: Tira a **imagem**.
- 4 Naise: Eu coloquei a **imagem**. The landless movement has been + como é que é
- 5 denegrado?

First, participants seem to have identified in a certain level that the discourse from the media depicts an image of the movement. The term “image” in reference to the image which characterizes the MST is discussed and negotiated by three members of the group (lines 1, 2, 3 and 4 – “imagem”) However, this initial impression given by them is discarded since the participants agree that it is “*not the image*” but “*the MSTs*” themselves (line 2 – “a imagem não, né ... os MSTs”) are the ones taken as “*transgressors*” (line 1 – “transgressores”). This assumption is confirmed by the excerpt below, when one of the participants highlights that “*in fact, that is what they really do, isn't it?*” (line 4 - “na verdade é isso que eles fazem não é?”):

Excerpt 9: CL3GR2

- 1 Mila: Apesar do governo que ao mesmo tempo defende ele acusa também, né?+
- 2 é que as autoridades brasileiras julgam esse comportamento do sem terra como
- 3 vandalismo.(...)
- 4 Mila: Tá, mas é isso. ++ **na verdade é isso que eles fazem não é?**

Mila (line 4) concludes that what is in the text about the MST, regarding the judgment made by the Brazilian government, is what the movement really does. Here, participants indicate their approval towards the judgment reached by the Brazilian authorities, as well as the widespread representation of the movement in the Brazilian mainstream media. Besides, as a preliminary assumption I was able to raise the hypothesis that culture played an important role, in the sense that participants have already had an ideological framework deeply rooted in their conceptual system, which accounted for their possible resistance to endorse a framework which was not in line with the one accepted in their community. Cameron (2003, p. 24) claims that

“individuals can make use of shared repertoires of metaphor *to obtain membership*<sup>53</sup> or to exclude others”, in which metaphors “may function as combined, linguistic, conceptual, and affective attractors in the trajectory of talking-and-thinking in interaction” (p. 47). Hence, the data gathered so far may also signalize an affective dimension undertaken by metaphor.

In proceeding with the analysis, the next section will focus on the class period after the accomplishment of reading tasks, as follows below.

#### 4.2.3 After-Intervention Polarized Discourse and the Metaphor or War

The fifth encounter with participants comprised a role-play task whose specific objectives were twofold and deserve to be outlined, namely 1) to yield data to confirm what had been observed until that moment and 2) to provide participants with a fictitious atmosphere which could enable them to have an autonomous voice in regards to the MST issue. Particularly, participants would act within a fictitious Court in order to have a chance to bring up their positive and negative ideas or not, i.e. their polarized discourse, towards the issue of agrarian reform. In accomplishing the task participants maintained the same discourse pattern as follows. It is important to acknowledge that in this class the participants were mixed up in three different groups, the Lawyers – Groups 3 and 4, the Prosecutors – Groups 1, 2 and 6, and the Jury – Group 5. This class grouping was negotiated among the participants. This way the Lawyers will be referred as Group 1, the Prosecutors as Group 2 in the excerpts and The Jury is named The Jury.

Excerpt 10: CL4Court

1 Jury: Mas se esse tipo de protesto tivesse feito efeito com certeza **eles** teriam

2 continuado esse mesmo tipo. (...)

---

<sup>53</sup> My stress.

3 Group 1 – Jujubeleza : Aí realmente a gente não pode dizer que a violência  
 4 **deles** é justificável. Em nenhum momento pode-se justificar matar alguém ou  
 5 colocar a vida dos outros em risco, não só pelos que **eles atacam**, mas até pelos  
 6 que **eles defendem**. E o que **eles defendem** é a **própria comunidade deles** +  
 7 que **eles** colocam em risco quando começa um **ataque** + então **eles** teriam que  
 8 explicar também porque **eles** fazem o **ataque** expondo crianças, porque na  
 9 maioria das vezes **eles invadem** com crianças as terras.

In the excerpt above participants appear to remain attached to a polarized view of the land issue in their continuous use of “*They*” and “*Them*” (lines 1, 4, 5, 6, 7, 8 and 9 – “Eles” and “Deles”) when addressing the movement. Together with that, Group 1’s word choice signals the presence of the conceptualization of the theme as a battle, since MST members “*attack*” (line 5, 7 and 8 – “atacam” and “ataque”), or “*defend*” (line 6 – “defendem”). The term “*invade*” (line 9 – “invadem”) not only suggests the metaphor of war but also seem to unveil participants’ negative view of the actions carried out by the movement.

A recurrent feature within the discourse of the Jury is presented in the excerpt above, namely their polarized use “*They*” or “*Them*” (lines 1, 2, 3, 4 and 5 – “Eles” or “Deles”) in regards to the MST, although their position in the Court presupposed an impartial view of theme.

Excerpt 11: CL4Court

1 Jury: Mas para que **invadir** as casas se **eles** querem as terras?(...)  
 2 Jury: Na questão da casa dos filhos do FHC, em que **eles** arrasaram a despensa,  
 3 a adega e danificaram as colheitadeiras, os tratores + tudo isso aconteceu + **eles**  
 4 destruíram a casa. Até os instrumentos que **eles** iriam utilizar na terra **eles**  
 5 destruíram também. Então qual é o objetivo **deles**?  
 6 Group 2 – Intelectual: Quanto a isso não apoiamos nenhum tipo de vandalismo.

Thus, even before concluding the trial the Jury signaled many times what their verdict would be. This impartiality was identified by the Lawyers as illustrated below:

Excerpt 12: CL4Court

Group 2 – Intelectual: Mas o MST não é uma pessoa, o MST é uma idéia. **O júri está julgando!** Deveriam ser feitas perguntas **imparciais**.  
 3 Jury: Nós estamos.  
 4 Group 2 – Intelectual: O MST é uma idéia. (...)  
 5 Então, chegou o momento **daqueles** que estão lá embaixo também terem



6 acesso as coisas que a burguesia tem hoje, porque não? (...)

When highlighting that “*the jury is judging*” (lines 1 and 2 – “O júri está julgando!”), followed by the warning that the Jury should ask “impartial questions” (line 2 – “perguntas imparciais”), the Lawyers clearly identify that the discourse from the jurors is sided against the MST. Later, the verdict stated by the Jury will confirm this prior assumption, since the MST will be pleaded guilty. (for further details see Appendix G)

Besides, the polarized view of the land issue in which the MST is situated within the guilty side is also suggested by the recurrent use of “*in law*” and “*outlaw*” (lines 1, 2 and 3 – “dentro da lei” and “fora da lei”), for both groups. Such a trait appears to go in line with Rodrigues (2002)’s remark that the MST is portrayed as an outgroup threatened by the media which would put at risk the wide spread concept of “Order and Progress” encountered in the Brazilian flag. This way, having the movement as the ones out of the order, that is, out of the law, and as such against the government, the MST is depicted as a group which constrains the chances of the nation to achieve progress and development. The excerpt below illustrates these concepts:

Excerpt 13 CL4Court

1 Group 1 - Jujubeleza: Seriamos nós? ((smiles)) Seria primeiro funcionar **dentro da**  
 2 **lei**, não seria a revelia. Porque a partir do momento que você andasse **fora da lei** você  
 3 também daria esse direito para os outros. Seria votar um projeto público, como a  
 4 Constituição que levou algum tempo, mas que participou dela, vamos dizer assim, os  
 5 intelectuais da área, tá + e que legalizassem + pode ser até uma manifestação no  
 6 processo de desaprovação, mas legítima quando **permanece na lei**.

In the excerpt 13 the Prosecutors appear to associate the movement to the bad or wrong side of the battle between the government and the movement, in terms that it goes against the law. They explain to the Lawyers what would be the right attitude to be taken by the MST, that is to be “*in law*””, (lines 1 and 2 – “dentro da lei”) or *to remain in law*” (line 6 – “permanecer na lei”), and not to walk “*out of law*”, (line 2 –

“fora da lei”). This view seems to corroborate the conceptualization of the land issue as war, in which the MST is sided as the enemy. Since it is outlaw the movement threatens the nation’s stability and progress.

However, in defending the movement, the Lawyers appear to advocate the same view of the Prosecutors, in terms of placing *the law* as key element in defining what is wrong and what is right (line 4 – “dentro da lei”), as follows:

Excerpt 14 CL4Court

Group 2 – (...) Todos devem, independente de qualquer sistema de governo, não estando em harmonia com a **lei**, ser taxativamente pela **lei** condenados. Todos aqueles que vão contra a visão do MST, dentro de uma visão pacifica. Nós estamos **dentro da lei** de fazer passeatas, de adquirir terras para promover a construção do país, do movimento e de todas as outras coisas que são boas para a  
6 nação.

Another relevant feature present in the discourse of the participants within the Court is their continuous reliance on the credibility inherent to the Press. As illustrated in the excerpts 15 and 16:

Excerpt 15 CL4Court:

Group 2 – Cera: Então cite uma família de avô até bisneto + são quatro gerações e **quero validade dos documentos**. ((smiles))  
Group 1 – Jujubeleza: Ok! Hold on! ((searches the texts)) Existe uma família com dezesseis. **Está na Veja!** São vitalícios.

As it can be observed above when the Lawyers request for valid documents (line 2 - “quero validade dos documentos”) the Prosecutors search the Press as a reliable source by acknowledging that the information comes from *Veja* magazine (line 4 – “Está na *Veja!*”). This assumption was already predictable within the previous class as illustrated by another moment of talking- interaction as follows:

Excerpt 16 CL3GR1

- 1 Baby: Como eles chamam a atenção da gente, né.
- 2 Ss: (xxxxx)
- 3 Baby: **Olha só, quantas revistas Veja abordando sobre eles**. Eles chamam atenção da mídia mesmo, né. ((expressing a lot of surprise))
- 4 S: Isso seria um ponto positivo, não?
- 6 Baby: Pois é.

In the interaction above participants highlight the importance of the magazine as a reliable source, by connecting *Veja* and the huge presence of the movement on its pages as a positive element<sup>54</sup>. To put it another way, in expressing surprise due to the large number of covers addressed to the MST issue, which would account as a positive aspect, the participants express the importance of the magazine as well as the strength of the movement. Both excerpts, 15 and 16, appear to corroborate the conceptualization of the media under the metaphor MEDIA AS A RELIABLE FABRIC explained in the Review of Literature (Chapter II). As such, the news which are seen as *cultural capital* (Fairclough, 2001) are taken as truth by the participants.

Along the intervention period, participants faced distinct representations of the MST in the texts used in the reading tasks. Furthermore, they had the opportunity to have an autonomous voice through the environment yielded by a role play activity. In spite of this previous sketch, they remained clung to the same metaphorical mappings constituting the ideological frameworks in the journalistic texts in Portuguese. In other words, when exposed to texts in their mother tongue and in a foreign language, whose reading was not profoundly affected in terms of the understanding of a foreign code, participants held the commonplace ideological framework from their speech community.

A further speculation that can be made is that this feature results from a necessity of acceptance regarding the community which they belong to. In supporting a widespread view of the MST which is already largely accepted by their community, participants experience a feeling of safety towards the judgment to be made by the other members of the community they participate in. When opposing an already established concept within a debate, one has to find arguments to support his view, which demands

---

<sup>54</sup> See the covers from *Veja* in a print advertisement published by the magazine in Appendix J.

a larger cognitive effort. Another point to be raised is that their reliance on the conceptualization found in the texts published in Brazil, whose discourse is already familiar and widespread, may be a result of what Reddy (1979/1993) asserts as the resistance to frame restructuring. In a nutshell, the possible resistance or lack of awareness in terms of a different representation of the MST could have arisen from participants' opposition to what would be a new perspective on the issue. According to Reddy, "special effort is called for" in frame restructuring. (p.166), since it will find great resistance.

In the same way, the next section proceeds the analysis, but its focus is on the written data which was collected during the moments of co-construction of meaning occurred along this investigation. In fact, I intend to offer a further perspective of the object under analysis, that is, the discourse of participants, which might be insightful and relevant in order to corroborate the outcomes gathered so far.

#### 4.3 Analysis of the co-constructed written data

The analysis of the written data yielded from the reading tasks, accomplished by the research participants, within the investigation period, will be made in terms of the conceptual domains activated by the conceptual metaphors already existing in their reasoning system, as well as the ones which might be constituted emerging from the period of intervention.

##### 4.3.1 Preliminary definition of the Landless Movement

In Class 1 participants were assigned with the task of elaborating a definition of the Landless Movement firstly based on their previous ideas concerning the theme. This definition was constructed in groups in order to provide shared

meanings in regards to the movement. Besides, I intended to identify their previous impressions, as well as possible conceptualization of the theme, before the actual reading tasks.

The task itself was composed by two singular moments for group construction of the definition. The first moment took place just after a warm up discussion over the theme. After that, images of the MST from different sources, namely the MST website and *Veja* magazine which had distinct representations of the movement, were used as input for the final definition<sup>55</sup>. The way students define the MST revealed the same pattern found in the oral activities previously analyzed. The definitions below illustrate the research findings:

Groups	1st definition	2nd definition	Conceptual Metaphor
1	It is a movement of people who have an objective: to <b>conquer land</b> to work and to live. Some people from this movement are <b>pacifist</b> , but there are some who are <b>violent</b> and this image (made by them) is very complicated before society.	The MST is a movement that proves <b>a lot of union</b> among people in <b>search for an ideal</b> .	AGRARIAN REFORM AS WAR  PURPOSES AS DESTINATIONS
2	We think MST really <b>wants more and more land</b> and they never get satisfied. There is a <b>dispute of power</b> between <b>them</b> and <b>the government</b> .	They are <b>united</b> for only one <b>goal</b> that is to be settled with dignity.	AGRARIAN REFORM AS WAR  PURPOSES AS DESTINATIONS
3	The MST is a movement of landless people, they are <b>fighting</b> for a just cause: for a piece of land.	The MST is the <b>fight</b> of man to leave misery.	AGRARIAN REFORM AS WAR
4	They are poor people. They <b>don't have objectives</b> and organization. It is a movement for <b>opportunistic</b> people. They have to believe in what they do.	Many <b>young people</b> belong to the MST. They wanna plant and they are very poor and hungry. There are children who believe they live in a <b>camping</b> .	LAND ISSUE AS ADVENTURE  PURPOSES AS DESTINATIONS

<sup>55</sup> It is worth mentioning that no analysis of the images was carried out, since they were used only as input for the post readings of the written texts.

5	We think this movement is a <b>revolution cause</b> created by people that want to have a place to live, land to cultivate and a bigger “representative” assistance.	MST is a big movement that implicates <b>courage, motivation, power.</b> Their manifestations cause <b>fights, discord</b> and <b>revolt.</b> They live in misery, unemployment, hunger and without a place to live.	<b>AGRARIAN REFORM AS WAR</b>
6	O MST tem que ser visto sob dois pontos: 1) Pelo aspecto dos sem-terra 2) Pelo aspecto dos latifundiários O governo só poderá minimizar estes <b>conflitos</b> se entender os <b>dois lados.</b> This is an <b>ideological war.</b> (“ideology war”)	MST is a movement of <b>rebellion.</b> There are many leaders that are looking for <b>power and money.</b> It is a misery movement. MST is a political movement. MST is an <b>ideological movement.</b> (“ <i>ideology movement</i> ”).	<b>AGRARIAN REFORM AS WAR</b>

Chart 2 – CLASS 1 – 1<sup>st</sup> image of MST (activities 1 and 3)

The data offered by the chart above suggest that the conceptual metaphors encountered in the oral recordings are also present in the notes taken by the participants when accomplishing this first task. The image of the MST as a movement within a battle for land is clearly depicted by most of the groups. It is important to note that within this battle the side defended by the MST is in disadvantage if compared with the other side, since they are the ones who live in ‘misery’, ‘hunger’, ‘are poor’ and ‘look for power’. Besides, the evaluation tone of more than a half of the groups highlights the negative consequences of the actions intended by the movement which cause ‘revolt’, ‘discord’, ‘rebellion’ together with the fact that Group 4 even portrayed the MST members as ‘opportunistic’. In regards to Group 4, it is also interesting to observe that in stating that the MST has no objectives or organization they appear to be mapping

a widespread concept in the western world, namely PURPOSES ARE DESTINATIONS which emerges from the conceptual metaphor LIFE IS A JOURNEY (Lakoff & Johson, 1980). However, when observed in connection with Group 4's metaphor LAND ISSUE AS ADVENTURE in which the adventure taken by the MST members is also their journey/life, we can suggest that the mapping PURPOSES ARE DESTINATIONS derives from the metaphor of adventure. From another perspective, it is also possible to assert that the mapping PURPOSES ARE DESTINATIONS is consistent with the concept of "*march*" often connected to the representation of the MST. Anyway, both mappings seem to stand for participants' view of the movement as a group who does not know where to go in life (no objectives) and that is why they are also depicted as the ones who take advantage of the circumstances (opportunistic). Either one or another mapping signalizes a negative account of the movement.

It is important to stress that this task also confirmed that much of the discourse brought to the research setting before the beginning of this study was in accordance with the discourse provided by the Brazilian mainstream media.

#### 4.3.2 Analysis of the text titles in Class 2

In the second class the main task designed had the objective of exposing the research participants to a reading focused moment in which they had to use the meanings jointly constructed with their group members to elicit a title for that Hard News Report. The data collected is illustrated in Chart 3 below:

Group	Text Title	Reasons
1	The <b>situation</b> of MST in Brazil according to Juarez Santana Rocha	Juarez está <b>contando</b> a situação do MST no Brasil.
2	The <b>fight</b> is still on fellow	Escolhemos esse título porque a <b>luta</b> do MST é uma <b>luta contínua</b> , é uma <b>batalha para sempre</b> .

3	The MST's <b>fight</b> s	Escolhemos esse título porque eles vem há tanto tempo <b>lutando</b> , por uma terra e por um lugar para viver.
4	MST to <b>whom</b> ?	A gente escolheu esse título porque a gente gostaria de saber a quem na verdade <b>serve</b> o MST?
5	Juarez's <b>adventure</b>	Por que o texto fala da <b>aventura</b> do Juarez no MST.
6	The <b>Red</b> Problem	Escolhemos esse título porque se <b>por um lado</b> o movimento poderia ser mais humano <b>por outro</b> o <b>Lula</b> não cumpriu suas pretensões

Chart 3 – CLASS 2 – Titles – Original Title: Brazilians' long march to land reform

The titles given to the text by the students presuppose that while co-constructing the ideas present in the news report from the British newspaper participants mapped domains of knowledge connected to the following conceptual metaphors:

**AGRARIAN REFORM AS WAR** – this conceptual metaphor can be observed from the use of expressions such as “struggle”, “endless battle”, “red battle” and “fighting”. Particularly, Group 6 highlighted the existence of two sides in the battle namely the government – President ‘Lula’ – and the MST – “o movimento” that is also retrieved in the word ‘red’ used in their title, which is connected to red in the MST flag where it stands for blood, together with the red from flag standing for the Brazilian President’s party. In turn, Group 2 suggests that the MST’s objective will never be reached since the terms “pra sempre” and “continua”, literally “forever” (which can also be translated as ‘endless’) and “continuous”, are used to characterize MST struggle. Apparently under the same conceptual metaphor, Group 4 questions the purposes of the Landless Movement through the title ‘MST to whom?’ and their explanation for that, since they “don’t know to whom MST serves”, signalizes that their position is far from the one endorsed by the MST. Besides, the term ‘serve’ literally ‘serve’ points to the



issue of war since the participants appear to wonder to whom MST works for or  *fights for*.

**AGRARIAN REFORM AS ADVENTURE** – this conceptual metaphor encountered within the discourse of two out of the six groups, namely Group 1, and 5, map a ludic image of the movement confirmed by the expressions ‘contando’ and ‘aventura’, literally ‘telling’ and ‘adventure’. Such conceptualization unveils a lower level of importance given to the land issue in Brazil. In depicting the agrarian reform as an adventurous story, participants undermine not only the objectives pursued by the MST but the MST itself.

On the face of what was mentioned above, I want to emphasize the power of the media discourse which was echoed through the discourse of the participants in a deeply rooted level of control through the manufacture of consent, which appears to have prompted a resistant attitude by the participants in regards to any different representation of the Landless Movement. Therefore, the outline portrayed by the task denotes that in spite of the foreign perspective concerning the MST, which was provided by the news report, participants once again retrieved the conceptual metaphors conveyed through the discourse of the Brazilian mainstream media.

As an extra source to be used as a means to contrast the views of participants individually and jointly constructing the meaning of the text, I provide the chart below which also endorses the analyses carried so far. It is important to recall that the task which originated the data below also requested from participants the spotting of expressions which characterized the Landless Movement in the text “Brazilians’ long march to land reform” (from The Guardian/The Observer newspaper). This text was the one which had just received a title given by the groups. The chart below illustrates the data gathered within that final task:

<b>Participant</b>	<b>Expressions</b>	<b>Comments</b>
<b>Fernanda</b>	Agrarian reform – march – murdered – death – farm	A reforma agrária é uma marcha onde se invadem fazendas e ocorrem vários assassinatos e mortes.
<b>Condolesa Rice</b>	Undertake – against – set out – agrarian reform – to mill about	X
<b>Victoria</b>	March – represent – conflicts – bringing terror	Essas palavras representam o que existe no movimento sem terra e as conseqüências que elas podem trazer para “eles” MST e para a sociedade
<b>Prima</b>	Excited – critics – adventure – disciplined – agrarian reform	X
<b>Alê</b>	Militants - mill about – dismay – ally – agrarian reform – conflicts	Because this is a revolution made by homeless people.
<b>Jamily</b>	Environmental – dismay – vested interests – scary – to set out	Because they are all connected with homeless people.
<b>Mila</b>	To rally – against – concern – sore	X
<b>Bus</b>	Promises – ally – target – hostage – sore	Porque são palavras fortes que chamam atenção para a questão.
<b>Opa-opa</b>	Promises – land – Lula – hope – food	Promises: promessas que são sempre feitas Land: o motivo de tudo isso Lula: o cara que deu esperanças Hope: sem ela nada é possível Food: todo mundo precisa para viver
<b>Maria Eduarda</b>	Just to be different – land is a potent issue in Brazil – ally – target – hostage – sore	Essas são as palavras que representam o dia-a-dia do grupo do MST
<b>Fergie</b>	Hostage – corruption – Lula	Corruption: há muito em nosso país Lula: esperança de muitos
<b>Britney</b>	Lula – landless	Lula is my president and landless resume todo o MST
<b>Laila</b>	The atmosphere of tension is still there	Se o movimento não tiver organização o clima vai continuar tenso sempre. Movimento sim, mas justo para todos.
<b>Cinderella</b>	Landowner – environmental	Landowner: porque para mim esses são uns dos mais afetados neste processo. Environmental: a palavra já expressa que se a terra não está em condições de plantio não é feita apropriação dessas.

<b>Kimi</b>	Low wages – hostages – dangerous – hope – dismay	The MST is a movement known internationally by their conflicts and danger. They oppose low wages, dismay and sore. In this movement there are many hostages.
<b>Ivie</b>	Scary – dismay – concern – sore – dangerous	Porque apesar do MST ter sempre essa luta continua, eles passam por muitas coisas, muitos obstáculos e que mesmo assim não os faz desistir.
<b>Larissa</b>	Sore – concern – dangerous	Essas três palavras que escolhi, embora não estejam na ordem que deveriam estar, porque o MST é uma preocupação, pois para eles quando vão de um lugar para outro ficam apreensivos sem saber o que irá acontecer. Perigoso porque acontecem conflitos e muitos podem se ferir. Dor porque sempre alguém sofre nesses conflitos.
<b>Cera</b>	Put into power by people and taken out of power by people – I'm not against the movement	Essas frases mostram o quanto o povo é manipulável e inconstante.
<b>Intelectual</b>	Terror – people have been killed – they are bringing terror whatever they municipality they pass	
<b>Robin</b>	Hostage – sore – poisonous – scary – dismay	O MST é refém do desânimo governamental, que tem um desânimo político para o movimento continuar. Esse movimento é “complacente” com a política brasileira, uma política arcaica e ultrapassada. O MST serve de escudo político dos governantes e infelizmente a massa humana é movida a bel prazer.

Chart 4 – CLASS 2 – Expressions characterizing MST in text

The expressions encountered in the text which were selected by the participants as the ones characterizing the MST according to their views activated a predominant conceptual metaphor illustrated in diagram 4. The conceptual domain of land issue is mapped onto the conceptual domain of war. In this respect, the representation of the MST constructed by the participants is once again attached to

the discourse encountered within the journalistic texts publicized by their community mass media.

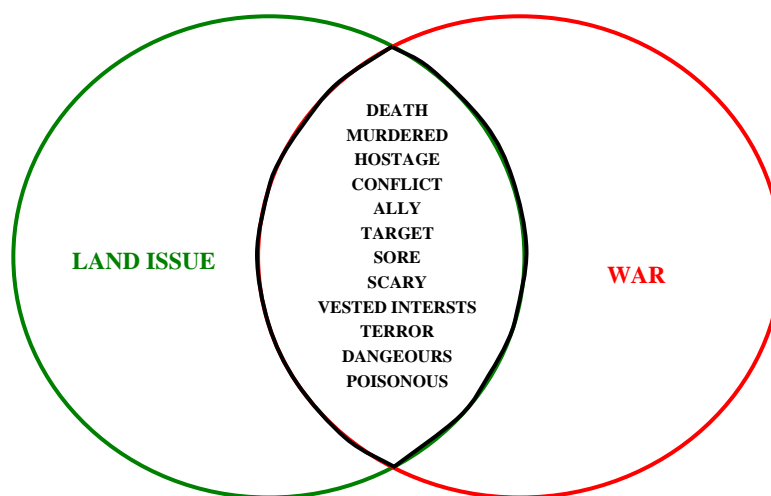


Diagram 4 – Mappings of LAND ISSUE AS WAR

The analysis above provides some light in terms of the mappings made by the participants in regards the conceptual metaphor of war. In reading the texts on social political issues about their country affairs, students had a chance to encounter not only the physical world where they interact and experience things, but also the cultural world (Gibbs, 1999), which refers to the values, beliefs and understandings jointly-constructed by their community members.

If, on the one hand the conceptualization of the land issue in the Brazilian and the British Press seems to be the same, that is, both interpret the theme as war, with sided positions in the pursue of victory; on the other hand, cultural-specific features, in fact, different cultural models, give rise to different shared cultural schemas in regards the interpretation of those concepts. More elaborately, within the Brazilian shared account of the war over the land, attention is given to the actions which might affect what would be taken as the “order and progress” (Rodrigues, 2002, p. 94) for the country. What is conveyed by the mass media is consistent with an image of war, in which attention must be focused on the enemy,

that is, the MST, due to its threatening nature. This is also what was echoed through the discourse of the participants.

In comparison, the war portrayed by the British newspaper has as its attention drawn on an emphasis given to the land issue itself, which has a direct influence on what *victory* may represent. Unlike the Brazilian (and the participants') apparent interpretation of victory as the defeat of the enemy, namely the MST, the British view appears to point to the more equal distribution of land.

In light of what was mentioned above, it can be assumed that cross-cultural variation, in terms of cultural models, played a role in regards to how the participants interpreted experience and guided their actions towards the domains they were in contact with (Gibbs, 1999). In other words, particular cultural-ideological traits seemed to have affected the way at which participants co-constructed the issue of agrarian reform. Moreover, it appears to corroborate the reasons raised in the previous sections in terms of their possible resistance to a different interpretation of the conceptual metaphor of war. Finally, in investigating metaphor as language in use, the context, that is "the situatedness of discourse" cannot be ignored, since it is the context of discourse which "both constructs and constrains what is done with language, including the use (and interpretation<sup>56</sup>) of metaphor". (Cameron, 2003, p. 5)

This section aimed at analyzing from distinct perspectives the object of this study, namely the discourse of participants within a jointly constructed design.

In so doing, this researcher attempted to obtain a multimodal view<sup>57</sup> of the main focus of the investigation, essential for any critical and detailed analysis of data.

---

<sup>56</sup> My comment.

<sup>57</sup> According to Cameron (2003) language is conceptualized as multimodal phenomenon, embodying different layers of interpretive practices, since the teaching/learning context is being observed. Here I am not referring to the multimodal approach within CDA.

Proceeding, in the next section the chapter is sealed by an analysis of the final questionnaire answered by the participants. This way, I shall bring and discuss the data collected within an elapsed time questionnaire, whose contributions in terms of accessing and recalling participants' ideas towards the investigation period were of a great extent.

#### Analysis of the Elapsed time questionnaire

With the purpose of having access to participants' view of the research process in a whole, which could account for the relevance of the pedagogical intervention, an evaluative questionnaire was applied. This objective attempted to provide an emic perspective of the investigation. In other words, I intended to reach research participants' account of the research itself.

The data gathered from the participants' answers directed me to insightful aspects of the intervention. Although no substantial difference in the conceptualization of the land issue was identified, that is, participants seem to have maintained the same representation of the movement brought to class before the pedagogical intervention, their answers appear to disclose a more conscious attitude in regards to the land issue and learning.

Most of the participants claimed that through the research tasks they were, for instance, able to "know things they could have never imagined before", "have a wider view of the MST, in favor or against, through the continuous elaboration of new concepts", "see the two sides of the MST, although maintaining the same view", "know more about the issue due to the exchange of ideas and discussion of opinions", "read more about the MST in newspapers and magazines", "understand

the power of working as a group” and “perceive that what *the television*<sup>58</sup> presents about the movement might be a piece of reality”. These answers seem to account for 1) no or little information on the issue, 2) participants approval in terms of jointly-constructing meanings, and 3) a potentially more critical view in regards to reading a text.

The tasks which involved the identification or statement of an opinion<sup>59</sup> were rated as the most pleasant but also the most difficult ones. Participants accounted for that classification grounded on “how hard is to analyze the facts and making a decision”, “it is difficult to argue in English”, “how difficult is reaching a consensus”, as well as, how nice is “to interact with others”, “to discuss opinions together”, “to debate”, to be introduced to “a multiplicity of learning strategies”, to have an activity “which touched our (their)<sup>60</sup> emotions”<sup>61</sup> and provided them with a chance “to enter the reality of the MST”. The outline depicted by these answers indicates the relevance of the jointly-constructed design of the intervention within the process of elaborating ideas, reconstructing concepts and restructuring of conceptual frames.

Since this is an investigation whose participants are future language teachers, these answers might suggest a new attitude towards their practices as FL readers/learners and FL teachers. Besides, one of the students highlighted as a beneficial aspect of the intervention the chance of even knowing “a new profile” of their friends. Conversely, as limitations, participants mentioned their lack of knowledge about the movement, as well as the linguistic competence in terms of

---

<sup>58</sup> Although reading magazine texts, participants still refer to media as television.

<sup>59</sup> In particular, in Class 3 students had to negotiate over the positive and negative views about the MST within the texts. In turn, Class 4 comprised the Court role play activity in which participants were supposed to support or oppose MST.

<sup>60</sup> My comment.

<sup>61</sup> “mexeu com nossas emoções”

stating opinions about this social political issue in English. As mentioned before, it might have accounted for their resort to their mother tongue.

In sum, I believe that the aforementioned panorama points to the relevance of the pedagogical intervention together with the decision of having groups co-constructing metaphorical language in a FL class, through reading tasks. In fact, as highlighted by Cameron (2003, p. 268) metaphor creates a “centrifugal effect in the talking-and-thinking”, which cannot be ignored within an educational setting.

In a nutshell, this chapter aimed to analyze the data selected within the moments of talking-in-interaction, in order to investigate the conceptualization of the land issue by the participants when reading texts about the MST. Besides, a brief analysis of an elapsed time questionnaire was carried out with the purpose of accessing insightful features in regards to the pedagogical intervention.

The next chapter, in turn, comprises my final remarks on the study, some limitations within the investigation, together with possible pedagogical implications and some suggestions for further research.



## CHAPTER V

### FINAL REMARKS

5.1 How do FL readers jointly-construct conceptual metaphors connected to a culture-specific issue presented in texts in both FL and L1?

The paradigmatic change faced by metaphor studies in the last decades gave rise to a number of different studies not only within the applied linguistics field but also in economics, medicine, and psychology, among others. More specifically, language studies scholars have focused their attention on the role played by metaphor in our thoughts and actions. Due to these facts metaphor received a new status whose impact is still to be perceived in its real dimension. In this way, Gibbs (1999, p. 29) quotes Booth (1979, p. 47) who asserted that by the year 2039 “there will be more students of metaphor than people”, referring to the growing interest in the field.

Interest in metaphor was also prompted within the studies not only in a native language but also within a foreign atmosphere. In other words, the new perspective assumed by metaphor i.e. as a key element in human reasoning wove a huge blanket of possibilities composed by multiple pieces of fabric where metaphor was not only the thread connecting those pieces but the thin line constituting the fabric itself. I say that to remark the central role played by metaphor in current studies about language and mind.

According to the analysis of the discourse of the participants carried out in this study, it is possible to understand that the land issue from Brazil is conceptualized as a war between the government and the MST. The positions occupied by these

two groups are sided within different battle fields. In mapping the source domain of WAR onto the target domain of LAND ISSUE participants retrieve the conceptualization of theme conveyed by the Brazilian mainstream media. This reproduction of the concepts encountered in the journalistic texts published in Brazil account for a biased discourse towards the Landless movement.

In facing the concept of war found in journalistic texts published in the UK participants appear to have difficulties in spotting any different representations of the theme. Although data show that some participants identified a more neutral tone in this social political issue within the texts in English, together with some post comments (elapsed time questionnaire) in respect to observing two sides of the MST after their readings, due to the limited amount of data it is impossible to advocate participants' clear perception over the distinct representations of the theme.

Indeed, what can be clearly observed from the data is participants' reliance on the conceptualization of the land issue informed by the journalistic texts from Brazil. This outcome appears to reinforce the importance of the role played by culture not only in reading metaphorical language but in reading as a whole. Besides, in regards to the question posed by Rodrigues (2002, p. 149), which directed me to this investigation, in terms of analyzing "whether or not the readership actually internalizes the MST representation" offered by the journalistic texts, I would say that data suggest a high level of influence from the discourse of the media.

Similarly, Kövecses (2005) draws attention to various metaphors surrounding American politics. Based on Lakoff studies, he spots some important concepts behind the social practices involving politics in the US. As examples the author gathers POLITICS IS WAR, POLITICS IS BUSINESS, SOCIETY IS A FAMILY, SOCIETY IS A

PERSON and THE PRESIDENTIAL ELECTION IS A RACE. As a consequence of the first metaphor, which seems to be consistent with the metaphors encountered in the data collected in this investigation, is that we may have the American society divided into political armies which refer to the political groups, whose leaders would be the political leaders of such groups. According to Kövecses, if there is a war, weapons must be used, and in politics weapons are the ideas and policies used by the political groups (or armies). Finally, the war serves a political goal or war objective to be accomplished at the end.

These metaphors are in conformity with the ones permeating the discourse of Brazilian media about the Brazilian Landless Movement. They suggest that just as in the US, politics in Brazil is taken as war. I want to extend such a concept to the Landless Movement, bearing in mind the notion brought by Comparato (2001) which advocates that the MST is a political actor, having strong relevance in the Brazilian political environment.

Another metaphor that deserves attention is that of SOCIETY AS FAMILY (Kövecses, 2005, p. 118), which would feed the feeling of invasion arising from the discourse of the mainstream media. Once the society is seen as a family, whose bonds must be protected and even defended, and the MST is depicted as a group of enemies who threaten the peaceful living and existence of this family, consequences such as the rejection of the movement's ideas and actions against the MST are likely to happen.

Equally noticeable in regards to co-construction of meaning is the fact that, although interacting in large groups in which ideologies are likely to vary, students' metaphorical conceptualization of theme under focus, i.e. the MST and the land reform, was almost uniform. It suggests that the previous intention to

have a co-constructed design of the lesson as a means to aid a critical view towards the text was hindered by both the persuasive metaphorical approach to the issue within the language used by the journalist texts and the status received by the mainstream media among participants. However, as previously mentioned, although maintaining a negative view of the movement, participants claimed to have changed their attitudes in terms of analyzing the theme as two sided (both good and bad side of the MST), after the intervention. This can be accounted as a successful result of the intervention.

Finally, I believe that an outstanding aspect to be thought over, is not only the extent to which the media affects the way we reason, but rather that attention must be given on how submissive we are to the way mediated language depicts the reality. In regards to that, being aware that metaphor can unveil or hide beliefs, values, intentions and ideologies is essential towards a critical approach to language, particularly within educational settings.

## 5.2 Limitations of the study and Suggestions for further Research

Firstly, this investigation was constrained by the necessary apparatus to record and register the interaction of a large group of participants. It started with the search for six tape recorders and a video camera which later had to be managed by a group of twenty seven students and two teachers. This environment constrained what turned out to be the data accessed by the researcher.

Following, it is necessary to account that regardless of the objectives attained or not through this investigation, it was placed within a university campus where the teacher is still depicted as an image which represents *power* in comparison to a submissive attitude from the student. Hence, the way in which the presence of a

researcher who was also a teacher from the same university influenced the students' responses in class cannot be determined. Cameron (2003, p. 27) asserts that "description of metaphor in use (...) requires attention to the context of use, such as the institutional nature of the setting."

Besides, since it is an exploratory-interpretive study focused on a group of students its outcomes must be taken with care, due to the fact that they represent a sample of reality. Thereby, further research is needed to corroborate the findings of this investigation. As a suggestion, one could investigate the metaphorical reading within a multimodal semiotic analysis (Heberle, 2004) of both visual and written text.

Yet, the use of the L1 by the group, constrained what was expected in terms of the conceptual metaphors used by them in speaking a foreign language. My assumption which is in line with a study carried out by Cardoso (2006) is that the complexity of the theme triggered the use of their mother tongue as a strategy to keep conversation going. Besides, discussions involving complex themes such as politics and society appear to demand high cognitive and discursive effort even in the native language. However, their level of linguistic competence as well as the tradition of having reading as an individual and mostly silent activity may have played a role. Therefore, I believe that replicating this study within a smaller group whose language proficiency were more advanced would shed some light in terms of code switching.

### 5.3 Pedagogical Implications

Bringing bilingual texts on social political issues within a classroom composed by future teachers was a challenging experience. This happened due to some main aspects, namely the traditions in terms of what is expected to be faced in a FL

classroom together with the way which a reading lesson is conceptualized by students and teachers. In this respect this investigation calls attention to how teachers and students still see the FL classroom as place for the teaching of a code and not a language in its extent, which involves social and cultural aspects.

Besides, in their analysis of the investigation, the majority of the participants asserted that the issue of MST was definitely not a familiar theme for them. Only after their experience within the study they started to spot MST affairs in newspapers and magazines. Indeed discussing over the issue of land reform and the actions of the Landless Movement in a FL classroom was an unprecedented event within their academic lives.

Furthermore, this study was carried out with a group composed of future teachers of a FL within a foreign country, whose traditions in terms of reading and teaching a language appear to be deeply connected with the reproduction of what is already taken for granted. On the face of that, this investigation intended to have blossomed some interesting questioning aspects to be thought over or not, within their academic lives. Indeed, being part of a research process which investigated the classroom setting was something they reported being pleased with.

Indeed, the issue of metaphor must be taken as relevant within various perspectives, among different areas, particularly, in terms of educational and linguistic purposes. Besides, as it can be gathered from what was mentioned before, the pervasiveness of metaphor appears to be unquestionable or at least very likely, as a means of hiding or disclosing certain ideas or beliefs, for instance, in the benefit of specific groups of people, such as the media, political and economical forces and law. These issues should be then present in the environment of classrooms, and yet more frequent in colleges and universities.

Finally, I hope that the outcomes of this study may contribute to enlighten EFL teachers on the issue of metaphor within the educational setting, not only in terms of the reading comprehension problems confronted by students within the classroom environment but also in terms of enabling teachers to elaborate strategies to better cope with these problems. Besides, it may inspire teachers to approach social-political issues within their classrooms not only as means to promote linguistic competence but also to provide students with a view of language which goes beyond the linguistic code to constitute citizenship.

## REFERENCES

- Aebersold, J. A. & Field, M. L. (1997). *From reader to reading teacher*. New York: Cambridge University Press.
- Aita, V., McIlvian, H., Susman, J., & Crabtree, B. (2003). Metaphor as a qualitative analytic approach to understand complexity in primary care research. *Qualitative Health Research*, 13(10), 1419-1431.
- Altheide, D. L. & Johnson, M. J. (1998). Criteria for Assessing Interpretive Validity in Qualitative Research. In Denzin, N.K. & Lincoln, Y. (eds.) (1998). *Collecting and interpreting qualitative materials*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Barreira, V. S. (2003). *FL reading strategies for metaphor and word game interpretation in a non-specialized magazine: a case study*. Unpublished Thesis Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bearsdley, M.(1958) *Aesthetics*. New York: Brace&World.
- Bell, A. & Garrett, P. (2003) *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell publishers.
- Black, M. (1962) *Models and metaphors*. New York: Cornell University Press.
- Bobbio, N. Matteucci, N. & Pasquino, G. (2002). *Dicionário de Política*. Brasília: UNB.
- Boers, F. (2003). Applied Linguistics Perspectives on Cross-Cultural variation in Conceptual Metaphor. In *Metaphor and Symbol*, 18 (4), 231-238.
- Capra. F. (1996). *A Teia da Vida: the web of life*. São Paulo: Cultrix.
- Capra. F (1997). *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix
- Capra. F (2002). *As Conexões Ocultas*. São Paulo: Cultrix.
- Cardoso. G. L. (2005). *Reading song lyrics: co-construction of metaphorical expressions by EFL learners*. Unpublished master's thesis. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Cameron, L. (2003). *Metaphor in educational discourse*. London/New York: Continuum.
- Cameron, L & Low, G. (1999). *Research and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press.



Canolla, C. (2000). *As metáforas da produção: reflexões sobre o discurso das operárias*. Delta, vol. 16 (1)

Davies, F. (1995). *Introducing reading*. London: Penguin Books.

Dagnino, E. (1998). *The culture politics of citizenship, democracy and the state*. In Álvares, Escobar & Dagnino (eds) *Cultures of politics and politics of culture: revising Latin American social movements*. Boulder Colorado: Westview Press.

Deignan, A. (2003). Metaphorical Expressions and Culture: an indirect link. *Metaphor and Symbol*, 18(4), 255 – 271.

de la Fuente, M. J. (2002). Negotiation and oral acquisition of L2 vocabulary: The roles of input and output in the receptive and productive acquisition of words. In *Studies in Second Language Acquisition*, 24, 81-112.

Denzin, N.K. & Lincoln, Y. (eds.) (1998). *Collecting and interpreting qualitative materials*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Driscoll, L. (2004). *Reading extra: a resource book of multi-level skills activities*. Cambridge University Press.

Fairclough, N. (1989). *Discourse and Social Change*. Cambridge, Polity Press.

Fairclough, N. (2001). *Language and Power*. London, Longman.

Farrel, T.S.C. (2003). *Planejamento de atividades de leitura para aulas de idiomas*. São Paulo: SBS.

Figueiredo, D. C. (2000). Critical discourse analysis: towards a new perspective of EFL reading. In L. M. B Tomich (org). *Ilha do Desterro*, 38 83-90.

Fauconnier, G. & Turner, M. (2002). *The way we think: conceptual blending on the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books.

Flower, L. (1994). *The construction of negotiated meaning: a social cognitive theory writing*. Southern Illinois University Press.

Garcia, R. (2000). *Aprendendo com os movimentos sociais*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

Gibbs, R. (1993). Process and Products in making sense of tropes. In A. Ortony (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: CUP. 2<sup>nd</sup> edition.

Gibbs, R. (1994). *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. Cambridge: CUP.

Gibbs, R. (1998). The fight over metaphor in thought and language. In A. Katz, Cristina Cacciari, R. Gibbs, and M. Turner (Eds), *Figurative Language and Thought*. Oxford: Oxford University Press.

- Gibbs, R. (1999). Researching metaphor. In Cameron, L. & Low, C. *Researching and applying metaphor*. New York: CUP.
- Gibbs, R. (1999). *Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world*. In R. W. Gibbs & G. J. Steen (Eds). *Metaphor in Cognitive Linguistics* (pp. 146 – 166). Amsterdam: John Benjamins.
- Gibbs, R. (2003b). Embodied experience and linguistic meaning. *Brain and language*, 84, 1-15.
- Gibbs, R. (2006). Cognitive Linguistics and Metaphor Research: Past Success, Skeptical Questions, Future Challenges. *Delta special issue: Essays on Metaphor in Language and Thought* 22.
- Glucksberg, S. & Keysar, B. (1979/1993). How metaphors work. In A. Ortony (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: CUP.
- Grimm-Cabral, L. (1994). *The role of metaphor in informative texts*. Unpublished Thesis Universidade Federal de Santa Catarina
- Heberle, V. M. (2004). *Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? Linguagem em (Dis)curso Tubarao, v. Especi, 40-55*.
- Jacoby, S. & Ochs, E. (1995). Co-construction: An introduction. *Research on language and social interaction* 23 (3) 171-183.
- Johnson, M. (1987). *The Body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago.
- Kemmis, S. & McTaggart (1988). *The action research planner*. 3<sup>rd</sup>.ed. Geelong, Australia: Deakin University Press.
- Kövecses, Z. (2003). Language, Figurative Thought, and Cross-Cultural Comparison. In *Metaphor and Symbol*, 18 (4), 311-320.
- Kövecses, Z. & Szabó, P. (1996) Idioms: A view from the cognitive semantics. In *Applied Linguistics*, 17 (3), 326-353.
- Kövecses, Z. (2005). *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge University Press.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (1987). *Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the mind?*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (1990). The invariance hypothesis: Is abstract reason based on image schemas? *Cognitive Linguistics*, 1, 39 – 74.

- Lakoff, G. (1991). Metaphor and war: the metaphor system to justify the war in the gulf. *Viet Nam Generation Journal & Newsletter*. V3, N3.
- Lakoff, G. (1993). The contemporary theory of metaphor. In A. Ortony (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: CUP.
- Lakoff, G. (1996). *Moral Politics: What conservatives know that liberals don't*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lakoff, G & Johnson, M (1999). *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books.
- Leontiev, A.N. (1981) "The problem of activity in psychology". In Wertsch, J.V. (org.). *The concept of activity in soviet psychology*. Armonk, N.Y.: M.E. Sharpe, pp. 37-71.
- Littlemore, J. (2001). Metaphoric intelligence and foreign language learning. In *Humanizing Language teaching* (3) 2.
- Littlemore, J. (2003). The effect of Cultural Background on Metaphor Interpretation. In *Metaphor and Symbol*, 18 (4), 273-288.
- Lucena, C. (2007). *Understanding in metaphors in magazine texts about economy*. Unpublished master's thesis. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Luria (1976). A. R. *Cognitive development: it's cultural and social foundations*. (M. Lopez-Morillas & L. Solotaroff). Cambridge: Harvard University Press.
- Machado, N. J. (1995). Epistemologia e didática. As concepções de conhecimento e inteligência na prática docente. São Paulo: Cortez.
- Mahon, J. E. (1999). Getting your sources right: what Aristotle didn't say. In L. Cameron & Low. (Eds). *Research and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Maturana, H. (2002). Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG.
- Moura, H. M. M. (2002). Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. *Veredas, Juiz de Fora*, v. 6, n. 1, p. 153-161.
- Moura, H. M. M. (2006) . The conceptual and the linguistic factors in the use of metaphors. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 22, p. 81-94.
- Mussolf, A. (2001). Political Imagery of Europe: A house without exit doors? *Journal of multilingual and multicultural development*, 21 (3). 216 – 229.
- Nardi, M. I. A. (1996). *The role of literal meaning in the comprehension of metaphors in reading English as a foreign language*. In Braz-tisol National Convention, 1996, Ribeirão Preto.

- Nunan, D. (1992). *Research Methods in Language Learning*. Cambridge: CUP.
- Orlandi, E. P. (2000). *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez.
- Petrie, H. & Oshlag, R. (1993). Metaphor and learning. In A. Ortony (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pica, T. (1994). Research on negotiation: What does it reveal about second language learning conditions, processes, and outcomes? In *Language learning*, 44, 493-527.
- Prior, P. (2007). *De Voloshinov a Bakhtin aos sistemas de gêneros multimodais mediados*. In 4th International Symposium of Genre Studies.
- Reddy, M. (1979/1993). The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In A. Ortony (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Richards, S. A. (1936/1979). *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press.
- Rodrigues, F. (2002). *A linguistic investigation into the representation of the landless movement (MST) in the Press*. Unpublished doctoral dissertation. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Romanini, E. (2006). *Fostering Metaphoric Competence in Reading in the EFL class*. Unpublished master's thesis. Universidade Federal de Santa Catarina
- Santos, B. (2002). *Democratizar a democracia: os caminhos para a democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Signorini, I. & Cavalcanti, M. do C. (1998) *Linguística aplicada e transdisciplinariedade*. Campinas: Mercado Aberto.
- Steen, G. (1999). From linguistic to conceptual metaphor in five steps. In R. Gibbs and G. Steen (Eds), *Metaphor in cognitive linguistics* (pp. 57 – 77). Amsterdam: John Benjamins.
- Steen, G. (2002). *Towards a procedure for metaphor identification*. *Language and Literature*, 11(1), 17 – 33.
- Steen, G. (2006). Metaphor in Applied Linguistics: Four cognitive approaches. *Delta special issue: Essays on Metaphor in Language and Thought* 22.
- Tomich, L. M. B. (2000). *Designing reading tasks to foster critical thinking*. In L. M. B Tomich (org). *Ilha do Desterro*, 38 83-90.
- Turner, M. (1991). *Reading minds: The study of English in the age of cognitive linguistics*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

- Turner, M. (2001). *Cognitive dimensions of social science*. Oxford: Oxford University Press.
- van Dijk, T.A. (1998). *Ideology: a multidisciplinary approach*. London: Sage.
- Vereza, S. C.(2001) . O que esta palavra quer dizer: o sentido literal como metáfora conceitual. Gragoatá - *Revista do Instituto de Letras da UFF, Niterói*, v. 8, n. 1.sem.2000, p. 97-112.
- Vieira, J. R. (1999a). *I didn't like this meaning: indeterminacy in classroom group reading*. In J. Mey (ed), *Odense University International Journal of Language and Communication – Rask*.
- Vieira, J. R. (1999a). Language and literature: some dialogic trodden ways. In Brandão, F. O. (Ed.). *Ilha do Desterro*, 37, 73 – 91. Editora da UFSC.
- Vieira, J. R. (1999). *Metáforas e conflitos: a leitura de poesia e a discussão em grupo na sala-de-aula de Inglês como literatura estrangeira*. Unpublished doctoral dissertation, Universidade Estadual de Campinas.
- Vieira, J. R. (2004). Reading and foreign language literature: from introspection to social event. In *Annals of the VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*, São Paulo. CD Rom.
- Voese, I. (1998). O movimento dos sem-terra na imprensa: um exercício de análise do discurso. Ijuí: Editora Unijuí.
- Vygotsky, L. (1978). *Mind in Society*. Cambridge: Harvard University Press.
- White, M. (2003). Metaphor and economics: the case of growth. *English for specific purposes* 22, 131-151.
- Zanotto (de Paschoal), M. S. (1990). Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In Pontes, E. (Ed.) *A Metáfora*, 115-130. Campinas: Editora da Unicamp.
- Zanotto, M. S. (1998). A construção e a indeterminação do significado metafórico no evento social de leitura. In Paiva, V. (Ed.) *Metáforas do Cotidiano*, 13 – 38. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Zanotto, M. S. Moura, H. M. M., Nardi, M. I. A., & Vereza, S. C. (2002). Apresentação à edição brasileira. In G. Lakoff & Johnson (Eds. ), *Metáforas da Vida Cotidiana* (pp 9 – 34). Chicago: University of Chicago Press.
- Zanotto, M.S., Nardi, M.I.A., Vereza, S.C. (2006) (Eds) Delta special issue: Essays on Metaphor in Language and Thought 22.

## APPENDIX A – PERMISSION TO USE THE DATA COLLECTED



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
PGI

### Carta de Permissão

**Objetivo da Pesquisa:** Investigar o processo de leitura de textos jornalísticos sobre o MST em sala de aula de língua inglesa em nível universitário.

Você é convidado a participar da pesquisa que está sendo conduzida por Carla A. Marinho Borba, candidata ao título de Mestre em Lingüística, sob a supervisão da Professora Doutora Josalba Ramalho Vieira (UFSC).

Todo o material, escrito e gravado, ficará arquivado até o final do projeto, mas nem os nomes, nem as imagens gravadas em sala de aula serão vistas por terceiros. Além disso, você terá não só a oportunidade de participar de uma pesquisa que tem entre seus objetivos utilizar a sala de aula de língua inglesa como um ambiente para se discutirem questões sociais e políticas referentes ao país, mas também de enriquecer seus conhecimentos lingüísticos e de pesquisa.

Gostaríamos de ressaltar que somente a pesquisadora e a orientadora terão acesso às fitas gravadas, as quais serão inutilizadas ao final da pesquisa.

Para quaisquer dúvidas, estamos à disposição por telefone, e-mail ou pessoalmente.

Sua assinatura corresponderá à aceitação em participar desta pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Carla A. M. Borba

\_\_\_\_\_  
Josalba Ramalho Vieira

Contato:  
Carla Borba  
(48) 99062002  
[teachercarla@hotmail.com](mailto:teachercarla@hotmail.com)

Josalba Ramalho Vieira  
(48) 32372437  
(48) 91034813  
[josalba@ced.ufsc.br](mailto:josalba@ced.ufsc.br)

Eu, \_\_\_\_\_, aluno do curso de Letras da UNISUL,  
autorizo a utilização dos dados coletados durante a pesquisa.

Tubarão, outubro de 2006.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do acadêmico de Letras

**APPENDIX B – CLASSROOM TASKS****Class 1****Activity 1**

**In groups share your ideas concerning the following question:**

**What do you know about the MST (Landless Movement)?**

**Take some notes of the ideas you shared.**

---

---

---

---

---

---

---

---

**Activity 2**

**You will see some slides about the MST. Write 5 words that come to your mind based on the video.**

1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_

**MST** 3) \_\_\_\_\_

4) \_\_\_\_\_

5) \_\_\_\_\_

**Now in groups write a definition of MST based on the words you and your colleagues have written.**

---

---

---

**Class 2**

**Look at the words on the board and try to guess what the text you will read is about. Discuss in your group and take notes of your ideas.**

---



---



---

**Read the text and together with your group give it a title.**

---



---



---

**a) Report the title to the whole group and with the other groups choose the best title for the text.**

**b) Compare the title selected by the group with the original one. Feel free to make any comments.**

---



---



---

**Back to your group select the expressions which characterize the Landless Movement (MST) that caught your attention on the text. (2 to 5 words)**

---



---



---

**Glossary:**

*To tumble off: saltar*

*To grab: pegar/agarrar*

*Haul: transporte*

*Straw: palha*

*Dismay: desânimo*

*Buoyant: flutuante*

*To settle: assentar*

*Landowner: proprietário rural*

*North-eastern: nordeste*

*Vested interests: interesses excusos*

*Due to: devido a*

*To join: juntar-se a*

*Packed up: recolhido*

*To set up: armar*

*To mill about: movimentar-se agitadamente*

*Whatever: qualquer*

*mattress: colchão*

*to whoop: acordar*

*strict: alinhado/exato/preciso*

*sheet: lençol*

*to sweep: mover/levar a*

*to rally: melhorar/aumentar*

*issue: assunto/tema/questão*

*to claim: alegar*

*to shut: fechar*

*mining: mineração*

*to deliver: entregar*

*poisonous: venenoso*

*itself: em si*

*to warn: avisar*

*to threaten: ameaçar*

*concern: preocupação*

*to blare: fazer som incômodo*

*slumber: sono*

*to stretch: extender-se*

*to undertake: tomar parte*

*wage: salário*

*to set out: estabelecer*

*ally: aliado*

*to pull: puxar*

*environmental: ambiental*

*target: alvo*

*hostage: refém*

*scary: assustador*

*fences: cercas*

*against: contra*

*worse: pior*

*sore: dor*



## Brazilians' long march to land reform

Gibby Zobel in Alexania, Brazil  
Saturday May 14, 2005

### Guardian

It's still dark when Juarez Santana Rocha tumbles off of his mattress, woken by music suddenly blaring from the truck carrying a noisy sound system.

He and more than a thousand others from the northeastern Brazilian state of Bahia have half an hour to gather their backpacks, grab some bread, gulp a coffee and form a line on the BR-060 motorway.

Ahead of them the day will bring yet another leg of their epic 130-mile walk to the capital, Brasilia, calling for agrarian reform. At the same moment thousands of others are whooping their colleagues from slumber in 22 other giant tents in the camp, each from a different state, for the 17-day haul.

By first light there are 11,000 landless farmers, members of the Movimento Sem Terra, or MST, lined up in three strict columns along the motorway, a thin red line stretching for more than two miles.

"Each day when I wake up I'm ready and everyone is excited," says Juarez, 22. "Before the march we'd talk a lot about it in our camp in Valdete Correa in the Chapada Diamantina. We are 510 families in tents made of straw and black plastic, waiting for land. We brought mattresses, sheets, food, medicine, sandals and 10 reais [£2] for each person for cigarettes and things."

Dressed in a luminous green MST T-shirt in a mass of red ones - "just to be different" - Juarez represents one of the new generation of militants in the 20-year-old organisation. The MST has undertaken many long marches but nothing on this scale.

The thousands on the road reflect dismay with the government of President Luiz Inacio Lula da Silva.

Lula, swept to power on a wave of popular enthusiasm in 2002, the country's first working-class president. With him he carried the hopes of many Brazilians tired of low wages and corruption.

Yet although the Brazilian economy is buoyant and the country's international stature is rallying, the social and domestic reforms of the Workers party government have been limited.

Promises set out in the 2003 national plan for agrarian reform to settle 430,000 families by the end of Lula's term, have stagnated, with just 60,000 settled.

Land is a potent issue in Brazil, dating back to colonial times. The powerful landowners, latifundos, have always had political allies in power. With Lula, a historical ally of the landless movement, as president, many imagined change would come more quickly. But critics claim the ministry of agriculture, on the side of agribusiness, and the ministry of agrarian development, on the side of reform, are pulling in opposite directions.

Charles Trocate, the national coordinator of the MST, is from the north-eastern state of Para where the US missionary nun Dorothy Stang, 74, was murdered in February and where 521 people have been killed in land conflicts since 1985.

"The death of Dorothy was nothing more than those with vested interests shutting the mouth of someone who defended the landless, agrarian reform and sustainable environmental development," he says.

"The atmosphere of tension is still there. Anyone who stands in the way of large mining companies and other interests becomes a target, and in many cases this results in deaths."

The MST, due to arrive in Brasilia on Monday, will deliver a 16-point demand to Lula's government. "Clearly, Lula has not done enough. In many ways he is a hostage to international finance organisations," says Gilmar Mauro, an MST leader.

"But if he doesn't contribute to agrarian reform, Latin America has many examples of presidents who have been put into power by people and taken out of power by the same people - the most recent example is Ecuador. I hope it doesn't happen with Lula."

For Juarez the march is a somewhat risky adventure. "I joined the movement two years ago. I thought it was bad when I was a kid. Lots of people were always saying how dangerous it was. But I visited a lot of camps, looked inside and I thought it was really good, very important," he says.

"It's the first march I've been on. It's very disciplined. But I'm not used to sleeping with lots of poisonous snakes. It's scary. We've already killed one in our camp. The daily journeys are tiring but we have a firm objective."

Each day the entire camp is packed up, carried on 31 trucks, and reconstructed at the next point along the route before the marchers arrive.

No one knows exactly where the next camp will be until the day itself. An advance team finds a farm, cuts the fences and sets up.

Chico Lobo woke up to find 10 people in his farmhouse and hundreds milling about on his land, Fazenda Buriti in Abadiania, when the MST came to town last weekend.

"They didn't warn us, they invaded the farm," he says. "I'm not against the movement for agrarian reform, very much to the contrary, but this type of action I'm against. When I went to find out what was going on they threatened me and told me that if I didn't shut my mouth things would be worse for me. They are bringing terror to whatever municipality they pass."

Meanwhile, health problems among the marchers are causing concern. Altilno da Silva Soares, 76, from Rondonopolis in the state of Mato Grosso, died from a heart attack on May 5. More than 100 marchers are treated daily for flu, hypertension, foot sores, insect bites and exhaustion.

For Juarez the big march can only fortify the movement. "Here I sell peanut sweets from tent to tent so I've become well known. We don't have many chances to meet people from other states. I've made a lot of good friends and met a girl from Sao Paulo."

**Class 3**

**In your group read the texts you've just received and identify their point of view regarding the Landless Movement. Make sure to list at least 5 aspects to support your views.**

**⇒ Remember: These texts are documents that you and the other groups will use to support or oppose the Landless Movement's ideas before the Court.**

***Homework***

**2. Read your texts, your colleagues' texts and ideas, search for extra documents and get ready to support or oppose the Landless Movement's ideas at next class' Court.**

***Your Notes***

--

**Class 4****PART 1**

**THE COURT OF LAW:** In this final class you and your group will be part of a trial/judgment in which the MST is the accused.

**CRIME:** \* defending immoral and illegal ideas  
\* committing acts that harm society

**Question to be answered:** Is MST the victim or the villain? Who are MST's enemies and allies?

**The raffle:** 2 groups will be selected to defend the MST, 2 groups will be selected to accuse the MST and 2 groups will be the jury.

Groups will have 20 minutes to prepare themselves for the TRIAL.

**The Prosecutors:** These groups will present evidence (5 to 10 min) to accuse MST of the crimes the movement is being charged. The groups must be ready to answer questions from the Jury. (take notes)

**The Lawyers:** These groups will present evidence (5 to 10 min) to defend MST of the crimes the movement is being charged. The groups must be ready to answer questions from the Jury. (take notes)

**The Jury:** These groups must elaborate questions in order to elicit information from the Prosecutors and Lawyers to come to a judgment. The jurors will have 10 to 15 minutes after Prosecutors/Lawyers presentations to privately debate and decide what decision to make. (take notes)

The Judges will mediate the trial and pronounce sentence (guilty/not guilty) according to jurors' decision.

2. Prosecutors and Lawyers answer the question above.

**Part II**

Having in mind everything you've been reading and discussing about the MST write 5 words that come to your mind that characterize the movement and explain the reason why.

Write a new definition of the Landless movement.

**APPENDIX C – QUESTIONNAIRE I****QUESTIONÁRIO SOCIO-ECONÔMICO – UFSC – PGI – Pesquisadora : Carla Borba - 2006**

NÃO É PRECISO INFORMAR O SEU NOME

Por favor, responda às perguntas abaixo com um X:

Idade:

Profissão:

Sexo:

**QUEM É VOCÊ?**

01. Qual o seu estado civil?

- (A) solteiro(a)
- (B) casado(a)
- (C) separado(a)/desquitado(a)/divorciado(a)
- (D) viúvo(a)
- (E) outro. Qual? .....

02. Quantos irmãos você tem?

- (A) nenhum
- (B) um
- (C) dois
- (D) três
- (E) quatro ou mais

03. Quantos filhos tem?

- (A) nenhum
- (B) um
- (C) dois
- (D) três
- (E) quatro ou mais

04. Com quem mora atualmente?

- (A) com os pais e/ou outros parentes.
- (B) com esposo(a) e/ou filho(s).
- (C) com amigos (compartilhando despesas ou de favor).
- (D) com colegas em alojamento universitário.
- (E) sozinho(a).

05. Possui computador na sua casa?

- (A) Não possuo computador.
- (B) Possuo apenas um, sem acesso à internet.
- (C) Possuo apenas um, com acesso à internet.
- (D) Possuo mais de um, sem acesso à internet.
- (E) Possuo mais de um, com acesso à internet.

06. Qual a faixa de renda mensal familiar total de sua casa?

- (A) até 3 salários-mínimos
- (B) de 3 a 10 salários-mínimos
- (C) de 10 a 20 salários-mínimos
- (D) de 20 a 30 salários-mínimos
- (E) mais de 30 salários-mínimos

07. Quantas pessoas contribuem para a obtenção desta renda familiar?

- (A) uma
- (B) duas
- (C) três
- (D) quatro

(E) 5 ou mais pessoas

08. Quantas pessoas são sustentadas por esta renda familiar?

(A) uma

(B) duas

(C) três

(D) quatro

(E) 5 ou mais

09. Com relação à sua atividade remunerada mensal:

( ) não possuo atividade remunerada mensal

( ) recebo até 1 salário-mínimo

( ) recebo de 2 a 5 SM

( ) recebo de 5 a 10 SM

( ) recebo mais de 10 SM

10. Contribui na Renda Familiar?

( ) sim ( ) não

11. Mora em casa própria?

( ) sim ( ) não

12. Quantos carros existem em sua residência?

(A) nenhum

(B) um

(C) dois

(D) três

(E) quatro ou mais

13. Mora com quantos membros da família?

(A) nenhum

(B) um ou dois

(C) três ou quatro

(D) cinco ou seis

(E) mais do que seis

14. Assinale a situação abaixo que melhor descreva seu caso.

(A) Não trabalho e meus gastos são financiados pela família.

(B) Trabalho e recebo ajuda da família.

(C) Trabalho e me sustento.

(D) Trabalho e contribuo com o sustento da família.

(E) Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família.

15. Caso trabalhe, qual é ou foi a carga horária aproximada de sua atividade remunerada (não contar estágio)?

(A) Não exerço atividade remunerada.

(B) Trabalho eventualmente.

(C) Trabalho até 20 horas semanais.

(D) Trabalho mais de 20 horas semanais e menos de 40 horas semanais.

(E) Trabalho em tempo integral / 40 horas semanais ou mais.

16. Que tipo de bolsa de estudos ou financiamento recebe ou recebeu para custeio das despesas do curso?

(A) Financiamento Estudantil - FIES

(B) Bolsa integral ou parcial (inclusive descontos em mensalidades) oferecida pela própria instituição

(C) Bolsa integral ou parcial oferecida por entidades externas

(D) Outro(s)

(E) Nenhum

17. Qual o grau de escolaridade do seu pai?

- (A) nenhuma escolaridade
- (B) Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série
- (C) Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série
- (D) Ensino Médio
- (E) Superior

18. Qual o grau de escolaridade de sua mãe?

- (A) Nenhuma escolaridade
- (B) Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série
- (C) Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série
- (D) Ensino Médio
- (E) Superior

19. Em que tipo de escola cursou o ensino médio?

- (A) todo em escola pública
- (B) todo em escola privada (particular)
- (C) a maior parte, em escola pública
- (D) a maior parte, em escola privada (particular)
- (E) metade em escola pública e metade em escola privada (particular)

20. Que tipo de curso de ensino médio concluiu?

- (A) comum ou de educação geral, no ensino regular
- (B) profissionalizante técnico (eletrônica, contabilidade, agrícola, etc.), no ensino regular
- (C) profissionalizante de magistério de 1ª a 4ª série (Curso Normal), no ensino regular
- (D) Supletivo
- (E) Outro curso

21. Em que turno fez o ensino médio (2º grau)?

- (A) todo diurno
- (B) todo noturno
- (C) maior parte diurno
- (D) maior parte noturno
- (E) Outro. Qual ? .....

22. Em que ano concluiu o ensino médio?

- ( ) 2005
- ( ) 2004
- ( ) 2003
- ( ) 2002
- ( ) 2001
- ( ) entre 2000 e 1995
- ( ) entre 1994 e 1990
- ( ) antes de 1989

23. Excetuando-se os livros escolares, quantos livros leu no presente ano?

- (A) nenhum
- (B) no máximo dois
- (C) entre três e cinco
- (D) entre seis e oito
- (E) oito ou mais

24. Quais os tipos de livros que mais lê?

- (A) obras literárias de ficção
- (B) obras literárias de não-ficção

- (C) livros técnicos  
 (D) livros de auto-ajuda  
 (E) outros

25. Com que frequência lê jornal?

- (A) diariamente  
 (B) algumas vezes por semana  
 (C) somente aos domingos  
 (D) raramente  
 (E) nunca

26. Quais os assuntos dos jornais que mais lê?

- (A) todos os assuntos  
 (B) Política e/ou Economia  
 (C) Cultura e Arte  
 (D) Esportes  
 (E) outros. Quais?.....

27. Que meio mais utiliza para se manter atualizado sobre os acontecimentos do mundo contemporâneo?

- (A) jornais  
 (B) revistas  
 (C) TV  
 (D) rádio  
 (E) internet

28. Há quanto tempo estuda inglês?

- ( ) 1 - 2 anos ( ) 3 - 4 anos ( ) 4 - 5 anos ( ) 5 - 6 anos ( ) + 6 anos

23. Por que optou pelo curso de Letras?

-----  
 -----

29. Já atua como professor de línguas?

- ( ) sim ( ) não

30. Em caso positivo, leciona em que área?

- ( ) Inglês  
 ( ) Português  
 ( ) ambas

31. Em caso negativo, pretende atuar como professor quando terminar a graduação?

- ( ) sim ( ) não

32. Em que área?

- ( ) Português  
 ( ) Inglês  
 ( ) ambas

33. Que tipo de leitura em português ou inglês faz no seu dia-a-dia ?

- ( ) revistas de variedades ( ) livros profissionais ( ) jornais  
 ( ) revistas profissionais ( ) livros da faculdade ( ) internet  
 ( ) livros p/ entretenimento ( ) textos técnicos ( ) não leio muito

34. Quando lê textos em inglês, fora da sala de aula, quais destas estratégias usa?

Marque as melhores opções:

- |  |     |     |
|--|-----|-----|
| Procuro palavras no dicionário                 | sim | não |
| Pergunto para alguém as partes que não entendo | sim | não |
| Tento adivinhar o sentido das palavras         | sim | não |



Uso tradutor do computador	sim	não
Leio o título e tento imaginar o assunto	sim	não
Outras:.....		

35. Está (esteve) envolvido (a) em algum projeto de pesquisa (iniciação científica)?

- (A) Sim, desenvolvo (desenvolvi) pesquisa(s) independente(s).
- (B) Sim, desenvolvo (desenvolvi) pesquisa(s) supervisionada(s) por professores.
- (C) Sim, participo (participei) de projetos de professores.
- (D) Sim, participo (participei) de projetos de estudantes da pós-graduação.
- (E) Não, porque não me interessa (interessei) pela pesquisa.
- (F) Não, porque não tive a oportunidade.

36. Das atividades artístico-culturais listadas abaixo, qual constitui sua preferência para o lazer?

- (A) cinema
- (B) espetáculos teatrais
- (C) shows musicais e/ou concertos
- (D) dança
- (E) nenhuma

**Muito obrigada pela participação! ☺**

**APPENDIX D – QUESTIONNAIRE II  
ADAPTED FROM BARREIRA, 2003**

**QUESTIONÁRIO 2 – UFSC – PGI – Pesquisadora : Carla Borba – 2006/7**

**Questionnaire**

**1. Qual(is) atividade(s) você gostou MAIS e por quê?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**2. Qual(is) atividade(s) você ACHOU MAIS DIFÍCIL e por quê?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**Suas experiências como participante desta pesquisa, de alguma forma, contribuíram para seu conhecimento ou opinião a respeito do MST? Justifique.**

---

---

---

---

---

---

---

---

**A) Qual é sua definição do MST hoje? B) Levando em consideração a questão agrária do Brasil, quem pode ser considerado vilão ou vítima? C) Quem são os inimigos e aliados do Movimento?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---



---



---

Gostaria de fazer qualquer outro comentário?

---



---



---



---



---



---

Muito obrigada pela participação! ☺

<p><b>Class 1</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1º Idéias prévias sobre o MST.</li> <li>2º Slide show com imagens do movimento.</li> <li>3º. Escolha de cinco palavras referentes ao MST.</li> <li>4º. Elaboração do 1º conceito descrevendo o que é o MST.</li> </ol>
---

<p><b>Class 2</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1º. Previsão a respeito do tema do texto que seria lido (grupalmente) - <i>Brazilian's long march to land reform</i> (você ainda não tinham o texto em mãos e utilizaram as palavras no quadro para a realização da tarefa).</li> <li>2º. Leitura do texto (sem o título) para a escolha de um título pelo grupo.</li> <li>3º. Justificativa perante o grande grupo dos títulos escolhidos e posterior debate para a escolha de um único título pela turma. (Título escolhido: The Red Problem).</li> <li>4º. Escolha de cinco palavras existentes no texto que caracterizassem o MST e posterior justificativa.</li> </ol>
--

<p><b>Class 3</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1º. Leitura de diferentes artigos jornalísticos usados como documentos para o Tribunal na aula seguinte.</li> <li>2º. Leitura do encarte com várias capas da <i>Veja</i> retratando o MST.</li> <li>3º. Análise dos textos tendo como objetivo observar o posicionamento do autor em relação ao MST, ressaltando os pontos positivos e negativos do movimento.</li> </ol>
--

<p><b>Class 4</b> <u>Tribunal</u></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1º. Sorteio dos grupos que atuariam como Advogados, Promotores e Jurados.</li> <li>2º Preparação para o debate.</li> <li>3º. Exposição e confronto de idéias.</li> <li>4º. Julgamento e Sentença.</li> <li>5º. Escolha de cinco palavras que caracterizam o MST.</li> <li>6º Elaboração de uma segunda definição para o Movimento, levando em consideração o MST como vítima ou vilão e ainda os possíveis inimigos e aliados do movimento.</li> </ol>
---

**APPENDIX E – TRANSCRIPT CONVENTIONS  
(ADAPTED FROM ROMANINI, 2006)**

[ ]	overlapping
(( ))	analyst's comments
+	pause
++	long pause
(xxxx)	inaudible
?	questioning intonation
S	unidentified student
Ss	students altogether
Name:	fictitious name of identified student
T	teacher/researcher

## APPENDIX F – TRANSCRIPTIONS OF THE WRITTEN DATA

### Participants

**Group 1 – Fernanda, Victoria, Prima, Baby, Condolesa Rice**

**Group 2 – Mila, Alê, Naise, Jamily**

**Group 3 – Fergie, Maria Eduarda, Opa-opa, Bus, Rainha**

**Group 4 – Jujubeleza, Cinderela, Laila, Britney**

**Group 5 – Ivie, Larissa, Lisa Simpson, Kimi, Tulie Daphny, Branca de Neve.**

**Group 6 – Cera, Intelectual, Robin**

### Class 1

Questionnaire

#### Group 1

Activity 1 (What do you know about the MST? – warm up)

It is a movement of people who have an objective: to conquer land to work and to live. Some people from this movement are pacific, but there are some who are violent and this image (made by them) is very complicated before society.

Activity 2 (words that come to your mind based on the video)

Fernanda: FIGHT – UNION – INTENTION (vontade) – IDEAL – STRENGTH

Victoria: MISERY – UNION – WORKERS – CHILDREN – PARENTS

Baby: UNION – POVERTY – DETERMINATION – JOB – FIGHT FOR THEIR IDEALS.

Prima: UNION – IDEALISTIC – WORK – POVERTY – FIGHT FOR THEIR OBJECTIVES

Condolesa Rice: WALK – FIGHT – INEQUALITY – JOB – INJUSTICE

Activity 3 (group definition)

The MST is movement that proves a lot of union among people in search for an ideal.

#### Group 2

Activity 1 (What do you know about the MST? – warm up)

We think MST really wants more and more land and they never get satisfied. There is a dispute of power between them and the government.

Activity 2 (words that come to your mind based on the video)

Ale: MELANCHOLY – ENDLESS FIGHT – MILITANT – MISERABLE – NEGLIGENCE

Naise: MISERY – SADNESS – FIGHT – FIND – UNION

Mila: EVERYTHING – MISERY (FORGED SOMETIMES/PROGRAMMED) – UNION – ? – SADNESS

Jamily: absent

Activity 3 (group definition)

They are united for only one goal that is to be settled with dignity.

#### Group 3

Activity 1 (What do you know about the MST? – warm up)

The MST is a movement of landless people, they are fighting for a just cause: for a piece of land.

Activity 2 (words that come to your mind based on the video)

Bus: MANY PEOPLE – WORK – POLICE – CAR – CHILDREN

Rainha: PEOPLE – FLAG – MAN – FIGHT – MISERY

Maria Eduarda: FIGHT – HOPE (“expectant”) – POVERTY – FAITH – COURAGE

Opa-opa: CARS – PEOPLE – WALKING – JUSTICE – FORCE

Fergie: absent

Activity 3 (group definition)

The MST is the fight of man to leave misery.

#### Group 4

Activity 1 (What do you know about the MST? – warm up)

They are poor people (Britney)

They don't have objectives and organization (Laila)

It is a movement for opportunistic people (Cinderela)

They have to believe in what they do (Jujubeleza)

Activity 2 (words that come to your mind based on the video)

Jujubeleza: TO PLANT – FOODS – POOR – CHILD – HUNGRY

Cinderela: CAMPING – FIGHT – TORMENT (sofrimento) – POVERTY – HUNGER

Britney: POOR – UGLY – TAND(tent) – TRIED – YOUNG PEOPLE

Laila: UNION – INVASION – WORK – JUSTICE – PEACE

Activity 3 (group definition)

Many young people belong to the MST. They wanna plant and they are very poor and hungry. There are children who believe they live in a camping.

#### Group 5

Activity 1 (What do you know about the MST? – warm up)

We think this movement is a revolution cause created by people that want to a place to live, land to cultivate and a bigger “representative” assistance.

Activity 2 (words that come to your mind based on the video)

GNaisee: ENCAMPMENT (camping) – DEMANDS (claims) – MANIFESTATION – DISMISSAL (unemployment) – REVOLT

Lisa Simpson: BIG MOVEMENT – FIGHTS – HUNGRY – BRAVE/ COURAGEOUS – WORK

Larissa: YOUNG WORK – FIGHT – SEARCH FOR ASSISTANCE – HUNGRY – COURAGE

Kimi: EMPLOYMENT – MANIFESTATION – DISCORD – HUNGRY – COURAGE

Ivie: FIGHTS – HUNGRY – COURAGE – MOTIVATION – MANIFESTATION

Activity 3 (group definition)

MST is a big movement that implicates courage, motivation, power. Their manifestations cause fights, discord and revolt. They live in misery, unemployment, hungry and without a place to live.

Group 6

Activity 1 (What do you know about the MST? – warm up)

O MST tem que ser visto sob dois pontos:

- 1) Pelo aspecto dos sem-terra
- 2) Pelo aspecto dos latifundiários

O governo só poderá minimizar estes conflitos se entender os dois lados. This is an ideological war. (“ideology war”)

Activity 2 (words that come to your mind based on the video)

Cera : WAR – INJUSTICE – SIN – INDIFFERENCE – BATTLE

Intelectual: WORK – REVOLUTION – FIGHT – WAR – REBELLION

Robin: MASSES OF PEOPLE – MISERY – INNOCENT/ naivety – SUFFERING – STARVATION

Activity 3 (group definition)

MST is a movement of rebellion. There are many leaders that are looking for power and money. It is a misery movement. MST is a political movement. MST is an ideological movement. (“ideology movement”).

Class 2Group 1Fernanda:

Activity 1 (warm up based on the words from the board)

Group: the text is about the conflicts of MST, it is about their rights and difficulties they face along the way.

Activity 2

Text Title: The situation of MST in Brazil according to Juarez Santana Rocha

Activity 4 (expressions)

Agrarian reform – march – murdered – death – farm

“A reforma agrária é uma marcha onde se invadem fazendas e ocorrem vários assassinatos e mortes.”

Condolesa Rice

Activity 2

Text Title: The situation of MST in Brazil according to Juarez Santana Rocha

Activity 4

To undertake – against – to set out – agrarian reform – to mill about

Victoria

Activity 2

Text Title: The situation of MST in Brazil according to Juarez Santana Rocha

Activity 4

March – represent – conflicts – bringing terror

“Estas palavras representam o que existe no movimento sem terra e as conseqüências que elas podem trazer para ‘eles’ MST e para a sociedade.”

Patrícia

Activity 2

Text Title: The situation of MST in Brazil according to Juarez Santana Rocha

Activity 4 (expressions)

Excited – critics – adventure – disciplined – agrarian reform

Group 2

Ale

Activity 1:

Group answer: the text probably speaks about the MST and its life.

Activity 2

Text title: The fight is still on fellow (a luta continua companheiro) (“Escolhemos esse título porque a luta do MST é uma luta contínua, é uma batalha para sempre”)

Activity 4 (expressions)

Militants – to mill about (movimentar-se agitadamente) – dismay – ally – agrarian reform – conflicts “because it is a revolution made by homeless people”

Jamily

Activity 2

Text Title: The fight is still on fellow (a luta continua companheiro)

Activity 4

Environmental – dismay – vested interests – scary – to set out (estabelecer)  
“Because they are all connected with homeless people”

Mila

Activity 2

Text Title: The fight is still on fellow

Activity 4:

Dismay – to rally (melhorar) – against – concern – sore

Naise: absent

Group 3



Bus

## Activity 1

Group: the words on the board are about MST. MST's militants are fighting because of land. The text is about agrarian reform.

## Activity 2

Text Title: The MST's fights (The fights of MST) ("Escolhemos esse título porque eles vem a tanto tempo lutando, por uma terra e por um lugar para viver.")

## Activity 4 (expressions)

Promises, ally, target, hostage, sore.

"Land is potent issue in Brazil", "Just to be different".

Comments: Porque são palavras fortes e chamam atenção para a questão.

Opa-opa

## Activity 2

Text Title: The MST's fights (The fights of MST)

## Activity 4 (expressions)

Promises – promessas são sempre feitas.

Land – o motivo de tudo isso.

Lula – o cara que deu esperanças.

Hope – sem ela nada é possível

Food – todo mundo precisa para viver

Maria Eduarda

## Activity 2

Text Title: The MST's fights (The fights of MST)

## Activity 4 (expressions)

"Just to be different", "land is a potent issue in Brazil", ally, target, hostage, sore.

Essas são as palavras que representam o dia-a-dia do grupo do MST.

Fergie

## Activity 2

Text Title: The MST's fights (The fights of MST)

## Activity 4

Hostage

Corruption: há muito em nosso país

Lula: esperança de muitos

Rainha: absent

## Group 4

Britney:

## Activity 2

Text Title: MST to Whom? (“A gente escolheu esse titulo porque a gente gostaria de sabe a quem na verdade serve o MST”)

## Activity 4 (expressions)

Lula – “because he is my president”.

Landless – “resume todo o MST”

Jujubeleza

Handed back a blank page (guess she missed this class).

Laila

## Activity 2

Text title: MST to whom?

## Activity 4 (expressions)

“The atmosphere of tension is still there”

Comments: Se o movimento não tiver organização, o clima vai continuar tenso sempre, movimento sim, mas justo para todos.

Cinderela

## Activity 2

Text title: MST to whom?

## Activity 4 (expressions)

Landowner – porque para mim esses são uns dos mais afetados neste processo. environmental – a palavra já expressa que se a terra não está em condições de plantio não é feita a apropriação dessas.

## Group 5

Kimi

## Activity 2

Text title: Juarez’s adventure (Escolhemos esse titulo porque fala da aventura do Juarez no MST)

## Activity 4

Low wages – hostages – dangerous – hope – dismay . “the MST is a movement known internationally by their conflicts and danger. They oppose law wages, dismay and sore. In this movement there are many hostages.”

Ivie

## Activity 2

Text title: Juarez’s adventure

## Activity 4

Scary – dismay – concern – sore – dangerous. Porque apesar de o MST ter sempre essa luta contínua, eles passam por muitas coisas, muitos obstáculos e que mesmo assim não os faz desistir.

### Larissa

Activity 2

Text title: Juarez's adventure

Activity 4

Sore – concern – dangerous. Essas três palavras que escolhi, embora não estejam na ordem que deveriam estar, porque o MST é uma preocupação, pois para eles quando vão de um lugar para outro, ficam apreensivos sem saber o que irá acontecer. Perigoso, porque acontecem conflitos e muitos podem se ferir. Dor porque sempre alguém sofre nesses conflitos.

Group 6

### Cera:

Activity 2

Text title: The Red Problem (PT – MST)

Activity 4 (expressions that characterize the MST)

“put into power by people and taken out of power by people” Essa frase mostra o quanto o povo é manipulável e inconstante.

“I'm not against the movement”

### Intellectual

Activity 1

The text speaks about the agrarian reform movement fight between landowners and militants.

Activity 2

Text title: The great march/The Red Problem

Activity 4 (expressions that characterize the MST)

Terror – people have been killed – they are bringing terror to whatever municipality they pass.

### Robin

Activity 2

Text Title: The Red Problem

Activity 4 (expressions that characterize the movement)

Hostage – sore – poisonous – scary – dismay (desânimo)

(Comentário do Robin: O MST é refém do desânimo governamental, que tem um desânimo político para o movimento continuar, esse movimento é “complacente” com a política brasileira, uma política arcaica e ultrapassada. O MST serve como escudo político dos governantes e infelizmente a massa humana é movida a bel prazer).

### Class 3

Group 1 (text: A lua de mel acabou)

Pontos Positivos

- transformar uma área improdutiva em produtiva
- lutam por seus objetivos
- lutam contra a desigualdade social
- cobram medidas do Presidente, eles exigem resultados imediatos
- é um movimento que tem muita união entre seus seguidores

Pontos Negativos

- falta de recursos para produzir
- nunca ficam satisfeitos com as conquistas que tem, pois sempre querem mais e assim causam grandes conflitos
- conflitos por parte do governo e do MST por motivos banais, sem ter preocupação com as conseqüências
- causam muitos problemas invadindo áreas produtivas
- os conflitos sem necessidade não levam a lugar algum

Group 2

Text: Rural right activists wreck Brazilian plantation.

In favor

- rural rights activists wreck Brazilian plantation
- rural activists say multinational farming groups threaten rural workers as much as Brazil's traditional landowners

Against

a group of about 2000 rural activists invaded a eucalyptus plantation in southern Brazil this week causing millions of pounds damage to one of country's biggest paper producers.

Brazilian authorities condemned the attacks as "vandalism" and "banditry". Those responsible said they were opening up a new front.

Miguel Rosseto, the minister for land reform, criticized the protesters.

Post comments:

"The landless movement has been characterized by their invasions and destroying plantations. The Brazilian authorities condemned the attacks as vandalism. The text, then, has much information about the Landless Movement. They invaded a eucalyptus plantation causing pounds of damage. The Brazilian authorities condemned the attacks, although they had helped them.

Group 3

Contra o MST

- negociação fracassa e MST anuncia invasões em Minas Gerais.
- Mais um não para José Rainha
- Fazendeiros se protegem
- Sem teto com .... há 10 anos.

A favor

caminhada por Rainha  
 MST quer renegociação de dívidas  
 Alckmin estuda assentamento provisório no Pontal

#### Group 4 (tape recorder did not work)

##### Against

o movimento sem terra não adota personalidade jurídica, isso além de renegar as que regem o país dá apoio, ou melhor, exemplo aos que também pretendem agir de forma ilegal.

Uma das leis que fundamentam a organização social é o direito de propriedade e o movimento dos sem terra não respeita essa lei.

Um grande número dos que adotam o MST não são realmente produtores agrícolas, são oportunistas.

##### Pro

o crescimento do país depende do setor primário de produção, logo as propriedades agrícolas tem que produzir para impulsionar a economia.

Muitos latifundiários mesmo tendo terras improdutivas, não declaram isso, colocando poucas cabeças de gado e não declarando produção.

#### Group 5 (text: Land Grab)

just 1% of the people have almost half of the country's land and the other half is disputed for 99% of population.

All people have right to land, to work on and to live well.

The MST catches empty land because nobody changes their reality.

Many people are against the protests of MST, but it is through these protests that they show their problems.

The text land grab is in favor of the MST.

#### Group 6 (Text: On the frontier)

violence : negative

eliminated hunger: positive

sense of community: positive

planting: negative or positive

occupying: negative

Text in favor of the MST

#### Robin's private contribution

("minha contribuição pessoal pela graça!")

O MST é um movimento idealista, centrado na sobrevivência de idéias, uma busca constante de luta contra a fome: fome física e fome intelectual. Desde que o homem existe, ele busca algo que nunca encontra. O MST busca o inencontrável, busca sem controle, e dotado de aparências, provocadas por um povo mal nutrido por quem tem poder, os governantes, representantes do povo. Nos caminhos que percorrem deixam seus passos, que nunca vão apagar, pegadas que escondem as angústias,

tristeza de um povo abandonado, cuja esperança somente reside nos seus ideais: parar de deixar pegadas no passado.

Não faz sentido atacar o MST, não faz sentido tirar uma bala de uma criança, a criança é atraída pelo doce. O MST é atraído pela sobrevivência.

“como o pessoal riu da minha ajuda, o povo também ri do MST”

“riso esse dotado de um povo ignorante não do saber mas do proceder. Por traz de todo palhaço existe um ser humano, dotado de ideais. Dentro de cada sem terra existe um ser humano dotado de esperanças. Mas quem se importa com os palhaços e com os sem terra?”

#### Class 4

Jury – group 5

Verdict – MST is a good movement. It has good subjects, ideas, but what really outstand are the violent acts rather than the good things that it does. Because of it our sentence is guilty.

The Prosecutors had good arguments; they proved that MST would not have success with its acts.

Jury's Questions:

Contra o MST

Por que tanta violencia?

Pra que invadir as casas se o que querem são as terras?

Levando em consideração o maior objetivo do MST, isto é, a Reforma Agrária, por que o MST se envolve em outras questões tais como: dívida externa, restatização das empresas privadas e queriam o impeachment do FHC?

Será que todo o MST não quer virar um partido político?

(eles formam guerrilhas?!)

A favor do MST

1. De que outra forma, sem ser através de protestos e atos congêneres, o MST conseguiria chamar atenção para seus objetivos?
2. O presidente viaja muito. Por que essa quantia grande de dinheiro sem muita necessidade, não é usada para questões sociais como as do MST?
3. Será que as propostas do governo para a área social estão favorecendo todas as pessoas sem distinção de raça, cor e de diversos grupos socialistas?
4. O MST foi processado pelas suas declarações. Será que estão tentando calar o MST?

Handout – Class 4 – brainstorm questions:

#### PRIMA

MST is the villain. They have enemies and allies. Their enemies are the president and his politicians. Their allies are the ones who defend the movement.

Luta: quer dizer luta por seus ideais e seus direitos.

Desigualdade social: é que todos tenham seus direitos iguais.

Movimento Sem Terra desejo a vocês que briguem menos e sejam mais idealistas e menos invasores, porque só assim talvez vocês cheguem a algum lugar.

### CINDERELLA

O mst faz parte de um sistema político onde fazem o papel de vilão, fazendo seus atos de vandalismo. Os que apóiam o mst é o próprio governo do PT.

### BRITNEY

The MST is the villain because their wars have no reason. I believe the government must help them, but wars never.

Guerra: Guerra sem sentido/Mortes bobas.

Direitos: que são negados a algumas pessoas.

O MST é um movimento que ainda precisa aperfeiçoar-se para poder ganhar força e razão.

### OPA-OPA

Enemies: farmers and politicians

Allies: the allies are themselves

The MST is the victim and the villain.

### MARIA EDUARDA

The MST is the villain.

Os inimigos são os fazendeiros, pois tem suas terras invadidas. Os amigos são apenas o grupo, pois a população geralmente não tem muitas informações a este respeito, por isso não pode se colocar contra ou a favor.

### FERGIE

The MST is the villain. The enemies are the farmers and the politicians. The allies are themselves.

Conflitos

Invasoes

O MST é uma organização de pessoas que estão em luta por um pedaço de terra mas muitas vezes buscam a igualdade através de conflitos.

### INTELECTUAL

\* Líderes corruptos defendem ideais ilegais e imorais, mas a essência seria a garantia de direitos sociais.

\* não se justificam atos contra a sociedade, como também não se justifica o descaso do governo.

\* vivemos uma guerra, não concordo com ela, mas tenho que admitir que ela existe; homens egoístas são a foto da guerra.

é difícil definir onde começa a vítima e onde termina o vilão. Seus inimigos muitas vezes são eles mesmos. Atos violentos de alguns refletem no grupo.

Violência – morte de pessoas – horror – invasão de casas e propriedades.

o MST é um movimento revolucionário socialista.

### LAILA

The MST is a movement of villains. Their allies are the politicians and the enemies are farmers.

organizar o movimento.

lutar por igualdade social

MST – com organização e objetivos todos chegam aos lugares desejados. Igualdade a todos.

### RAINHA

The MST is the villain, their enemies are landowners and their allies are themselves.

luta e confronto

O MST luta por um pedaço de chão, para poderem se abrigar e plantarem. É um movimento muito unido, em que eles lutam até o fim, fazendo invasões que no final sempre acabam em tragédia.

### IVIE

Lutas – sonhos

O MST é um movimento com grandes lideranças, pequenas propostas e poucas perspectivas de sucesso. Com muitos objetivos e alguns poucos seguidores, lutam por sonhos e conquistas de terra. Em meio a tantas batalhas, algumas mortes e destruições.

### JUJUBELEZA

the MST is the victim. Their enemies are politicians and their allies are themselves and the poor people. I agree with this movement and want a better future for them. pobreza: a maioria dos integrantes são pobres, vivendo em total miséria.

luta: muitas vezes a batalha toma proporções maiores que os próprios objetivos do grupo.

O MST é um movimento que busca o crescimento do país e a igualdade do povo, mas ainda é um movimento “prematureo”.

### ALE

eles são as vítimas a partir do momento em que o direito de propriedade não é adquirido, não é assentado. São também vilões pois por esse motivo de revolta acham-se no direito de invadir e exigir o que lhes é de direito.

### NAISE

I think that MST are the victims, because they don't have any help from Brazilian authorities.

### JAMILY

They are victims, because they don't have any land to live when there is so much free land.

### CERA

Toda a vez que o MST ultrapassa seus direitos, abusa de sua liberdade e transgredir a lei federal, ele deixa de ser de ser vítima.



Luta (por direitos e justiça) – Define o MST e a ação dos fazendeiros no combate.  
 Sonhos – os sonhos de todos perpassam os pros e os contras.

O MST é um grupo que luta por direitos, desde que amparados pela CF.

### TULIE DAPHNY

Violence – Perseverance

O MST luta pelo que quer, porém “querem tanto” que transformam suas formas de protestos (passeatas, encontros, etc) em verdadeiros ringues de lutas.

MST: é tanto empenho que às vezes falta a consciência dos atos.

### Class 4 – final questionnaire (elapsed time)

#### Student 1

O que mais gostei de fazer foi o teatro dos sem-terra, apesar de não fazer parte do roteiro de aula. Foi um dos momentos que me senti mais envolvida com o assunto. E também gostei bastante do debate (tribunal).

Não achei nenhuma atividade difícil. Achei todas de fácil compreensão.

Sim. Me trouxeram bastantes conhecimentos, muitas coisas que antes nem imaginava fiquei sabendo através de sua pesquisa.

MST, hoje defino como sendo um movimento que luta por seus ideais. Todos tem um pouco de vilão e vitima. Cada um defende seus direitos. É mais fácil mostrar os inimigos que são os fazendeiros e a própria democracia brasileira.

Teacher, seja nossa professora please! I love you!

#### Student 2

Eu gostei da atividade que tínhamos que colocar o título do texto. Gostei porque nos fazia ler e entender o sentido do texto para dar um título apropriado a ele.

A atividade mais difícil para mim foi a análise do texto para tentar encontrar os pontos positivos e negativos do MST, sendo que isso se torna difícil quando temos posicionamentos diferentes do autor.

Sim. De alguma forma pude ter um esclarecimento do assunto e ver que o movimento não só tem seu lado ruim e sim tem um pouco de cada, pois existem pessoas que aderem ao movimento para fazer brigas e desestruturam o movimento, mas também tem aquelas pessoas que lutam em busca de um ideal.

O MST é um movimento que tem por objetivo buscar terras para as pessoas que precisam e não tem condições de comprar. Bem, acredito que o vilão seja o fazendeiro que menos não fazendo nada em suas terras não as doa para as pessoas pobres plantarem. Os aliados são poucos, mas acho que o governo é o maior aliado e o maior inimigo. São os fazendeiros e os próprios companheiros que às vezes fazem desta luta tão seria uma baixaria transformada em briga desumana e sem necessidade.

O conhecimento adquirido foi muito valido. Espero ter contribuído para sua pesquisa.

#### Student 3

Na class 3 a leitura do encarte com varias capas da revista veja, porque é praticamente a verdadeira imagem que o Brasil tem do MST, pois é um revista muito bem conceituada e que tem compromisso com a verdade.

Também na class 3 a analise dos textos, pois observar o posicionamento do autor não é fácil, porque cada pessoa pensa de um jeito diferente, e, o que para uns é ponto positivo, para outros, é ponto negativo e vice-versa.

Sim, em todas as aulas surgia algo de novo. A cada opinião de um colega, nós elaborávamos novos conceitos e assim, nossa visão do MST ficava muito mais ampliada (a favor ou contra). Eu aprendi a ser mais flexível quanto aos conceitos que tinha desse movimento.

É um movimento que tem pessoas honestas e desonestas, que por muitas é vitima e por tantas outras é vilão. Não acredito que hajam inimigos ou aliados em relação ao movimento. Existem sim, pessoas que são contra ou a favor e acabam assumindo tais papéis perante o MST.

Foi uma honra poder participar e contribuir para que essa pesquisa fosse realizada. Gostaria de agradecer por ter nos escolhido.

#### Student 4

A atividade que mais gostei foi a da leitura dos artigos jornalísticos, pois nela o conhecimento do MST ficou mais claro. Pudemos ver os pontos positivos e negativos. Os dois lados de um problema.

A atividade do tribunal, pois é difícil para você decidir o que está certo e errado, mesmo depois de varias leituras e tendo um conhecimento mais amplo do assunto. Contribuíram! Agora tenho um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto. Sei agora o que o MST e os donos de propriedade defendem e quais são seus interesses.

O MST é um povo que luta pela igualdade, pela divisão de grandes propriedades. Cada um tem um pouco de vítima e vilão; as vezes as suas ações nos levam a pensar diferente. Os inimigos e aliados são os fazendeiros e os governantes.

#### Student 5

Adorei o tribunal porque foi super gostoso. Nós tivemos que tentar entrar na realidade do MST e inventar argumentos para defender acusar ou interrogar. Foi a leitura do texto (sem título) porque a linguagem para traduzir era meio complicada e demoramos um tempinho considerável.

Acho que contribuíram para o meu maior conhecimento a respeito do MST, porem fiquei talvez um pouco dividida. Não sei dizer ao certo quem esta agindo corretamente, se o governo ou o MST.

A situação parece estar mais calma, pelo menos a mídia não tem noticiado sobre isso e até onde parece as invasões acabaram. Não sei dizer quem é o vilão e quem é a vitima. Cada um tem suas próprias razoes e creio que para saber somente participando do mundo de cada um (governo e MST).

#### Student 6

Eu gostei mais do ultimo dia, em que foi feito o tribunal, porque foi uma aula dinâmica e fez com que todos participassem e interagissem mais que nas outras. Foi um dia de apresentação de idéias finais, o resultado de todas as aulas. E também a finalização do trabalho e a conclusão do MST. Valeu a pena! O teatro também.

O ensaio do teatro foi o mais difícil! ☺ Escrever o conceito do MST, porque até então só conhecíamos por fora, assistindo pela TV e assim ficamos conhecendo mais e trocando idéias sobre. Sabendo quem faz parte, quem age, quem é contra e a favor.

Com certeza. Houve dinâmica, houve interação com o grande grupo. Troca de idéias, discussão de opinião e isso fez com que nós conhecêssemos mais sobre o assunto, porque até então não tínhamos quase nada de informação.

O MST é vítima. Os políticos e todo o povo que é contra são vilões. Inimigos são os latifundiários. E o movimento e todos que participam são aliados.

Parabéns!

#### Student 7

Eu pessoalmente gostei mais da atividade que simulava um tribunal, pois foi uma atividade dinâmica onde houve troca de idéias, até mesmo pessoais, chegando a conhecer por um novo perfil nossos colegas.

Construir um conceito sobre algo que não conhecemos é mais complicado, assim foi o que achei mais difícil.

Sim, houve muitas leituras e trocas de opiniões. Isso fez com que pudéssemos avaliar as duas faces do movimento.

Hoje por ter a real visão de que qualquer um pode ser o advogado do diabo, desconfio das opiniões alheias, já que muitas vezes defendem seus próprios interesses pessoais. Logo, sempre fui a favor do movimento e se que eles são vítimas da pouca organização do setor de distribuição de terras, e os inimigos são aqueles que defendem o acúmulo de capital (latifundiários).

Sim, o que mais garante a construção de uma opinião mais justa é o acesso às informações sabendo discerni-las e interpretá-las. Valeu!

#### Student 8

A atividade que mais gostei foi o tribunal, onde as idéias sobre o MST ficaram mais claras, podendo defender melhor, assim uma decisão mais concreta.

Considero esta atividade do tribunal a mais difícil também porque tivemos que analisar bem os fatos e tomar uma decisão. Ficar atentos as teses (ou pros ou contra) de cada equipe.

Contribuíram para uma carga positiva em relação ao MST. Pude ver com mais clareza pelo que realmente lutavam apesar de não serem justificadas as “brigas” que provocam.

O MST por mim, hoje, é visto como um grupo que luto muito pelo que quer, às vezes, passando por cima de alguns princípios. E talvez sob vários aspectos possam ser considerados vítimas do descaso do governo. Os grandes inimigos são com certeza os grandes fazendeiros e governantes.

#### Student 9

Quando nos reunimos em grupo para expressar nossas idéias e com auxílio do gravador para professora observar nossos pensamentos.

A do tribunal pois é muito difícil argumentar em inglês.

Contribuíram, pois todos os conhecimentos são válidos, basta sabermos utilizá-los.

MST: eles não se contentam com nada (podemos dizer que eles pensam “é tudo ou nada”). Vilões são os grandes empresários, pois só pensam neles. Vítimas somos

todos nós, lembrando que o MST não se contenta com pouco, por isso não possuem nada. Diríamos que é um conjunto, mas que se modifica conforme a situação que se encontra.

Sim. Foi uma experiência agradável e que com certeza obteve produtividade. Acredito que dessa forma muitos de nos observamos como nosso país está virado em um caos. Não se tem mais o controle da situação, sendo mais fácil fechar os olhos para não encarar a realidade brasileira.

Student 10

Eu gostei das idéias prévias e do primeiro conceito dos MSTs e também do julgamento. Porque me esclareceu as idéias que tinha sobre os MSTs. Ajudou-me a entender a força do trabalho em grupo.

Foi a análise do texto Brazilian's long march to land reform, pois é difícil analisar um texto sem título (que já transparece uma prévia de certo assunto) e falar de assuntos que voce não domina.

Contribuíram, pois nessa pesquisa fiquei sabendo a trajetória e luta dos MSTs (objetivos).

MSTs é um grupo de pessoas lutando pelo direito de ter um pedaço de terra. Se que também eles tem direito, mas muitas vezes se esquecem de seus deveres. Os inimigos deles são basicamente os grandes latifundiários e os aliados são aqueles que aderem ao movimento dos MSTs.

Student 11

Eu gostei da simulação de um júri onde foram colocados os pros e os contras do movimento.

Foi a análise de textos de diversos sobre a opinião a respeito do movimento.

Afetou porque nessa pesquisa fiquei conhecendo um pouco mais da trajetória e objetivos do MST.

Um grupo que luta por terra. Acredito que ambos têm direitos e deveres, basta aplicar. Pra eles aliados são os que aderem o movimento e inimigos quem tenta barrar eles de certa forma.

Student 12

A atividade que eu mais gostei foi a do tribunal que tinha júri, advogados de defesa e de acusação. Foi muito legal.

A atividade mais difícil foi achar em um texto sobre o mst os comentários contra e a favor, mas o restante das atividades foi beleza.

Continuou a mesma opinião. Eu não sou contra, mas também não sou a favor.

Olha, como eu disse na questão anterior, eu não sou contra, nem a favor do mst, mas eu acho que se eles não tem terra pra morar, eles tem mesmo é que invadir, pois o governo brasileiro não faz nada para ajudá-los.

Gostei bastante das aulas e dos trabalhos que você aplicou.

Student 13

Para mim todas, pois meu conhecimento em relação ao MST era restrito, era um movimento que não me chamava muito a atenção, pois considerava o movimento muitas vezes com atitudes violentas.

Apesar de não participar ativamente, achei o debate final (tribunal), a atividade mais complexa.

Contribuíram e muito, pois passei a ler mais sobre o mst, e olhar também com outros olhos. Respeitando o direito de cada um de reivindicar seus direitos. Mas

continuei com os meus princípios, onde não devemos prejudicar alguém (ninguém) para o nosso benefício próprio.

MST – é um grupo de pessoas com direitos e deveres como qualquer cidadão, respeitando logicamente o espaço de cada um, sempre chegando aos nossos objetivos, justamente, sem matar, roubar ou usar de violência. Vilão ou vítima são todos nós podemos ser, vai depender do ponto de vista de cada um. Podemos conseguir qualquer coisa sendo em primeiro lugar honestos conosco.

A proposta da professora foi de grande valia para alguns conceitos que fazia do MST.

#### Student 14

Leitura do encarte com varias capas da veja retratando o MST. Tribunal. Tais atividades, principalmente o tribunal, deram oportunidade da turma debater, expor e defender suas idéias sobre o movimento.

Leitura do texto (sem titulo), pois cada um do grupo tinha sua opinião, seu conceito e apresentava um titulo até entrarmos em consenso foi difícil.

Contribui, pois até então não tinha muito conhecimento e não entendia bem o movimento, até o julgava mal. Passei a ver de outra forma. Com opiniões contra e a favor, dependendo da questão levantada por eles. E os compreendendo também.

MST: um grupo que luta por uma causa, dita justa por eles. Que em alguns momentos tornam-se vilões, até mesmo quando o movimento parte para a agressividade e tornam-se vitimas quanto ao descaso do governo.

#### Student 15

A atividade que mais gostei foi da aula 2, na qual lemos o texto, escolhemos um titulo e explicamos o porquê de nossa escolha. Foi um momento bem interessante que nos proporcionou bastante interação entre o nosso grupo e o restante do grupo. Foi a atividade realizada na 1ª aula, pois nos tínhamos que conceituar o MST e no momento não surgiam idéias consistentes sobre o assunto devido ao limitado conhecimento que possuíamos.

Contribuíram, pois aumentou meu conhecimento sobre o MST e clareou algumas idéias que eu possuía a respeito de sua função.

O MST é um grupo que luta em busca de seus interesses afim de diminuir ou acabar com as desigualdades sociais. O MST tem um pouco de vitima, pois são alvos do descaso político, mas também são vilões a partir do momento que partem para conflitos e brigas para conseguirem o que querem.

#### Student 16

Eu gostei mais da parte do tribunal, porque houve uma interação de alunos. Foi uma atividade dinâmica.

A atividade mais difícil foi aquela em que nos tivemos que formar um conceito sobre o MST. Foi difícil pelo fato de nos não termos muitas informações sobre este tema.

Sim. Houve troca de materiais sobre o assunto, leituras que nos ajudaram a formar uma opinião.

Hoje em dia o que a televisão nos apresenta sobre este assunto pode não ser o que acontece na realidade. Pessoas que lutam por um pedaço de terra ou marginais que invadem terras alheias se achando com o direito de derrubarem cercas e tomarem

conta de tudo. Um assunto que não consigo perceber o vilão e a vítima! Um assunto complexo para mim.

Student 17

Gostei da parte do debate “juízo”, pois foi onde pudemos expor as nossas pesquisas e discutir as opiniões. Também gostei do teatro.

Não achei nenhuma atividade difícil.

Não. Continuo com a mesma opinião, com mais certeza.

O vilão é o governo e as vítimas são os fazendeiros e as crianças do MST. Eu acho que o MST é um movimento que não tem fundamento nenhum, quer dizer, já teve alguns anos atrás, porém hoje o objetivo se perdeu.

Sim, essa experiência foi ótima e pude perceber o quanto você é uma profissional maravilhosa.

Student 18

A atividade mais interessante que achei foi a do último encontro, em que teve debate e encenação sobre o MST.

Não teve a mais difícil, já que todas foram feitas com facilidade devido à mediação e interação que tivemos.

Sim. Acho que sempre que é discutido algum assunto sempre aprendemos mais sobre este, pois nunca o que sabemos é o bastante.

O MST é um movimento que luta em busca de suas terras. O governo e os fazendeiros são os vilões e os MSTs são as vítimas.

Student 19

Foi a última atividade, o tribunal. Ele exigiu concentração, nos fez encenarmos o personagem, mexeu com nossas emoções. Pena que não conseguimos explorar mais a língua inglesa.

A do dia 25/11. O texto pedido para a leitura foi muito exigente.

Contribuíram. Com mais clareza pude aprender sobre o movimento. Os pontos positivos e negativos foram elucidados. Posso observar com mais lucidez o MST hoje.

As aulas foram muito dinâmicas. Achei muito especial a multiplicidade de estratégias de ensino, o envolvimento e a criatividade das aulas. Creio terem sido eficientes para o nosso crescimento linguístico.

Tape Recorded data

Successful recording (X)

	Class 1	Class 2	Class 3	Class 4
Group 1		X	X	X
Group 2	X	X	X	X
Group 3				X & Drama
Group 4	X	X		X
Group 5		X	X	X
Group 6	X			X

**CLASS 1****GROUP 2**

((writing their 1st ideas about the MST))

1 Ale: É uma disputa de poder.

2 Mila: Na verdade também eles não invadem 1 hectare, 2 hectares, no caso. Gente,  
3 eles ocupam terra que cabe uma Santa Catarina dentro, sabe que às vezes tá lá  
4 parada mesmo, sem fazer nada, sem ter produção.

5 Ale: Mas não sei, não é bem assim.

6 Mila: Não é bem assim, mas tem assim! Como também, no caso, integrantes do MST  
7 que também são ricos. Quantos têm dinheiro mesmo?! Mas não têm nada no  
8 nome deles, mas tão bem.

9 Naise: Então, the MST really wants more and more, and they never stay (xx)

10 procurei no dicionário satisfeito. Então, assim, a gente fez que o MST quer mais e  
11 mais terras e nunca estão satisfeitos.

12 Ale: Então, é uma disputa de poder.

13 Naise: É. Porque não é uma briga, é uma disputa. Procura aí algo específico para  
14 disputa. Vai escrevendo bonitinho aí.

15 Ale: Teacher! Can you take a look please?

16 T: That's okay.

17 Naise: Então, é uma disputa de poder entre eles e o governo.

18 Mila: Se bem que também é entre eles e os donos da terra, porque o governo às  
19 vezes apóia eles.

20 Naise: Claro que não! É entre eles e o governo.

21 Ale: Ela falou, tá falado.

22 Ss: (xxxxx)

23 Ale: Tu deixa de ser mal educada Mila.

24 Naise: Gente, tá gravando! ((laughs))

25 Mila: Government, blah, blah, ((laughs))

26 Naise: How about? Chouriço.

27 Jamily: Tá gravando! Não pode falar palavrão.

28 Ss: (xxxx)

29 Ale: Ô gravador, o negócio aqui tá esquentando. Tem uma briga de poderes não só  
30 entre o MST, mas também entre as alunas. É um negocio sério.

31 Naise: Deuuuu. We finished!

32 Ss: ((laughing))

- 33 Ale: Eu não posso ver briga que me dá um nervoso, uma tremedeira.  
 34 Naise: Professora, tem gente usando gravador como psicólogo! ((laughing))  
 35 Ss: ((laughing))

#### **GROUP 4**

((writing their 1st ideas about the MST))

- 1 Jujubeleza: Então, let's talk about the MST. What do you know about them?  
 2 Britney: The only thing I know is that they are very poor people.  
 3 Jujubeleza: So let's use reported speech to write, ok. And you, Laila?  
 4 Laila: yes, they are poor. Ô gente, na verdade olhando por um lado mais profundo  
 5 não sei qual o objetivo do MST até hoje, mas realmente eu não sei qual é o objetivo  
 6 deles.  
 7 Jujubeleza: They want land to plant.  
 8 Laila: Tá, mas eles invadem (xxxx)  
 9 Britney: [porque pra eles a terra tem que ser de graça]  
 10 Jujubeleza: Não, não é isso.  
 11 Laila: Eu quero saber o objetivo.  
 12 Jujubeleza: O objetivo principal é que tem uma lei dizendo que no Brasil você tem  
 13 que fazer o território produtivo.  
 14 Laila: Então eles invadem pra eles produzirem.  
 15 Jujubeleza: Não, eles invadem aquelas que eles acreditam que não estão  
 16 produzindo.  
 17 Laila: Mas isso é comprovado por eles?  
 18 Jujubeleza: Não. Eles sabem por dados assim, observação.  
 19 Laila: O IBGE?  
 20 Jujubeleza: Não, porque esses agricultores que se dizem como não produtores, eles  
 21 (xxxx) e jogam um território enorme dizendo que estão com a terra produtiva, mas  
 22 aquilo ali na verdade é latifúndio.  
 23 Laila: Ta, então o objetivo do MST é invadir para produzir?  
 24 Britney: [produzir, isso]  
 25 Jujubeleza: embasado na lei nacional.  
 26 Laila: Tá, mas existe lei que diz isso? Que apóia o MST?  
 27 Jujubeleza: Tem. Não. Tem aquela que apóia a terra que produz. Tem a lei que diz  
 28 que não pode ter terra grande com falta de produção e também tem a lei que fala  
 29 sobre a propriedade privada.  
 30 Britney: Só que na verdade eles não tão invadindo muito para fazer o plantio.  
 31 Hoje eles já viraram bagunça, viraram zona. Eles invadem pra morar.  
 32 Laila: Então, é aí que eu quero chegar.  
 33 Jujubeleza: É que essa conclusão eles têm tirado porque tem alguns que  
 34 invadiram um monte de terra...  
 35 Laila: E ficou dono, vendeu.  
 36 Jujubeleza: E (xxxx)  
 37 Laila: Eu acho que eles são muito desorganizados. Como você colocou aí?  
 38 Jujubeleza: Que você disse que "they don't have clear objectives, not organized  
 39 people". And you Cinderella?  
 40 T: Don't forget to write group people on the handout, ok.  
 41 Ss: Alright.  
 42 Cinderella: The MST is for me a movement of opportunist people.  
 43 S: Okay then. Acho que é time is over. ((at the end of the tape they (each one) said



good bye))

## **GROUP 6**

((teacher explains the activity)) ((writing their 1st ideas about the MST))

1 Cera: What do you think about MST?

2 Intelectual: O que vocês pensam a respeito? Qual a discussão que se tem a  
3 respeito do MST atualmente?

4 Cera: Podemos falar em português, né? Depois escrevemos as idéias em inglês.

5 Intelectual: Será que é um movimento político? Não será também um movimento  
6 econômico?

7 Cera: Acho que primeiro temos que pensar quem é o alvo desse movimento sem  
8 terra. São os índios? ((smiles)) Porque tem o movimento sem terra dos índios.

9 Robin: Ah é?

10 Cera: Agora eles estão com terra. + Tá, mas vamos falar sob o ponto de vista do  
11 opressor ou do oprimido?

12 Robin: Dos dois, eu acho.

13 Cera: Tá, mas primeiramente...

14 Intelectual: Do oprimido.

15 Cera: O oprimido pode ser uma pessoa que realmente precise de terra. O oprimido  
16 também pode ser uma pessoa que tá se aproveitando da situação + se aproveitando  
17 do movimento + para entra no embalo do grupo.

18 Intelectual: [ganhar algum dinheiro]

19 Cera: Alguns estão sendo honestos, estão protestando por um pedaço de terra.

20 Intelectual: Os outros se aproveitam, são oportunistas + para se envolverem  
21 politicamente dentro do movimento.

22 Cera: Fora isso é justo + e daí a gente pode falar do próprio movimento em si. É  
23 justo exigir um pedaço de terra, mas agir com vandalismo, agir invadindo

24 propriedades, isso não é justo, isso aí o camarada tem que ir pra cadeia.

25 Intelectual: Mas por que esse grupo faz isso? Eles são induzidos pelos cabeças.

26 Cera: Mas eles são responsáveis pelas suas atitudes. E aí tem varias implicações,  
27 vários fios ((moves his hands)) nessa questão.

28 Intelectual: Mas será que somente os movimento (xxxx), os menores, será que não  
29 tem os maiores por trás?

30 Robin: Eu acho que há uma massa dirigida.

31 Cera: Tem uma massa dirigida, uma liderança suja.

32 Robin: (xxx) existem outras formas (xxxx).

33 Cera: Pensando em movimento, eu acho que de uma certa forma poderia ser algo  
34 justo, porque protestar num país democrático como o nosso, é justo. Imagina, se  
35 eu não tenho um pedaço de terra para morar + se eu moro num albergue, sei lá, eu  
36 acho que é uma injustiça. Como povo, como cidadão, é justo a gente protestar.

37 Só que entra uma outra questão, a questão do movimento. + Por um lado seria  
38 justo, (xxx) o camarada tá sendo oprimido pelo poder dominante, é justo.

39 Intelectual: Mas vamos pensar no seguinte: se existe uma greve (xxx)

40 S: (xxxx)

41 Cera: Tem também a questão dos latifundiários, dos grandes fazendeiros, eles  
42 conquistaram um pedaço de terra, essas pessoas têm direito a essas grandes faixas  
43 de terra, e têm suas propriedades invadidas por pessoas que estão querendo um  
44 pedaço de terra + então o governo que dê. O governo é que tem que providenciar  
45 alguma coisa nesse sentido + uma proposta + mas existe o lado do movimento e

46 eu sou contra toda a forma de vandalismo, de invasão, de agressão + tudo bem que  
47 eu não tenha terra, mas minha maneira de protestar é uma maneira democrática,  
48 justa. Uma atitude condizente com um padrão social. E agora se todo mundo que  
49 não tem terra invadir? É muito interessante, porque isso é um atalho para  
50 conseguir a terra + nesse lado do movimento eu sou contra.

51 T: People, 2 minutes for you to finish ok?

52 Cera: Agora falando dos que estão no movimento + a turma + eu acredito que tem  
53 gente sincera.

54 Intelectual: Em todo lugar tem pessoas sinceras e não sinceras. Existem dois  
55 aspectos, dois pontos de vista, dos dominantes...

56 Cera: [não + do movimento, dos  
57 fazendeiros e do governo.] Tem três! A responsabilidade não é dos fazendeiros +  
58 de oferecer terra para o pessoal. Mas tá parada ((the land)), não tem ninguém, e  
59 daí?+ A responsabilidade é do governo.

60 Robin: Esse movimento na verdade nunca vai acabar.

61 Cera: Isso é fruto do pecado do coração humano. Pecados, depravados.

62 Robin: (xxxx)

63 Cera: A gente pode dar várias respostas pra isso. Tem logicamente a depravação,  
64 a corrupção da raça humana.

65 T: Okay, people!

66 Cera: A sociedade doente.

67 Robin: Acontece que todo governo tem sua ideologia.

68 Intelectual: Tem seu conjunto de interesses, bons ou maus.

69 Cera: Acontece que vai fazer pouca diferença na eternidade se aqui na Terra você  
70 teve ou não teve terra.

71 Intelectual: Calma, né!

72 Cera: A gente tá numa pesquisa cósmica ((smiles)) + mas olha só, o governo é  
73 egoísta e só pensa nele, o MST é egoísta, só quer terra, terra e mais terra, e os  
latifundiários também só pensam neles.  
((discussing the words from activity 2))

74 Intelectual: Tudo isso que tá aí é uma guerra.

75 Cera: Tudo isso acontece por causa da injustiça, pecado que seria a base de tudo. Isso  
76 acontece por causa da degeneração do demônio na natureza humana. Só que  
77 isso não dá pra ser avaliado cientificamente, porque o pessoal não considera. Mas  
78 isso é a causa.

79 Robin: (xxx)

80 Cera: Mas pensa nos nossos políticos (xxxxxxx).

81 Intelectual: É como se alguém estivesse financiando + bonés, camisetas. ((talking  
82 about the slides)).

83 Cera: A enxada que era para ser instrumento de trabalho vira instrumento de  
84 guerra, de violência. Eles querem se identificar como trabalhadores com a enxada na  
85 mão, mas essa enxada não é instrumento de trabalho, é de violência + agindo dessa  
86 forma é.

87 Robin: Eu sinceramente + na minha opinião pessoal + eu acho que o MST existe  
88 hoje porque (xxx) tem gente manipulando esse grupo, por interesses econômicos.

89 Cera: [mas tudo no Brasil é assim] Tem  
90 um cabeça, tem uma meia dúzia que está gostando dessa brincadeira.

91 Intelectual: É verdade.

92 Cera: A história rodopia, rodopia, mas é sempre a mesma coisa + a multidão atrás de  
93 meia dúzia, mais depravados do que eles mesmos.

94 Robin: Mas isso acontece pela carência de cultura desse povo + que são mais  
 95 fáceis de manipular.  
 96 Cera: A expressão de corrupção tá no povão, mas a expressão de corrupção maior  
 97 tá na liderança. E aí que tá + educação não é construir escola, é gerar serviço + e  
 98 aqui óh, é governo que não quer perder e se prejudicar, os latifundiários não querem  
 99 perder e daí perder terra e esses camaradas também estão pensando em si mesmos.  
 100 São três egoístas. Estão pensando em si + não estão sentindo e distribuindo amor.  
 ((the tape ends))

## **CLASS 2**

### **GROUP 1**

((group discussion in order to choose a title for the text))

1 Fernanda: A gente tem que ler tudo para dar o título, possible titles for the text.

2 Victoria: Então tá.

3 S: Vamos ler então.

((they switched off the tape recorder))

4 Fernanda: O que é que é joined, mesmo?

5 S: (xxx)

6 Condolesa Rice: O texto fala de Juarez. Olha só, ele diz que fez alguns bons

7 amigos e encontrou uma garota de São Paulo.

8 Fernanda: Ah, então ele casou.

9 Condolesa Rice: Ele encontrou uma garota, né!

10 Fernanda: Então, subentende-se que ele...

11 Ss: (xxx)

12 Fernanda: Claro que tem, pois ali é a situação do MST no Brasil. Ali fala da morte

13 da Dorothy Stang, foi o que eu entendi.

14 Condolesa Rice: É sempre segundo Juarez...

15 Fernanda: Tá, então qual é a que a gente vai responder isso, hein Condolesa Rice?

16 Condolesa Rice: O título ainda, né.

17 Fernanda: Então?

18 Condolesa: Acho que é o MST segundo esse Juarez.

19 Fernanda: Então é according to him.

20 Condolesa: Então é the march of the MST according to Juarez.

### **GROUP 2**

((group discussion in order to choose a title for the text))

1 Ale: Aquilo ali ((referring to the words on the board)) tá tudo querendo dizer sobre o

2 movimento dos sem terra.

3 Jamily: Tá, fala sobre o movimento dos sem terra.

4 Ale: A gente tem discutir ali, sobre aquelas palavras que ela deu, né.

5 Mila: É. O que é que a gente acha que é?

6 Ale: É só traduzir as palavras. (laughs)

7 Mila: É fala sobre as famílias dos sem-terra.

8 Jamily: Mas as palavras ali não falam diretamente sobre o movimento.

9 Mila: Sim, mas tá incluída na vida dos sem-terra.

10 Jamily: Tens dicionário aí?

11 S: Tenho.

12 Ale: O que é farmhouse?

- 13 Jamily: É chamado também de fazenda.  
 14 Ale: É? Ó,ó.  
 15 Jamily: É casa da fazenda, entendeu.  
 16 Ale: ah... como drugstore...  
 17 S: éé.  
 18 Ale: O Mila, o que tu botou aí?  
 19 Mila: Botei que o texto fala sobre o movimento sem terra.  
 20 Ale: Só que aí no caso, a gente tem que pegar essas palavras.  
 21 Mila: Como se coloca movimento sem terra em inglês?  
 22 Ale: MST, só assim, coloca.  
 23 Mila: Eu coloquei assim ó: fala sobre o MST e suas vidas, ou melhor, sua vida,  
 24 né?  
 25 Ale: Mas é bom colocar as palavras que têm a ver: militants, conflicts, etc.  
 (starts a conversation about a bloke)  
 26 Mila: E pessoal que faz letras-espanhol?  
 27 Ale: Pois é. Lá na UFSC você pode fazer só português.  
 28 Mila: Ah é?  
 29 Ale: Imagina só português? Que legal!  
 30 T: People, now I want you to read the text you've just received and give it a title.+  
 31 See, the text I've just given to you has no title, so I want you to get together with  
 32 your group and give it a title, ok. ((addressing the whole group – the groups now  
 33 have the text))  
 34 Mila: Mas é pra ler esse texto todo!  
 35 Ale: Ele é super longo.+ mas tem vocabulário para ajudar.  
 36 Mila: ah é!  
 ((after some time reading))  
 37 Mila: O que é isso companheiro? O que vocês acham?  
 38 Ale: A luta continua companheiro. Como é companheiro?++ Teacher, como é  
 39 companheiro?  
 40 T: Fellow?  
 41 Ale: Pode ser! The fight is still on, fellow?  
 42 Ss: Isso!  
 43 Ale: Legal. Coloca aí com a tua letra, Mila.  
 44 Mila: Mas pó rque fight, e não outra coisa?  
 45 Ale: Não, por que fight é luta no sentido de batalha, combate.  
 46 Mila: Ah, então tá. Porque é uma batalha daí.  
 47 Ale: Isso, porque a luta deles é uma batalha. Bota aí, fellow.  
 48 Mila: Por que não companion?  
 49 Ale: Eu chequei no dicionário. E ela tinha dito fellow.

#### GROUP 4

- ((group discussion in order to choose a title for the text))  
 1 Britney: Acho que as palavras do quadro são sobre o MST.  
 2 Laila: É, tudo gira em torno da questão agrária.  
 3 Britney: Peraí, o texto é sobre o MST again.  
 4 Cinderella: A gente tem que dar um título para o texto.  
 5 Britney: ((laughing)) MST returns!  
 6 Cinderella: Teacher, please!  
 7 Britney: É pra dar um título.

8 T: hey you are supposed to read the text. You didn't receive the text yet. I will  
 9 give you the text. I want you to think what the text will be about.  
 10 Britney: Ahhhh, tá. ++ Mas vai ser tudo sobre o MST? Sempre o MST?  
 11 Cinderella: ô viagem. A pesquisa dela é sobre o MST.  
 12 Britney: Ah, tá.  
 ((tape-recorder fails and stops))

### **GROUP 5**

((predicting the theme of the text using the words from the board))  
 1 Larissa: March ali, é março?  
 2 Branca de Neve: Deve ser. Tem dangerous, movement que é de movimento sem  
 3 terra, né?! Land que é terra, militants...  
 4 S: [agriculutura (xxxx)]  
 5 Tulie Daphny: farmhouse, é casa da fazenda? Tem insetos, ó!  
 6 Larissa: Reforma agrária.  
 7 Tulie Daphny: Aquele hope é de esperança?  
 8 Larissa: Acho que é! + aventura...  
 9 Tulie Daphny: Power é poder.  
 10 Larissa: O que aquele landowner? (xxx)  
 11 Ss: (xxxx)  
 12 Tulie Daphny: Uma casa de campo  
 13 Kimi: Uma aventura no campo  
 14 Tulie Daphny: Em março + + landowner é dono da terra?  
 15 Ss: (xxx)  
 ((the tape recorder is switched off for some time))  
 16 Ivie: É pra gente olhar as palavras no quadro e tentar descobrir a história que a  
 17 gente vai ler.  
 ((the tape recorder is switched off again))

### **CLASS 3**

#### **GROUP 1**

((analyzing the text in order to figure out the point of view of its author))  
 1 Fernanda: Eu acho que um ponto negativo é que eles não querem só a terra, eles  
 2 querem o poder.  
 3 Condoleza Rice: A luta deles é pela terra!  
 4 Victória: Eles deveriam ir trabalhar. A luta deles é brigar, brigar, brigar.  
 5 Baby: [Eles nunca estão satisfeitos, querem sempre mais e  
 6 mais.]  
 7 Prima: [não é ter um lugar, não é pelo lugar pra plantar, é pelo  
 8 poder]  
 9 Baby: Depois que eles têm a terra eles querem mais + agora querem dinheiro.  
 10 Condoleza Rice: Eles admitem que eles querem o poder.  
 11 Victoria: Eles querem é governar o Brasil.  
 12 Victoria: Pensando bem, pelo lado político é verdade + controlar  
 13 Condoleza Rice: [é, eles querem ter o controle]  
 14 Fernanda: Aí vai virar uma bagunça.  
 15 Ss: (xxxxxxxx)

- 16 Victoria: Quais são os pontos positivos?
- 17 Condoleza Rice: Eles pegam uma fazenda lá que é improdutivo e transformam em
- 18 produtiva.
- 19 S: (xxxx)
- 20 Fernanda: Mas isso é um ponto negativo.
- 21 Condoleza Rice: Claro que não, eles pegam a terra e dizem: vamos trabalhar a
- 22 terra.
- 23 Fernanda: Ah é! Exatamente. Então um ponto positivo seria tornar uma terra
- 24 improdutivo, produtiva para eles.
- 25 Condoleza Rice: Não é tornar é transformar.
- 26 Fernanda: Não. É utilizar. Eles vão utilizar uma terra que antes era improdutivo
- 27 agora produtiva.
- 28 Victoria: Mas per aí, positivo sob que aspecto? Partindo do sem terra ou do
- 29 governo.
- 30 Ss: Dos sem terra.
- 31 S: (xxxx)
- 32 Condoleza Rice: Mas acho que é melhor transformar.
- 33 Fernanda: Transformar também pode ser. Por que, se a terra era improdutivo?
- 34 Condoleza Rice: Mas não a terra.
- 35 Fernanda: Uma área. Uma área improdutivo em produtiva.
- 36 Baby: Produtivo e improdutivo + Mas fica tão estranho, né?
- 37 Fernanda: Mas não tem outra maneira de colocar. Essa é a linguagem.+ e olha só,
- 38 mas aí isso é um ponto positivo e a gente pode fazer uma relação aqui entre o
- 39 ponto positivo e o negativo, que é o fato deles terem a área improdutivo mas não
- 40 terem dinheiro para comprar o ...
- 41 Condoleza Rice: [ou até preguiça né!]
- 42 Fernanda: É, pode ser preguiça, mas eles falam que é falta de recurso.
- 43 Condoleza Rice: Ah, mas isso não é uma coisa deles, é pra eles.
- 44 Fernanda: Então, isso aqui não é uma coisa boa pra eles.
- 45 Condoleza Rice: Mas não estava pensando numa coisa que trouxesse coisa boa pra
- 46 eles, mas coisas boas para o país.
- 47 Fernanda: Ah, tá. Tudo bem!
- 48 Ss: (xxxx)
- 49 Fernanda: Mas com relação ao texto que a gente leu, estava falando sobre isso.
- 50 S: O que?
- 51 Fernanda: Das sementes lá, que eles não têm dinheiro.
- 52 S: Mas o que seria um ponto negativo?
- 53 Condoleza Rice: Eles sempre conseguem a terra, mas querem mais, querem poder.
- 54 Fernanda: Tanto é que eles viviam tão bem com o Lula ali e depois + ê já to
- 55 falando mal deles ((laughs)).
- 56 S: Então vamos colocar que eles nunca estão satisfeitos.
- 57 Ss: Isso.
- 58 Baby: Eu acho assim, que existem muitos conflitos em ambas as partes, e o MST
- 59 quer resolver muitas coisas na briga.
- 60 Condoleza Rice: Mas daí seria em ambas as partes?
- 61 Baby: Claro que sim. Porque daí o governo reage.
- 62 Fernanda: Então isso é um ponto negativo.
- 63 Condoleza Rice: Os conflitos, essa guerra, muitas vezes por motivos banais.
- 64 S: E pontos positivos aí?
- 65 Fernanda: Segundo o texto...

- 66 Condolesa Rice: [eles têm ideais de luta muito firmes, eles lutam pelo que  
67 querem]
- 68 Fernanda: Com as marchas de protesto.
- 69 Condolesa Rice: Outro ponto positivo? Prima!
- 70 Fernanda: Prima! Sua voz é pedida na mesa. ((laughs))
- 71 Condolesa Rice: Baby, Victoria.
- 72 Fernanda: Eu já falei o meu ponto de vista.
- 73 Ss: eu também.
- 74 Prima: Eles lutam pela a desigualdade social. ((meaning the opposite))
- 75 Fernanda: Desigualdade deles também.
- 76 Condolesa Rice: Mas pensando pelo lado deles.
- 77 Fernanda: Mas temos que pensar que o advogado quando vai defender o ladrão diz  
78 que ele é o melhor do mundo. Um santo!
- 79 S: Um ponto positivo também é que eles têm muita união entre eles. Eles são  
80 muito unidos.
- 81 Fernanda: Mas também tem que ser segundo o autor.
- 82 Condolesa Rice: Tem que ser segundo o autor?
- 83 Baby: Acho que falta mais um negativo.
- 84 Condolesa Rice: Ta vamos lá então. Mais um ponto negativo. Será que tá legal?
- 85 Fernanda: Tá sim. ++
- 86 Ss: (xxxx)
- 87 Fernanda: Olha, um ponto positivo defendido pela nossa amiga Baby.
- 88 Baby: Não se está certo como eu escrevi ali. Um ponto muito positivo é que eles  
89 chegam a intimar o presidente para que providências sejam tomadas e não é  
90 qualquer um que vai lá no presidente e impõe ++ isso!
- 91 Condolesa Rice: [xxxxx] Cobram do presidente.
- 92 Fernanda: Eu acho que eles estão numa guerra.
- 93 Baby: É! Onde há muita violência.
- 94 Fernanda: Fala aqui pra gravar.
- 95 Baby: Como eles chamam a atenção da gente, né.
- 96 Ss: (xxxxxx)
- 97 Baby: Olha só, quantas revistas Veja, abordando sobre eles. Eles chamam atenção  
da 98 mídia mesmo, né. ((expressing a lot of surprise))
- 99 S: Isso seria um ponto positivo, não?
- 100 Baby: Pois é.
- 101 S: Acho que o tempo acabou.  
((the time for discussion ends))

## **GROUP 2**

((analyzing the text in order to figure out the point of view of its author))

- 1 Naise: In English or in Portuguese? It's hard!
- 2 T: In English please.
- 3 Ss: hummm
- 4 T: + If there is something extra you don't know how to write in English you may  
5 write in Portuguese, ok! Try your best in English.
- 6 Naise: Okay!++ When? Quando? Onde? Cadê?
- 7 Ss: ((laughing))
- 8 Naise: Putz! Isso aqui corta a minha imaginação. ((she might be referring to the  
9 tape recorder. There is no way how to confirm this hypothesis.)) + Eu te odeio!

- ((whispering))  
 10 S: ((laughing))  
 11 Naise: Vamos lá! Vamos assinalar! Um grupo aproximadamente, nam nam nam...  
 12 tá isso aqui é um ponto? É um fato, eles invadiram... esse aqui é outro ponto de  
 13 vista...  
 14 S: huh-huh  
 15 Naise: Eu acho que o texto já começa sendo favorável porque eles escreveram  
 16 ativistas.  
 17 Mila: Então tem que botar os pontos ativistas.  
 18 Naise: Nãooooo. Tem que botar os pontos do texto, amiga.  
 19 Mila: Eu seiiii.  
 20 Naise: Ta, o Lula (xxxxx)... autoridades brasileiras condenaram o ataque... e o  
 21 vandalismo e o banditry, ali ... bandit crime  
 22 Mila: Eu acho que o texto...  
 23 Naise: [é um texto informativo e não opinativo]  
 24 Mila: é  
 25 Naise: Opinativo? Existe isso? (laughing)  
 26 Mila: Nãoo. (laughing)  
 27 Naise: Eu acho que ele é informativo e não é + tem outra palavra ++ é ++  
 28 Mila: [aham]  
 29 Naise: Ele não dá opinião. Não é opinativo. O opinativo é meu então faço o que eu  
 30 quero. Eu acho que ele apenas tá informando o fato, ele não está se posicionando.  
 (( the tape stops for no apparent reason))  
 31 S: (xxxxx)  
 32 Naise: 5 tópicos. Pode por aí o caminhão de pirulitos. ++ 5 aspectos do texto que tu  
 33 acha mais importante.  
 34 S: (xxxx)  
 35 Naise: Tá. Um grupo de aproximadamente dois mil ativistas rurais invadiram uma  
 36 plantação de eucalipto southern + acho que é no sul do Brasil.  
 37 Mila: [no sul]  
 38 Naise: Causando milhões de pounds + o que é pounds mesmo? ++  
 39 Mila: (xxx)  
 40 Naise: Acho que é devastando milhões + bah não sei o que, de uma grande  
 41 produtora de papel.  
 42 Mila: Isso aqui é um ponto negativo. O titulo já é um ponto positivo.  
 43 Naise: O que a gente coloca, então? ++  
 44 Naise: Tá, o MST, movimento dos sem terra invadiram a uma plantação de  
 45 eucalipto. Não tô entendendo.  
 46 T: Are you okay?  
 47 Naise: É mais ou menos por aqui, ou nós estamos perdidas ainda?  
 ((teacher takes a look at their notes))  
 48 T: Alright. But is this negative or positive?  
 49 Naise: Negative.  
 50 T: Okay then. Just make it clear, because the other groups may need your notes.  
 51 Ss: Ah.  
 52 Naise: Podemos separar assim?  
 53 T: Aham. No problem!  
 54 Mila: São cinco de cada?  
 55 Naise: É.  
 56 Ss: Teacher, 5 positive and 5 negative?



- 57 T: No. You are supposed to map the text, highlighting positive and or negative  
58 ideas.
- 59 Naise: ++ Ah, então vou apagar isso aqui. Give me an eraser?
- 60 T: (xxx)
- 61 Naise: Tá pode deixar. Quando eu crescer vou ser igual a ti!
- 62 Ale: Tu é uma pimenta mesmo.
- 63 Naise: Sou gurria, mas quem não é? Eu não posso me agüentar. I want an eraser  
64 please. ++ Vamos fazer um texto massa aqui. + Eu sou perfeccionista e minha  
65folha está manchada.
- 66 Ale: Hummm
- 67 Naise: A má atuação do MST tem sido caracterizada pelas invasões.
- 68 Ale: A má?
- 69 Naise: A má não + a reputação do MST tem sido ++ a imagem do MST tem sido  
70 denegrada por suas constantes invasões. Escreve isso antes que a gente perca. E  
71 vamos passar isso para o inglês.
- 72 S: (xxx)
- 73 Naise: Não, não, são tópicos.
- 74 S: [são pontos positivos e negativos]
- 75 Naise: Tá, a imagem do Movimento dos Sem Terra, tem sido +  
76 Ale: [denegrada]
- 77 Naise: Não, ela não tá sendo denegrada porque são eles que estão atacando + Ela  
78 tem sido caracterizada de baderneiros, não +
- 79 Mila: Tem sido acentuada, né?
- 80 Naise: [A gente pode colocar como transgressores, pode ser]
- 81 Mila: A imagem tem sido ((dictating))
- 82 Naise: Vai pensando aí, que eu vou colocando aqui.
- 83 Mila: Tem sido caracterizada...
- 84 Naise: É, a imagem do MST tem sido caracterizada como transgressores ++
- 85 Mila: Não, a imagem não né + os MSTs
- 86 Ale: Tira a imagem.
- 87 Naise: Eu coloquei a imagem. The landless movement has been + como é que é  
88 denegrado?
- 89 Ss: Não, caracterizado.
- 90 Naise: É. Vamos fazer um texto, um mapa. Tá louco, essa minha vida de English  
91 meia boca, tá me estressando. + amiga, meu aniversário já passou e tu podia ter  
92 me dado uma boca, né.
- 93 S: Cara-de-pau.
- 94 Mila: Caracterizado?
- 95 Ss: é
- 96 Naise: Carla? How can I say caracterizado?
- 97 T: characterized? With CH.
- 98 Naise: Ah, tá. Assim?
- 99 T: like this, let me write.
- 100 Naise: thank you! ++ O movimento dos sem terra tem sido caracterizado por suas  
101 invasões and ++ (xxx)..
- 102 S: destroying?
- 103 Naise: The MST has been characterized by their invasions and destroying  
104 plantations.
- 105 S: Tá!
- 106 Naise: As autoridades brasileiras condenam esses ataques + isso não caracteriza +

- 107 apesar deles apoiarem, eles criticam, isso é uma realidade.  
 108 Mila: Apesar do governo que ao mesmo tempo defende ele acusa também, né + é  
 109 que as autoridades brasileiras julgam esse comportamento do sem terra como  
 110 vandalismo.  
 111 Naise: Tá, mas é praticamente o que ta escrito no texto.  
 112 Mila: Tá, mas é isso. ++ na verdade é isso que eles fazem não é?  
 113 Naise: ((reading and writing)) As autoridades brasileiras têm condenado os  
 114 ataques e vandalismos +  
 115 Mila: [As autoridades brasileiras condenam isso, né?]  
 116 Naise: Condenam os ataques e os vandalismos.  
 117 Mila: Não + condenam os MSTs.  
 118 Naise: Então, condenam os ataques.  
 119 Mila: Não! Condenam eles como vândalos.  
 120 Naise: O que tu não entendeu? Ou eu não entendi? ++ Tá aqui+ “autoridades  
 121 brasileiras condenam os ataques como vandalismo”.  
 122 Mila: Os ataques do MST, né! Por que ataque?  
 123 Naise: Porque lá em cima a gente falou de invasão.  
 124 Ale: Ah, tá... Mas invasão é a mesma coisa que ataque?  
 125 Naise: Não é? Estamos sendo invadidos por marcianos não é a mesma coisa que  
 126 estamos sendo atacados por marcianos!  
 127 Mila: Não senhora! Invadir é uma coisa, atacar é outra. Eu invado a tua terra é  
 128 uma coisa, agora se eu te ataco, eu caio de pancada em cima de ti.  
 129 Ss: Ta, ta...  
 130 Naise: Vocês não prestam, ui, cambada de cobras. (laughs)  
 131 Mila: Tá, deixa assim.  
 132 Naise: Mas não está completo.  
 133 Mila: Claro, mas isso é o que quero te dizer.  
 134 Naise: Aqui só tem ponto negativo.  
 135 Mila: Mas tu coloca o que quiser + se é ponto negativo ou ponto positivo.  
 136 Naise: Mas o texto não é optativo.  
 137 Mila: Claro que não, mas tipo, tu vai rastrear + olha, que chique!  
 138 Naise: [oh, treinasse a noite  
 139 inteira]  
 140 Mila: Vai rastrear os pontos, sejam eles (xxxxx)  
 141 Naise: Let’s go girls.

### **GROUP 5**

- ((analyzing the text in order to figure out the point of view of its author))  
 1 Tulie Daphny: Vamos botar que todas as pessoas têm o direito de ter uma terra e  
 2 uma forma de vida digna.  
 3 S: Direito à terra para trabalharem e se sustentarem.  
 4 Tulie Daphny: [All people+ ou every+poderia ser every, né]  
 5 S: É  
 6 Tulie Daphny: Não, não. Vamos colocar all people tem direito. Como é direito  
 7 mesmo nesse caso?  
 8 Ivie: Right!  
 9 Tulie Daphny: Mas eu acho que esse direito, não é direito de direito. Vou  
 10 perguntar pra ela? Pra professora é mais rápido.  
 11 S: é+é.

- 12 Tulie Daphny: Direito de direito de estudar direito é law, não tem? Eu estudo  
 13 direito é I study Law. Law the father-in-law.  
 14 S: (xxxx) Mãe-de-direito, sogra.  
 15 Tulie Daphny: Olha, father-in-law é pai de direito, quer dizer, sogro. ++ Sôra,  
 16 direito de posse a gente diz law?  
 17 Ivie: [direito à terra]  
 18 T: No, in this case is right + relativo a terra, certo?  
 19 Ss: É+a posse, ter a terra.  
 20 T: That's it.  
 21 Tulie Daphny: Muitas pessoas são contra os protestos do MST.  
 22 Ss: (xxxx)  
 23 Tulie Daphny: Não bota become bota but. Mas é através destes protestos + o que é  
 24 que nós vamos botar?+ que através dos protestos  
 25 Larissa: [eles conseguem ter + chamar atenção + tipo é um alerta  
 26 para sociedade]  
 27 S: Liga o gravador! Tá ligado?  
 28 Tulie Daphny: Ta. + que através dos protestos eles mostram, they show ...  
 29 Larissa: [eles mostram a vida  
 30 deles!]  
 31 Tulie Daphny: Então + they show their problems!  
 32 S: Professora, quatro tá bom?  
 33 Ss: (xxxx)  
 34 Tulie Daphny: Ah, cabe mais um!  
 35 S: Ta.  
 36 Tulie: Land grab ((the text)) is in favor of the MST.

#### CLASS 4

##### GROUP 3

Play – Drama moment

((In the fourth and last class one of the groups (group 3) surprised not only the researcher but also the teacher and the students by presenting a drama moment about what the MST representation in Brazil was like as they themselves posed it.))

((background song “vocês que fazem parte dessa massa...”))

- 1 Opa-opa (Felisberto): Oh my God! Rainha, here! ((waving)) Rainha, I found the  
 2 perfect place.  
 3 Rainha (Rainha): Where? ((holding a saw))  
 4 Opa-opa (Felisberto): HERE!  
 5 Rainha: Oh yes! Jesus Christ! Halleluiah! ((raises her hands towards the sky))  
 6 Opa-opa (Felisberto): [Thank you God!] ((raises her hands towards the sky)) + Ô  
 7 Lady Di, come on, Lady Di. Come here. ((she holds a hammer))  
 8 Bus (Lady Di): ((she comes closer producing awkward sounds and holding a  
 9 sweeper)).  
 10 Rainha (Rainha) : We are going to build up our home. Let's go!  
 11 Fergie (landowner): What's happening here? ((angrily))  
 12 Rainha (Rainha): This is our land! Who are you?  
 13 Fergie (landowner): This land is mine! I'm this land's proprietor!  
 14 Opa-opa (Felisberto): Lady Di, you go and call our people.

((Lady Di leaves the stage producing the same awkward sounds))  
 15 Fergie(landowner): What´s that? ((shocked by the Lady Di´s sounds))  
 16 Rainha (Rainha): Shut up! She is mute.  
 17 Fergie(landowner): Oh my God! + I want you to get out now.  
 18 Opa-opa (Felisberto): No, we don´t want to go out!  
 19 Rainha (Rainha): this is our land!  
 20 Fergie: Don´t you want to go out? Are you sure?  
 21 Landless peasants: Yes!  
 22 Fergie(landowner): ((loads a gun and shoots Opa-opa)) . Good bye for you BUM  
 23 – BUM. ((moves the gun towards Lady Di but Rainha pulls her away in time))  
 24 Maria Eduarda (landowner´s daughter): What are you doing? Are you crazy,  
 25 mother?  
 ((Lady Di runs towards Felisberto and bends down to help him but he is already  
 dead)).  
 26 Rainha (Rainha): Oh no! Don´t you go Felisberto, no + no. Don´t you go!  
 ((Lady Di cries))  
 27 Rainha (Rainha): Take it easy, Lady Di. Take it easy! ((hugs her))  
 28 Maria Eduarda (Landowner´s daughter): Whenever there is a conflict everybody  
 29 finishes losing.  
 ((after that one of the participants make some comments about their performance))  
 30 Rainha: Nós fizemos uma pequena demonstração com o que vem acontecendo  
 31 quando os sem-terra estão invadindo uma terra. E que no final sempre acontecem  
 32tragédias.  
 ((the researcher retells the last sentence to make sure everybody understood it))

### The Court

1R: We are here today to evaluate, analyze and judge MST´s ideas and acts, okay. +We  
 2 have two groups, in fact, a big new group attacking the movement´s ideas and a big  
 3group defending the movement´s ideas. We are going to start by the group  
 4attacking the movement. I´d like to invite the leaders or representatives of the  
 5groups to stay at this place in the right position.  
 ((Students are silently, observing attentively. Jujubeleza raises her hand))  
 6T: Okay Jujubeleza. You can take a chair if you want to.++ Don´t forget you have  
 7been evaluated. Engagement is being observed, okay. ++ We have the jury here. The  
 8jurors are going to say their names to the audience.  
 9((The jurors say their names.))  
 10Group 1- Jujubeleza: ((she blows a kiss before start speaking)) My name is Juju and  
 11I´d like to know from my classmates if + Do you know anything about the organized  
 12group called Cepag? ((the other group shows surprise and the audience reacts by  
 giggling))  
 13Group 1 – Jujubeleza: It is a group of your community! ((says it angrily)).  
 14T: Take it easy.  
 15Group 1 – Jujubeleza: Alright. Vamos ter que falar em português, senão fica muito  
 16complexo, teacher. + O grupo Cepag é um grupo de manifestantes do MST, é uma  
 17sigla tá, que a gente fez pra pegar vocês e que quer dizer Centro de Formação e  
 18Pesquisa Ernesto Che Guevara, que é um grupo de guerrilha que é organizado aqui  
 no  
 19Brasil em algumas regiões do Paraná e essa guerrilha é a favor do MST. E o único  
 20intuito deles é realmente matar pessoas durante as invasões. Então essa é uma

21 organização do MST que eles dizem que é justa. Gostaríamos que vocês  
 22 pensassem um pouco nisso (xxx), que o centro do pensamento está unido por essa  
 23 idéia. + Esse grupo foi responsável pelos ataques que aconteceram no Paraná,  
 24 onde ameaçaram de morte uma juíza, tá ok. Eles invadiram várias terras dizendo que  
 25 eram improdutivas. Eles permaneceram nessas terras durante 4 anos. Venderam todo  
 26 gado do produtor que era dado como improdutivo e depois de 769 quatro anos  
 não 27 tinha nenhuma plantação nesse lugar e ele continuava sendo  
 28 improdutivo. Eles podem se explicar, prô? ((referring to the other group))  
 29 R: If they want to say anything they can, but the Jury will make questions as well.  
 30 Group 1 - Jujubeleza: Ok! Outra coisa, será que vocês conhecem que a briga do MST  
 31 atualmente não é só em combate em termos de terras improdutivas. Eles têm  
 32 ideologias políticas e essa ideologia ela vem de uma idéia marxista onde prega o  
 33 socialismo. Então seria como marcar o socialismo a ferro e fogo, o ataque aqui  
 34 ((referring to the other group)) elaborou que a melhor idéia que eles poderiam ter,  
 35 até o próprio MST seria eleger quem sabe um representante político de nome para  
 36 que eles pudessem organizar este movimento e fazer acontecer a reforma agrária.  
 37 Eles conseguiram isso com o Lula. O Lula foi um representante deste movimento  
 38 que ganhou e que atualmente não tem feito nada. Então a gente não viu nenhuma  
 39 forma ((referring to land reform)) através da violência acontecer, nem através de uma  
 40 forma organizada, de um representante político também não aconteceu +  
 41 então a gente realmente gostaria de saber de uma proposta que a reforma agrária  
 42 pudesse acontecer sem ter vítimas.  
 43 Jury: De que forma eles poderiam chamar a atenção sem ser através de protestos para  
 44 os problemas deles? Que outra forma?  
 45 Group 1 – Jujubeleza: A gente não tem raiva. A gente não é contra o protesto, é  
 46 contra o vandalismo, e uma das leis que é federal é a lei de propriedade.  
 47 Jury: Se eles não fizessem talvez alguma coisa para chamar a atenção, será que  
 48 governo ou as pessoas a quem cabe fazer a reforma agrária, dividir igualmente e  
 49 fazer todo o cidadão ter o mesmo direito + será que isso aconteceria?  
 50 Group 1 – Jujubeleza: Então, mas a gente novamente diz que não é contra nenhuma  
 51 manifestação. Isso aqui ((shows a picture of a march)) é uma manifestação que  
 52 a gente apóia. Em muitos momentos, foram feitas manifestações em Brasília desta  
 53 forma. Isso aqui tinha o que, em torno de 200 mil militantes. Isso aqui é apoiado. E  
 54 não os atos de vandalismo onde há vítimas tanto do lado daqueles que são  
 55 contra a invasão quanto aos membros deles mesmos.  
 56 Jury: Mas se esse tipo de protesto tivesse feito efeito com certeza eles teriam  
 57 continuado esse mesmo tipo. Não teriam passado para o lado da violência.  
 58 Group 1 – Jujubeleza : Aí realmente a gente não pode dizer que a violência deles é  
 59 justificável. Em nenhum momento pode-se justificar matar alguém ou colocar a vida  
 60 dos outros em risco, não só pelos que eles atacam, mas até pelos que eles defendem.  
 61 E o que eles defendem é a própria comunidade deles + que eles colocam em risco  
 62 quando começa um ataque + então eles teriam que explicar também porque eles  
 63 fazem o ataque expondo crianças, porque na maioria das vezes eles invadem com  
 64 crianças as terras.  
 65 Jury: As propostas do governo para a área social estão favorecendo a todas as  
 66 pessoas, sem distinção de raça ou cor ou classe social?  
 67 Group 1- Jujubeleza: Olha, o presidente atual é um representante do MST, e ele não  
 68 fez. Até então a gente não está vendo resultados e essa sociedade que se diz  
 69 organizada chegou ao ponto de colocar um presidente, onde – não defendendo o FHC  
 70 que tinha sido o presidente até então – ele ((Lula)) foi contra e os próprios políticos

71deles, que eles apóiam, disseram que o Lula não ganharia pelo fato do apoio ao MST.  
72E ele ganhou. Mas isso também não melhorou. Eu acho que o MST tem que mostrar  
73alguma proposta porque político não resolveu. As invasões não estão resolvendo, só  
74trazem vítimas. A gente pode perceber que com as invasões não

75está acontecendo nenhum tipo de produtividade. Os invasores da fazenda do FHC  
76planejaram a invasão durante 8 anos. Eles invadiram alguns dias antes das  
77eleições, ou seja, interesse político.

78Jury: O presidente não decide as coisas sozinho. Ele precisa de várias pessoas que  
79são as pessoas que estão ali ao lado dele. No caso vocês, será que as propostas de  
80vocês estão favorecendo a todos igualmente?

81Group 1 – Jujubeleza : Realmente ele não decide sozinho, mas os maiores auxiliares  
82dele são colocados por ele. Todas as propostas passam por ele e a gente vê muitas  
83aprovações a favor deles próprios.

84Jury: O MST é que esta sendo processado pelas ações dele. Será que vocês estão  
85tentando calar o MST?

86Group 1 – Jujubeleza : Tentando calar? Tentando calar através de acusações? Olha,  
87pode até ser que nos estejamos tentando fazer algum tipo de “pressura”. É porque o  
88próprio MST ele fala por todos, mas na verdade não acontece. Numa pesquisa foi  
89dada voz a ele. Foi feita uma pesquisa pra saber se a população que eles dizem que  
90os apóia, os apóiam mesmo. 64% dizem que o desconhecem. Então eles chamam de  
91burros o próprio movimento e não as idéias revolucionárias. 91% pedem que seja  
92feito (xxx).

93Jury: Como será o Brasil daqui a 20 anos?

94Group 1 – Jujubeleza : Não acontecerá nenhuma reforma se continuarem com o  
95movimento desorganizado. Se a reforma agrária quiser realmente continuar ela tem  
96que eger políticos convictos das idéias, idéias bem formuladas e quando entrarem lá  
97continuarem com isso + a gente sabe que a produção do setor primário é  
98fundamental para o setor econômico, mas não acontece através de invasões. Pois se  
99acontecer através de invasões nós vamos quem sabe daqui a 20 anos se  
100comparar mais com uma Colômbia do que a um país desenvolvido.

101Jury: Se daqui a 20 anos não se atender aos pedidos do MST como vai ser?

102Group 1– Jujubeleza: Se continuar com o movimento desta forma doutora, não se  
103preocupe que os mesmo militantes vão estar daqui a 20 anos. Porque os militantes  
104do MST são vitalícios. Eles conseguem as terras para continuarem militando. Eles  
105não vão produzir.

106T: Okay. Time is up. Now the representatives of defense. ((each group had  
107between 15 to 20 minutes to talk))

((They project a slide on the wall listing some rights belonging to MST which are read  
by the group))

108Group 2 - Ale: São direitos do MST: direito a propriedade. Artigo 5o. inciso 22  
109dos direitos individuais e coletivos. É garantido o direito a propriedade. Artigo 3º  
110inciso 3 erradicar a pobreza, a marginalização e reduzir as desigualdades sociais.  
111Artigo 6º , são direitos sociais: a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a  
112segurança, a previdência social, a proteção a maternidade e a infância e a assistência  
113aos desamparados na forma desta Constituição. ((reading))

114Group 2 – Intelectual: Nossa primeira colocação é sobre o Cepag e todos nós  
115sabemos que não podemos generalizar um grupo por causa de alguns que não estão  
116em sintonia com a visão maior do MST que (xxx) erradicar a pobreza e as pessoas  
117terem a educação necessária (xxx) vocês lembram de Vigário Geral + o que  
118aconteceu lá?!

119Ss: Dos policiais?

120Group 2 – Intelectual: É, os policiais. Elementos produzidos pelo sistema fizeram  
121que o sistema fosse pressionado, mas isso não invalida o sistema. Vivemos numa  
122forma de governo democrático, presidencialismo. Então fatos que ocorrem no MST  
123e foram relatados não invalidam a luta maior que estamos propondo.

124Jury: Mas por que tanta violência para chegar aos objetivos de vocês?

125Group 2 – Intelectual: Pra que tanta violência? Não como foi relatado os verdadeiros  
126manifestantes do MST não aderem à violência, mas sim aqueles que compram  
127esses soldados e tentam distorcer a força e usar meios não legais. Todos devem,  
128independente de qualquer sistema de governo, não estando em harmonia com a lei  
129taxativamente pela lei condenados. Todos aqueles que vão contra a visão do MST,  
130dentro de uma visão pacífica. Nós estamos dentro da lei de fazer passeatas, de  
131adquirir terras para promover a construção do país, do movimento e de todas as  
132outras coisas que são boas para a nação.

133Jury: Mas para que invadir as casas se eles querem as terras?

134Group 2 – Intelectual: Acho que isso já foi dito.

135Jury: Na questão da casa dos filhos do FHC, em que eles arrasaram a despensa, a  
136adega e danificaram as colheitadeiras, os tratores + tudo isso aconteceu + eles  
137destruiriam a casa. Até os instrumentos que eles iriam utilizar na terra eles  
138destruíram também. Então qual é o objetivo deles?

139Group 2 – Intelectual: Quanto a isso não apoiamos nenhum tipo de vandalismo.

140Jury: Neste episódio estava o líder do MST João Pedro Stédile. Então fica meio  
141vago + isso representa que o movimento se divide em dois e só um grupo segue o  
142líder? + Em 18 anos de movimento, o MST já fez de tudo. Como diz na Veja, em  
143nome do socialismo promoveu saques, invasões a delegacias, prédios públicos,  
144agências bancárias, fez reféns e foi vítima de um massacre brutal.

145Group 2 – Intelectual: Mas o MST não é uma pessoa, o MST é uma idéia. O júri  
146está julgando! Deveriam ser feitas perguntas imparciais.

147Jury: Nós estamos.

148Group 2 – Intelectual: O MST é uma idéia. Um exemplo: vamos voltar a Revolução  
149Francesa, tínhamos o quê? A monarquia e a burguesia lá embaixo. O que aconteceu  
150ali? A burguesia... vamos lá pessoal, ajudem? ((referring to the audience)) +  
151Levantaram a burguesia, a burguesia chegou lá em cima e chutou a escada. Isso se  
152alastrou até hoje. Então, chegou o momento daqueles que estão lá embaixo também  
153terem acesso as coisas que a burguesia tem hoje, porque não? A finalidade do MST  
154é essa: igualdade social. Se há um ou outro que foge a essa realidade não (xxxx)  
155pode morrer o movimento ou a idéia por causa de uma pessoa.

156Jury: Voltando a questão da violência. Vocês disseram que vocês recriam  
157dentro do movimento quem pratica violência.

158Group 2 – Intelectual: Nós estamos defendendo o movimento, mas não somos do  
159movimento, pra ficar claro + nós como defensores do movimento, não  
160defendemos pessoas isoladas.

161Jury: Só que aqui diz que os integrantes do movimento sem terra liderados por João  
162Pedro Stédile também se sentem autorizados a cometer crimes durante suas ações  
163porque as autoridades se constroem aplicar a lei. Se o líder, como é que vou  
164dizer, apóia violência, como é que os outros vão agir diferente?

165Group 2 – Intelectual: Mas isso não foge do primeiro plano + qual é o primeiro  
166plano? + a igualdade. Se há alguém usando princípios ilegais deviam ser afastados e  
167deveriam se buscar meios.

168Jury: Deveriam+ mas estão sendo?

169Group 2 – Intellectual: Não se deve destruir o movimento em função de algumas  
170pessoas. Aí temos que invalidar o governo também, uma vez que também temos  
171policiais corruptos, temos chacinas no morro e toda uma serie de coisas. O sistema  
172também é corrupto (xxxxxx) troque-se o corrupto pelo honesto + troque-se o líder  
173para que ele seja reflexo da luta do pobre, da luta para ele ascender, ter sua  
174educação, sua moradia. Jury: Será que o movimento sem terra vai virar um partido  
175político?

176Group 2 – Intellectual: Isso não podemos dizer, porque o ser humano por razões  
177próprias pode se transformar em qualquer coisa em razão política. A essência dele  
178não é política. A essência da criação dele é a igualdade social + é a ascensão do  
180pequeno pra ter sua casa e sua terra para produzir. Se alguém vai se aproveitar  
181dessa brecha da política não sabemos. Isso é o que aconteceu com os sindicatos em  
182outros setores da sociedade.

183Jury: Levando em consideração o fim maior do MST, ou seja, a reforma agrária,  
184porque o MST se envolve com outras questões, como a dívida externa, a  
185reestatização de empresas privadas e até queriam o impeachment do FHC?

186Group 2 – Intellectual: De certa forma o MST também é composto por cidadãos e  
187como cidadãos eles tem esse direito de opinar sobre as outras coisas do país.

188Jury: Mas se a questão maior deles é a reforma agrária, porque eles não se  
189preocupam mais com essas questões? Por que se envolvem com outras coisas? Qual  
190o benefício?

191Group 2 – Intellectual: Quando se fala em reforma agrária ela não envolve só um  
192setor, ela envolve tudo que um país tem: econômico, social, político. Se interessar  
193por esses setores é de certa forma resolver o problema, porque através desses setores  
194é que se consegue recursos para o assentamento das famílias.

195T: Okay. Time is up. The groups can make comments or questions to each other.

196Group 1 – Jujubeleza : Minha pergunta é através da própria fala deles quando  
197disseram (xxxx) os políticos são corruptos. Vocês admitem que o movimento tem  
198corruptos como a própria liderança?

199Group 2 - Intellectual: Qualquer movimento, qualquer sociedade tem pessoas boas e  
200más. É impossível ser uma sociedade pura. Onde há homens, há desejo de ambição,  
201como também há desejo de igualdade. Então dizer que um determinado grupo é  
202isento de culpa é uma mentira. Isso quer dizer que nenhum grupo é totalmente  
203puro. A nossa função é fazer com que as pessoas boas cheguem ao poder. E que  
possamos ter a maioria boa.

204Group 1 – Jujubeleza: Então há uma divisão a ponto do presidente do movimento  
205ser taxado de vandalismo e podermos chamá-lo de corrupto?

206Group 2 – Intellectual: O fato de uma pessoa ser corrupta, no caso o presidente, não  
207invalida o movimento. Não é por causa dele que você vai analisar da mesma forma  
208a maioria. O governo teria que rever todo o sistema. Talvez o MST não esteja  
209tendo uma visão tão coerente da situação, mas com a união governo e MST dentro  
210de um diálogo isso seria possível. ++ Qual seria a proposta dos que não fazem  
211proposta?

212Group 1 - Jujubeleza: Seríamos nós? ((smiles)) Seria primeiro funcionar dentro da  
213lei, não seria a revelia. Porque a partir do momento que você andasse fora da lei  
214você também daria esse direito para os outros. Seria votar um projeto público, como  
215a Constituição que levou algum tempo, mas que participou dela, vamos dizer assim,  
216os intelectuais da área, tá + e que legalizassem + pode ser até uma manifestação no  
217processo de desaprovação, mas legítima quando permanece na lei. Poderiam  
218participar os que não fossem corruptos do movimento + e formar junto com os



219intelectuais do próprio sistema uma legislação. Isso levaria tempo, mas iria  
220funcionar dentro da legalidade. ++ Você concorda que a opressão é uma forma de  
221revelia no caso de sufocar a voz?

222Group 2 – Cera: Opressão de injustiça, de oprimir, no nosso caso o direito a  
223moradia. A minha pergunta é se a opressão é algo que é legítimo?

224Group 1 – Jujubeleza: Em termos de privação a gente acredita que a opressão é  
225maior na violência física. Tanto na hora de oprimir o que é contra, tanto na hora de  
226oprimir a violência, de expor os próprios companheiros à situação de morte. A voz  
227não foi calada. Vocês dizem que o povo está com vocês, mas diz que não reconhece  
228o sistema de reforma agrária.

229Group 2 – Cera: O que a gente tá questionando é a forma de opressão do governo e  
230dos latifundiários que estão oprimindo uns pobres coitados que não tem nem onde  
231cair morto.

232Group 1 – Jujubeleza: Esses que esse dizem oprimidos tem uma cultura familiar de  
233MST. São gerações que se criam ali dentro + é um sistema que se perpetua durante  
234anos. E tem alguns que chegam a parar no assentamento e outros se tornam  
vitalícios.

235Group 2 – Cera: Então cite uma família de avô até bisneto + são quatro gerações e  
236quero validade dos documentos. ((smiles))

237Group 1 – Jujubeleza: Ok! Hold on! ((searches the texts)) Existe uma família com  
238dezesseis. Está na Veja! São vitalícios.

239Group 2 – Cera: E esses vitalícios anulam a Constituição?

240Group 1 – Jujubeleza: Sim. No momento em que não respeitam o direito de  
241propriedade.

242Group 2 – Cera: Eu digo que não. Eles estão sob a proteção da Constituição.

243Group 1 – Jujubeleza: Com qual lei?

244Group 2 – Cera: Das garantias individuais, da dignidade da pessoa humana, da  
245moradia. Um outro ponto é que nas terras dos latifundiários, as terras que estão  
246inúteis precisam exercer uma função social. Dizer que a gente não tem direito a  
247tudo isso é inconstitucional + então ofende o nosso sistema porque é  
247inconstitucional. Então esses vitalícios anulam a Constituição.

248Group 1 – Jujubeleza: Sim, quando não respeitam o direito de moradia do outro, de  
249igualdade do outro.

250Jury: We have a question. A política econômica do país apenas incentiva a  
251exportação vinda das indústrias, no entanto, ela não dá nenhum incentivo para que  
252as pessoas tenham sua própria terra para produzir. Será que o compromisso com o  
253exterior é mais importante que os direitos dos cidadãos.

254Group 1 – Jujubeleza : O sistema desapropriou 20 milhões de hectares para esses  
255MSTs para eles não vandalizarem. Porque a idéia é qualquer terra que fosse  
256invadida não

257seria desapropriada para desestimular as invasões, isso em reconhecimento ao setor  
258primário.

259Jury: Será que foram suficientes?

260Group 1 – Jujubeleza: 20 milhões???

261Jury: Como vai ser o Brasil daqui a 20 anos?

262Group 2 – Intelectual: Não vai avançar muito, pois não há interesse do governo para  
263que isso aconteça.

(the class time is up and students move out while the jury hurries to write down the  
veredict that is handed to the researcher: “MST is a good movement. It has good  
subjects, ideas, but what really outstand are the violent acts rather than the good things

that it does. Because of it our sentence is guilty. The Prosecutors had good arguments; they proved that MST would not have success with its acts.”))

## APPENDIX H – TEXTS FROM VEJA MAGAZINE

Jun 3<sup>rd</sup>, 1998

### O QUE ELES QUEREM

Os dirigentes do MST dizem que não querem só terra e falam em revolução e socialismo

André Petry e Eduardo Oinegue

Foto: Liane Neves



"Queremos uma sociedade socialista e igualitária. Este é um conceito doutrinário, não uma reivindicação. Junta duas utopias realizáveis. O socialismo é igualdade, é o ideal cristão. Vamos fazer isso mudando nossas elites, que precisam deixar de ser subservientes. Tudo o que vêm no exterior querem copiar. Não passam de lúmpen, que ficam pensando em como vão continuar mamando no Estado."

**João Pedro Stedile**, dirigente nacional do MST



"Estamos diante de uma organização absolutamente nova e diferente de tudo o que já se viu na História do Brasil. O Movimento dos Sem-Terra revelou ao país um tipo de organização de massa que nós não conhecíamos." Quem faz essa afirmação é o deputado Milton Temer, do PT do Rio de Janeiro, militante da ala radical do partido e habituado às lides de esquerda. Criado em 1984, entre agricultores do Rio Grande do Sul, o MST virou um fenômeno — político e social. Sua principal bandeira, a reforma agrária, é um assunto do século passado, fora de moda, embora ainda insepulto no Brasil dos latifúndios. Entre seus 100.000 seguidores, há de tudo: desempregados, analfabetos, agricultores arruinados, comerciários sem eira nem beira, gente que foi bóia-fria ou veio de favelas nas grandes cidades. Formam a massa que a esquerda tradicional sempre julgou ser impossível organizar e conduzir — o chamado lumpen, a expressão que Karl Marx usou para designar "o lixo de todas as classes". Sua estrutura tem um quê da velha concepção de partido criada por Lenin, o revolucionário russo, com hierarquia rígida e comando centralizado. Pois não é que uma bandeira tão arcaica, uma massa de pés descalços e uma estrutura tão antiquada agitam o Brasil de norte a sul?

Na semana passada, os militantes do MST fizeram saques em Pernambuco, invadiram delegacia de polícia na Bahia e ocuparam agências bancárias no Paraná, no mesmo momento em que o governo começava a distribuir cestas básicas nos 1.236 municípios afetados pela seca no Nordeste, mandava o Exército para a região e anunciava que irá gerar 1 milhão de empregos em frentes de trabalho. Na quarta-feira, numa entrevista de uma hora e meia nos jardins do Palácio da Alvorada, Fernando Henrique consumiu mais de um terço do tempo falando sobre seca, saques e sobre ele, o MST. Criticou a invasão de bancos no Paraná. "Quando o MST entra num banco é igualzinho, igualzinho, a alguém que entrou num banco como assaltante", disse. Explicou que não condenava saques de supermercados quando feitos por famintos: "O problema é quem não está com fome. Quem está usando a fome para assaltar".



**Estudantes do Grupo Escolar Mao Tsé-tung, em acampamento na Bahia: aprendizado engajado**

Fotos: Fernando Vivas

Mais cedo ou mais tarde, a seca deste ano vai acabar. O que não vai acabar é o MST, porque a seca é apenas seu palco atual. Ele tem outros. As fazendas que invade são um deles. Os prédios públicos que ocupa são outro. Como se

viu na semana passada, agências bancárias também servem. Organizado em 22 Estados, o movimento está no seu momento de maior ebulição. Começou pedindo terra em 1984, passou a pedir crédito agrícola dois anos depois, reuniu 40.000 numa marcha a Brasília no ano passado e agora promove invasões e saques porque, no fundo, o MST quer muito mais do que se pensa. Distribuição de terras é apenas uma etapa do projeto global. As lideranças do MST querem transformar a sociedade e, se possível, abocanhar o poder para fazer do Brasil um país "socialista e igualitário", como dizem em seus documentos. Alguns de seus dirigentes chegam ao delírio. "Podemos tomar o poder um dia, fazer a revolução, mas não pensamos nisso agora. Quem vai determinar o próximo passo é a conjuntura", diz Jaime Amorim, líder do movimento em Pernambuco. No governo, essa retórica é acompanhada com lupa. A parte mais radical do MST preocupa as pessoas que precisam pensar em eventuais conseqüências nefastas de uma ação indesejável do exército descalço da bandeira vermelha. "Sinto tristeza que o MST tenha deixado de ser um movimento social pela reforma agrária para se tornar um movimento político e ideológico", diz o general Alberto Cardoso, chefe da Casa Militar do Palácio do Planalto. "Se eles ameaçarem a democracia, o Estado vai reagir."



**Imagem de Che Guevara em acampamento no Nordeste: sandinismo, maoísmo e Igreja**

**"Jogo duplo"** — O MST não nasceu assim. Embora anacrônico, com os dois pés fincados num tempo que já passou — quando a oligarquia rural tinha o poder dos barões da indústria de hoje, quando a reforma agrária era uma solução moderna do capitalismo, quando as massas operárias miravam a revolução — , ele está em plena mutação e cada vez mais politizado. Está ocupando o vácuo do movimento sindical urbano que, diante da ameaça do desemprego, prefere fazer bingos em estádios de futebol em vez de se arriscar em greves mais ousadas. Já os sem-terra são tão pauperizados que não têm nada a perder — emprego, carro, casa e, em muitos casos, dignidade. Com uma disposição meio messiânica, permitem que a cúpula do MST transite da reforma da terra para a reforma da sociedade — pois acreditam que o que vier, seja lá o que for, será necessariamente melhor. O grande mentor desse novo perfil é um dos fundadores do movimento: João Pedro Stedile, gaúcho de 44 anos, casado, pai de quatro filhos e economista formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É ele a alma mais radical do MST.

"Zapatistas, Che Guevara, maoístas,

Stedile é um homem de determinação incomum. Ele colocou na cabeça um tipo de batalha pessoal, a luta em defesa dos humildes. Dia após dia, chova ou faça sol, lá está ele andando de ônibus pelo Brasil afora, conversando com políticos em Brasília ou mantendo contatos com ONGs no exterior. Sobretudo, pensando numa forma de ação que possa ajudar o movimento e apavorar Brasília. É fácil discordar das finalidades ideológicas de seu

marxistas, leninistas, gostamos um pouco de todos, mas não seguimos nenhum. Temos influência até de Jesus Cristo. Podemos tomar o poder um dia, fazer a revolução, mas não pensamos nisso agora. Quem vai determinar o próximo passo é a conjuntura. Por enquanto, nossa luta é para que possamos ser exemplo com nosso trabalhozinho pequeno. O povo tem de ocupar o seu lugar neste país. Seja pelo voto, eleição ou pela força dos movimentos."

**Jaime Amorim**, dirigente do MST em Pernambuco

projeto arcaico, mas a prática diária é a defesa dos excluídos. Pela trajetória pessoal, o líder maior do MST guarda pouca semelhança com seus colegas dirigentes, a maioria oriunda de famílias de agricultores pobres que perderam a terra por causa de dívida. Stedile estudou em seminário, trabalhou como funcionário público em Porto Alegre e estudou no exterior. Coursou pós-graduação em economia no México. Enquanto viveu na Cidade do México, andando de sandália de couro e calça cáqui, lia textos de faróis do comunismo como Lenin, Karl Marx, Mao Tsé-tung. Envolveu-se com os sem-terra na condição de funcionário público ao voltar para o Brasil.

O prefeito do município de Chapecó (SC), José Fritsch, do PT, lembra-se de quando tudo começou, em 1980. Havia uma área com 1.600 hectares num município chamado Ronda Alta, que pertencia ao Estado mas havia sido arrendada para particulares e acabou invadida. Fritsch, na época assessor da igreja junto aos movimentos rurais, e um padre, Arnildo Fritzen, foram ao acampamento, que estava cercado pela brigada militar do Estado. Dentro da fazenda, no prédio onde antes funcionava uma escola, encontraram os representantes da Secretaria de Agricultura do governo. Entre eles, João Pedro Stedile, que era funcionário do governo. Stedile os recebeu com um sermão. Ele dizia que não queria ver a igreja estimulando invasões. Fritsch e o padre foram embora. À noite, compareceram a uma reunião dos sem-terra e reencontraram Stedile, dessa vez organizando os acampados. "Ele fazia jogo duplo. De dia, fingia estar do lado do governo. À noite, incitava à mobilização", diz o prefeito. "Era um artista", lembra o padre. Político de bons recursos retóricos, Stedile sabe empregar as frases certas nos ambientes certos. Na semana passada, ao receber VEJA para uma conversa que durou duas horas, empregou um fraseado sereno.

Em ambientes mais reservados, normalmente ligados à esquerda, Stedile costuma ser mais agressivo. Leia-se o que disse no encerramento de uma palestra durante um seminário sobre socialismo promovido pelo Instituto Sedes Sapientiae, em junho de 1991: 1) "A reforma agrária interessa a toda a classe trabalhadora e deixou de ser apenas uma questão econômica para resolver o problema dos sem-terra que estão passando fome. Ela passou a adquirir um caráter revolucionário". 2) "Nós imaginamos que vai ser impossível implantar o socialismo no Brasil se não se fizer a reforma

agrária, ao mesmo tempo que não se consegue a reforma agrária sem implantar o socialismo". 3) "E para chegar a esse ponto, eu, pessoalmente, não acredito que vamos conseguir com eleição". 4) "Então eu acho que nós devemos ter a consciência de preparar a classe trabalhadora sabendo que essas mudanças, que são necessárias, não serão dadas de mão beijada, nem na base do voto, nem de uma maneira simplista e fácil, devagarinho".

Foto: Claudio Rossi



"O objetivo do MST é mudar o modelo de sociedade. Para isso estamos preparando o povo. Tem alguém que não gosta? Pois há 100 milhões que querem isso. O MST está oferecendo ao país um projeto novo para enfrentar o projeto burguês. Precisamos romper com a burguesia. Só não sei quando, nem como. Se eles vão sair correndo, se eles vão para outro país, se eles vão ficar numa boa, não sei."

**Delveck Mateus**, dirigente do MST em São Paulo

"Stedile puxa as cores ideológicas do MST e, com isso, freia conquistas", diz Gilmar Viana, diretor de Conflitos do Incra, o departamento mais movimentado do órgão. "Enquanto os seus liderados vão invadir porque querem terra, crédito, agroindústria, Stedile diz que têm de invadir para combater a política neoliberal." No governo, o ministro Raul Jungmann, da Política Fundiária, tem relações tumultuadas com Stedile. "Ele é o produto do ódio que o colonato do Rio Grande do Sul, imigrante e religioso, tem contra a modernidade, a tecnologia e a incerteza do capitalismo", declara o ministro. "Não dá para debater com ele. Ele é muito agressivo." Quem debate, então, é o presidente do Incra, Milton Seligman, gaúcho e torcedor do Grêmio, como Stedile. O presidente do Incra abomina o "absoluto desrespeito do MST às instituições democráticas", acha que Stedile é um "marxista típico dos anos 60 com um pensamento velho sobre o Brasil", mas é sensato o bastante para não cortar relações nem deixar de elogiar o movimento no terreno da produção. "Os assentamentos do MST são os que se tornam produtivos com maior rapidez. O pessoal do MST consegue, de fato, transformar a agricultura familiar em um fato econômico", afirma Seligman.

O MST não é partido político, nunca apresentou em público, formalmente, uma proposta de país ou de governo e não pode ser encarado como um movimento revolucionário. Ainda assim, a visão do poder assanha uma parte da sua cúpula. Os líderes jamais tocam nesse assunto muito claramente, mas o governo até já colocou as mãos em documentos internos do MST em que se fala na disposição de criar "zonas autônomas" — coisa que a guerrilha de esquerda, nos seus tempos mais férteis, chamava de "áreas liberadas". O MST gosta de elogiar pelo site que mantém na Internet

([www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)) a experiência da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (Utab), criada em 1954. A entidade foi fundada pelo Partido Comunista do Brasil e suas principais bases de atuação estavam em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Mas foi em Goiás que as Utab obtiveram o maior sucesso. Lá, trabalhadores rurais liderados por um lavrador conhecido como "Zé Pureza" conseguiram dominar as cidades de Trombas e Formoso. A revolta começou como luta armada, e durante dez anos os rebeldes sobreviveram, praticando uma agricultura de subsistência, até ser desmantelada pelos militares em 1964.



**José Rainha (à direita), liderança que era contra o apoio a Lula: sem-terra de resultados**

Fotos: Ricardo Stuckert

No campo ideológico, o MST é um liquidificador. Ali, existem os que se inspiram em Ernesto Che Guevara, simpatizantes do sandinismo nicaraguense, adeptos das táticas maoístas de começar a revolução pelo campo em direção às cidades, defensores de uma "pátria operária e socialista", tudo misturado com princípios da Teologia da Libertação, bênção das Comunidades Eclesiais de Base, de onde saiu boa parte de seus dirigentes, inclusive Stedile. Essa salada de nomes pode ser encontrada nos discursos e também na paisagem criada pelo MST. Um exemplo é o pitoresco *Grupo Escolar Mao Tsé-tung*, construído no acampamento Beira Rio, numa área do ex-banqueiro Ângelo Calmon de Sá, no interior da Bahia.

**190 000**  
famílias foram  
assentadas  
desde o início  
do governo FHC

É difícil saber o que resulta de tanta mistura, mas a comparação mais freqüente, e talvez mais fiel, é com os atuais zapatistas, seguidores de Emiliano Zapata, líder da revolução mexicana de 1911, que levantam a bandeira de libertação dos índios do sul do México ([veja quadro](#)). "A diferença é que os zapatistas defendem os índios, enquanto o MST defende os sem-terra", diz o deputado Milton

Temer. "Eu diria até que o MST tem algo parecido com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, Farc. Nesse caso, a diferença é que as Farc já são um movimento armado, e o MST não." As Farc nunca chegaram perto de ganhar a bela Bogotá, e vivem sob a suspeita de manter relações íntimas demais com o narcotráfico.

**Clandestinidade** — Dentro desse caldeirão ideológico, há alguns traços marcantes. O MST, de alto a baixo, devota um desprezo solene pelo modelo de representação da sociedade, que considera "burguês". Daí a freqüência

com que invade prédios de prefeituras pelo interior do país. Outra característica do movimento é jamais sentar para discutir formas de descentralizar a reforma agrária, o que poderia agilizar o processo de distribuição de terra. Descentralizar a reforma agrária significa fazê-la diretamente com todos os que querem entrar no programa de distribuição, sem ter os líderes do MST como intermediários da doação. "Tocar no assunto de descentralização com o pessoal do MST é como mostrar crucifixo para vampiro", diz um diretor do Incra. Isso porque, com a reforma centralizada, tudo converge para a pressão sobre o governo em Brasília, e assim dá ao MST um papel de destaque no plano nacional. Além disso, o movimento respira pelos pulmões do Estado, à medida que cobra uma taxa dos assentados quando eles ganham crédito oficial. "Indiretamente, o governo financia o MST. Mas não podemos impedir isso. É como proibir um metalúrgico de pagar o sindicato", declara o diretor.



"A China garante emprego e alimentação para o seu povo. E isso não é pouca coisa já que o país tem 1,2 bilhão de pessoas. Com tanta gente, o sistema não iria durar se não fosse democrático. Democrático não no sentido capitalista da palavra, mas no sentido de dar igual tratamento a todos. Em nenhuma parte do mundo o capitalismo resolveu o problema dos trabalhadores." **Egídio Brunetto**, dirigente do MST no Mato Grosso do Sul

Sua cúpula nacional, formada por 21 membros, jamais foi vista reunida numa fotografia. Com o ranço leninista da clandestinidade, seus dirigentes evitam a visibilidade e, com isso, passam a impressão de integrar um movimento monolítico. Não é. Todos ali querem reforma agrária, defendem as invasões e organizam saques. Mas existem as divergências. Uma delas: há os que estão preocupados mais com a produção agrícola dos assentamentos, como José Rainha, líder do Pontal do Paranapanema. "Ele agita as massas, é capaz de reunir 10.000 pessoas de um dia para o outro, mas, enquanto faz isso, também negocia inseticida, adubo e problemas concretos da produção", diz um assessor do Incra responsável pela área do Pontal. É o que se pode chamar de sem-terra de resultados. E há os que se inclinam mais para a política, como Stedile. Em fevereiro passado, o MST aprovou, publicamente, seu apoio à candidatura de Lula e, outra vez, houve divergências internas. Rainha é um dos que não gostam da vinculação direta com o candidato do PT. Roberto Baggio, líder do movimento no Paraná, é outro. Mas Stedile e Jaime Amorim, de Pernambuco, defendem o apoio ao petista. Quando o PT escolheu seu novo presidente entre o moderado José Dirceu e o radical Milton Temer, deu racha. Stedile votou em Temer, da ala radical. Rainha foi de José Dirceu, da facção moderada. Dirceu ganhou. Apesar das relações íntimas entre PT e MST, não existe um canal de comunicação direta. Ao contrário. Entre os moderados do PT há até uma certa resistência contra os métodos do movimento. Lula, por exemplo, já



Há **58 000**  
famílias do MST  
morando em  
acampamentos  
e áreas invadidas

disse publicamente que não apóia os saques organizados no Nordeste. Pode ter dito isso porque está em campanha eleitoral, mas na semana passada sua assessoria até evitou que visitasse um assentamento cujas famílias saquearam um mercado. São atitudes que provocam, no mínimo, estremecimento entre o partido e os sem-terra.

**Da porteira à portaria** — Com catorze anos de idade, o MST transformou-se na única força de oposição capaz de chacoalhar o governo. No Ministério da Política Fundiária, a cada dois meses é feita uma pesquisa de opinião sobre ações do movimento. Nessas pesquisas, o apoio à reforma agrária é constante e majoritário — fica em torno de 80%. Já os métodos do MST chegaram a ter também 80% de adesão popular, entretanto de março para cá, com saques misturados às invasões de sempre, o apoio caiu para 58%. Ainda é alto, mas o governo torce para que caia mais. "Há um processo de rejeição ao MST", afirma o ministro Jungmann. "O MST conquistou o país após o episódio de Eldorado dos Carajás", recorda ele, referindo-se ao massacre de sem-terra no sul do Pará em 1996. "Mas agora eles invadem prédios públicos, agências bancárias, organizam saques e fazem até reféns. O MST errou ao tirar o conflito da porteira e trazê-lo para a portaria. A opinião pública, sobretudo a classe média, está ficando assustada", afirma o ministro. "Se não entrássemos em bancos na semana passada, quem é que saberia que o governador do Paraná não havia liberado o dinheiro prometido para os sem-terra há seis meses?", retruca Stedile.

Em relação ao MST, o governo se comporta como uma enguia — ora vai para um lado, ora para outro. O governo já fez várias ameaças na tentativa de conter as invasões de terra, mas, na hora H, nem sempre cumpre a palavra. Tanto que as invasões seguem ao sabor do que os sem-terra querem fazer — sobem numa região, descem em outra e assim por diante. Em março, aconteceu o auge das invasões no Nordeste e no Sul. No Sudeste, o pico foi em abril. Entre as 29.250 famílias que ocuparam 155 fazendas em todo o país nos primeiros quatro meses deste ano, 70% levavam a bandeira vermelha do MST. O presidente Fernando Henrique já disse que o governo não pode apostar na repressão. "Se o Estado reagir com a força de que dispõe, com repressão, não vai resolver", disse, numa entrevista ao jornalista Roberto Pompeu de Toledo, de VEJA, publicada no livro *O Presidente Segundo o Sociólogo*. "Por outro lado, não se pode não fazer nada. É claro que no MST tem gente que imagina estar fazendo a revolução socialista. Há quem pense até em revolução armada, sei que há. Mas eles não vão fazer a revolução, não têm condições para isso. Então, se não tivermos compreensão da situação, poremos em risco a democracia ou a mudança. Não se pode pôr em risco nem uma nem outra. É preciso manter um difícil equilíbrio."

Há **106**  
áreas de conflito  
em 22 Estados

Não haveria MST se não houvesse miséria. O movimento também tem o mérito de ter reconduzido a reforma agrária à agenda nacional, como nos anos 30 e no início da década de 60. Sendo a reforma agrária uma questão meramente social e não agrícola, há uma multidão de pobres que prefere ir

tentar a sorte no campo em vez de ficar inchando as favelas urbanas. O problema é a estratégia adotada por seus líderes. A cientista política Maria Hermínia Tavares de Almeida, da Universidade de São Paulo, analisou o texto *A Reforma Agrária Necessária*, uma das referências teóricas do MST. O texto traz uma proposta de reforma agrária e as medidas que o movimento considera fundamentais para a construção de uma nova sociedade. Na opinião da professora, os objetivos descritos no texto são absolutamente desejáveis: trabalho para todos, alimentação farta, justiça social, igualdade de direitos, entre outros. "É o reino dos céus na terra. Ninguém pode ser contra isso. O problema é a fórmula anacrônica que eles pregam para chegar aos objetivos", afirma. Para Maria Hermínia, o MST defende um socialismo revolucionário fora de época, deslocado, inviável. "Falam como se nada tivesse ocorrido no mundo nas últimas décadas. Fingem ignorar que esse modelo não deu certo em nenhum dos lugares em que foi implantado."

### ***Soldados da última trincheira***



Foto: Renata Ursaiia

**Os punks do comitê brasileiro pró-zapatistas: juntos com o MST**

O espelho distante do MST está na pequena região de Chiapas, no México. Pela pobreza, Chiapas está para o México como o Piauí para o Brasil. É ali em Chiapas que, depois do fracasso do "socialismo real" nos quatro cantos do planeta, vive o único grupo de esquerda capaz de manter-se em evidência na mídia e atrair simpatizantes no mundo todo. Trata-se da guerrilha zapatista, movimento surgido há quatro anos entre camponeses de origem indígena. Tomando emprestado o nome de Emiliano Zapata, herói da revolta camponesa do início do século, o grupo é uma tropa mambembe que controla militarmente 35 cidadezinhas e prega um modo de produção coletivista. "Os zapatistas representam a queda do muro neoliberal", afirma o líder do MST, João Pedro Stedile. "Enquanto o México estava assinando um tratado de formação de bloco comercial com os Estados Unidos, o Nafta, querendo fazer parecer que a miséria no país havia acabado, Chiapas e os zapatistas mostram ao mundo o que o neoliberalismo realmente faz numa sociedade." Boa parte da fama dos zapatistas deve-se ao carisma de seu líder, um sujeito que só aparece para as câmeras de cachimbo e máscara e se apresenta como o subcomandante Marcos. Há comitês de solidariedade aos zapatistas em oitenta países, e no Brasil eles unem MST, CUT, padres, grupos de defesa dos direitos dos negros e até punks. São os "punks zapatistas", conforme

se denominaram. Até lenço cobrindo o rosto eles usam. Como seus heróis mexicanos.

*Com reportagem de Esdras Paiva, de Brasília, Maurício Lima e Rogério Gentile, de São Paulo, Cíntia Campos, de Salvador, e Eduardo Salgado e Sandra Hahn, de Porto Alegre*

## Índice

Copyright © 1998, Abril S.A.

[Abril On-Line](#)

Oct 20, 1999

Reforma agrária

## Marchando para trás

À medida que radicaliza suas ações, o Movimento Sem-Terra perde apoio popular

Maurício Lima

Alan Marques/Folha Imagem



### Ato do MST em frente da Embaixada dos Estados Unidos em Brasília: baderna

governo, denominada Grito Latino-Americano dos Excluídos, integrantes de uma passeata enfeitada com as bandeiras vermelhas do movimento provocaram uma grande baderna no setor de embaixadas da capital. Entre pichações de paredes e palavras de ordem, eles quebraram e derrubaram a placa de identificação da embaixada americana. Foi um espetáculo grotesco e escatológico. Os manifestantes jogaram terra, cuspiram e fizeram outras coisas em cima da placa. A balbúrdia só não foi maior porque a polícia do Distrito Federal tinha ordens expressas para não intervir.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, MST, está perdendo popularidade. Em 1996, quase 80% da opinião pública aprovava o movimento. Era época da novela *O Rei do Gado*, transmitida pela Rede Globo, em que a bela Patrícia Pillar fazia o papel de uma sem-terra. Dois anos depois, esse apoio caiu para 58%. Segundo a última pesquisa feita pelo instituto Vox Populi em agosto, apenas 28% dos entrevistados apóiam o MST hoje. A queda de popularidade é o resultado direto de acontecimentos como o da semana passada em Brasília. Durante uma manifestação contra o

Quando surgiu como movimento social, o MST atraiu muita simpatia porque defendia uma bandeira justíssima: a reforma agrária. Hoje, os líderes do movimento mudaram de rumo. Eles começaram invadindo terras produtivas. Números do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Incra, mostram que um terço das terras tomadas pela turma da bandeira vermelha é de áreas produtivas. Depois, passaram a promover saques. Em apenas um mês de 1998, eles fizeram mais de uma centena de pilhagens. Agora, o objetivo do MST é outro. Eles desfilam pelas ruas exigindo coisas tão estapafúrdias como a moratória da dívida externa, a reestatização das empresas privatizadas e até mesmo o impeachment do presidente Fernando Henrique Cardoso. Nesses momentos, o MST se esquece do adubo, do trator e do inseticida. E a população brasileira se esquece um pouco mais do MST. A próxima meta política do movimento é engrossar uma paralisação nacional já convocada para o dia 10 de novembro pelas oposições. "Eles transformaram-se de movimento em movimentismo. Se todos os integrantes recebessem terras, o MST ignoraria isso e continuaria a marchar", diz o cientista político Bolívar Lamounier.

A radicalização política do MST vem arrebanhando opositores até de onde menos se espera. Há quinze dias, quando o líder do movimento, João Pedro Stedile, pregou o quebra-quebra de pedágios nas rodovias brasileiras, membros do PT o censuraram. Hoje, alguns setores mais moderados do partido já estão querendo mostrar que as bandeiras vermelhas do PT são diferentes das do MST. O raciocínio é simples: baderna não traz votos. O ex-governador do Distrito Federal Cristovam Buarque, candidato assumido à Presidência da República pelo PT, é um dos defensores dessa tese. Para ele, o MST representa apenas uma parcela da população. Cristovam diz que o PT precisa aprender de uma vez por todas que o partido é uma representação da sociedade brasileira e não de alguns grupos organizados.

**May 10, 2000**

## **Sem terra e sem lei**

Em sua maior ofensiva,  
o Movimento dos Trabalhadores  
Rurais Sem-Terra invade prédios  
públicos em quinze capitais e  
um militante é morto pela polícia

Eduardo Oinegue





**Marcha frustrada: no Paraná a polícia barrou manifestantes, cinquenta foram feridos e um morreu**

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra concretizou na semana passada sua ação mais espetacular desde que foi criado, há quinze anos. Numa operação relâmpago e inédita, cerca de 5 000 sem-terra ocuparam prédios públicos em catorze capitais. Outros 25 000 realizaram invasões pelo interior e passeatas. Em três lugares, foram atacadas sedes regionais do Incra, o órgão do governo federal encarregado da reforma agrária. Em onze, o MST escolheu escritórios do Ministério da Fazenda. "Agora vamos pegar o Malan", disse Gilmar Mauro, líder do movimento, referindo-se ao ministro da Fazenda. E completou: "A vontade do nosso povo é pegar a foice e descer o cacete".

A má distribuição de terra no Brasil tem razões históricas, e a luta pela reforma agrária envolve aspectos econômicos, políticos e sociais. A questão fundiária atinge os interesses de um quarto da população brasileira que tira seu sustento do campo, entre grandes e pequenos agricultores, pecuaristas, trabalhadores rurais e os sem-terra. Montar uma nova estrutura fundiária que seja socialmente justa e economicamente viável é dos maiores desafios do Brasil. Na opinião de alguns estudiosos, a questão agrária está para a República assim como a escravidão estava para a Monarquia. De certa forma, o país se libertou quando tornou livre os escravos. Quando não precisar mais discutir a propriedade da terra, terá alcançado nova libertação.

A reforma agrária saiu da agenda dos países há mais de vinte anos. Ou já tinha sido feita, ou não fazia mais sentido como fator de desenvolvimento. Até a década de 60, distribuir terras garantia um aumento na produção agrícola dos países. Depois, com o aumento da produtividade, garantiu-se o abastecimento não pela repartição da terra, e sim pelo uso da tecnologia. A necessidade de mão-de-obra no setor vem caindo, aumentando diretamente a legião dos sem-terra. O Brasil tinha mais da metade de sua força de trabalho no campo até a década de 60. Hoje tem 23%. A Europa mantém aproximadamente 6% de sua população trabalhando no meio rural e, nos Estados Unidos, a porcentagem cai para 2%. De um ponto de vista estritamente agrícola, portanto, a reforma agrária não tem mais nenhuma razão de ser. No Brasil, ela se transformou numa questão diferente: pode evitar que as metrópoles sejam inchadas

Joel Rocha



**Velório de Antônio Pereira: viúva e cinco filhos**

por desempregados do campo e também funciona na esfera da justiça social ao conceder terra a quem precisa dela para tirar o sustento da família. Isso na teoria.

Na prática, quem observa a trajetória do MST verifica que, pouco a pouco, ele modifica sua visão a respeito desses objetivos. Numa palavra, o MST não quer mais terra. O movimento quer *toda* a terra, quer tomar o poder no país por meio da revolução e, feito isso, implantar por aqui um socialismo tardio, onze anos depois da queda do Muro de Berlim, num momento em que Cuba e Coréia do Norte são praticamente o que resta de modelos a imitar nessa área. É o próprio MST que diz isso. Sem constrangimento algum.

Joedson Alves/AE



**Presidente Fernando Henrique edita pacote anti-MST: "fim do desrespeito à democracia"**

Num primeiro momento, o inimigo declarado do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra era o latifúndio improdutivo – não por ser latifúndio, mas por ser improdutivo. Quando, por descuido, se comprovava que a propriedade era produtiva, ao contrário do que se imaginava antes da invasão, os sem-terra saíam para evitar confusão. Com o tempo, o movimento passou a atacar latifúndios produtivos – não importava que fossem produtivos, bastava que fossem latifúndios. Nessas operações, registraram-se diversas ocorrências de roubo e venda de grãos estocados, depredação de tratores e sedes de propriedade e até mesmo um caso em que a fazenda foi incendiada. Em uma terceira fase, o MST deixou a área rural, mas permaneceu nas pequenas cidades do interior. Organizou saques a supermercados, invadiu delegacia de polícia para libertar companheiros presos e ocupou agências bancárias como forma de protesto contra as altas taxas de juro. Chegou a encenar uma ação de grande visibilidade, ao organizar uma marcha nacional sobre Brasília há três anos. Na semana passada, os liderados de João Pedro Stedile, chefe máximo do MST, estavam na quarta fase de sua escalada: atuavam nas grandes capitais do país.



**Soldado americano devidamente paramentado para enfrentar multidões e, à direita, um policial brasileiro em ação: diferença gritante**

Os sem-terra entraram nos prédios públicos na terça-feira e até quinta-feira insistiam em só sair depois que uma comissão fosse recebida diretamente por Pedro Malan ou pelo ministro-chefe da Casa Civil, Pedro Parente. Queriam distância do ministro do Desenvolvimento Agrário, Raul Jungmann, interlocutor apropriado para tratar do assunto. "Não adianta negociar com o Jungmann porque ele não teve prestígio para melhorar o orçamento da reforma agrária", afirma outro coordenador nacional do MST, Jaime Amorim, de Pernambuco. Uma das principais reivindicações dos sem-terra é quadruplicar o orçamento anual do Incra, que hoje dispõe de 1,2 bilhão de reais para fazer reforma agrária. Tal era o empenho do MST em enfatizar suas reivindicações que seus integrantes não hesitaram em violar o Código Penal em [vários artigos](#). Invadiram repartições públicas, impedindo-as de funcionar. Mantiveram servidores do Estado em cárcere privado. Danificaram bens públicos e propriedades particulares. E tudo isso sem a menor sensação de que cometiam crimes. Como considera ilegítimo o Estado, o MST desconsidera suas leis.

Com exceção dos governadores de São Paulo, Mário Covas, e do Paraná, Jaime Lerner, os responsáveis pelo comando das polícias nada fizeram para conter a baderna. Descumprindo uma ordem judicial, Itamar Franco, de Minas Gerais, declarou que não colocaria sua polícia para tirar os sem-terra do edifício do Ministério da Fazenda, em Belo Horizonte. O governador Dante de Oliveira, de Mato Grosso, consultado por Brasília, respondeu que deveriam ser esgotadas todas as chances de negociação antes do uso da força contra manifestantes que tomaram de assalto o prédio do Ministério da Fazenda na cidade de Cuiabá. Em São Paulo, a tropa de choque fez a desocupação e prendeu quinze manifestantes minutos depois que as portas de aço do Ministério da Fazenda foram arrombadas. No Paraná, o governo mandou 800 policiais conter o avanço de quarenta ônibus que levavam sem-terra para um protesto em Curitiba. Houve muita confusão, mais de cinquenta feridos de lado a lado e uma tragédia, a morte do sem-terra Antônio Tavares Pereira, 38 anos, casado, cinco filhos, que foi atingido durante um confronto com policiais numa estrada de acesso à capital. Diante desse episódio, o presidente Fernando Henrique Cardoso fez uma de suas manifestações mais ríspidas em relação ao MST: "A morte do lavrador deve servir de alerta para os que

optam pelo desrespeito à democracia", disse. Numa reunião de emergência, FHC baixou uma lista de medidas que já vem sendo chamada de "pacote anti-MST".

Uma das medidas é transferir à Polícia Federal a responsabilidade de zelar pela segurança dos prédios da União. É um desafio e tanto, já que a PF tem um quadro reduzido de agentes. Outra medida do pacote visa conter a onda de invasão de terras produtivas. A partir de agora, se uma fazenda for invadida, o governo a retirará da lista de terras passíveis de reforma agrária por dois anos. Se a fazenda sofrer uma segunda invasão, o que é freqüente, as terras ficarão fora do programa por quatro anos. Como forma de envolver os governadores, FHC assinou um projeto de lei descentralizando o programa de reforma agrária, que agora pode ser feito também nos Estados. "O Brasil cansou da falta de respeito à liberdade, da transformação da liberdade de uns no constrangimento de outros. O Brasil e o presidente não vão mais admitir que funcionários públicos sejam reféns de gente que faz baderna em nome de uma causa que em si é justa", disse o presidente durante solenidade no Planalto. O pacote foi acompanhado do anúncio, feito por Brasília, de que empregaria toda a força necessária para a desocupação dos prédios públicos – inclusive o Exército, se fosse preciso.

O governo demorou muito tempo para resolver que as invasões promovidas pelos sem-terra em prédios públicos, algumas com quebradeira, exigiam reação severa das autoridades. Na semana passada, o Palácio do Planalto dava sinais de ter descoberto subitamente que não dá para negociar com o MST. A verdade é que o governo, receando a acusação de insensibilidade social, tem evitado usar a autoridade contra os integrantes do MST que burlam as leis do país. Na semana passada, finalmente, um membro do governo, o secretário-geral da Presidência Aloysio Nunes Ferreira, apresentou com clareza as razões pelas quais as desordens dos sem-terra deveriam ser enfrentadas com o vigor necessário. Segundo Nunes, os membros do MST estão atuando de modo criminoso contra a democracia vigente no país – logo, a autoridade não pode tolerar que continuem na trilha do desafio às instituições. Diante da pressão, as lideranças dos sem-terra decidiram orientar seus comandados a desocupar as instalações do governo.

Durante toda a semana, agentes da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República repassaram ao gabinete militar relatos de que os sem-terra têm planos para invadir a fazenda de propriedade do presidente Fernando Henrique em Buritis. "Nossa estratégia é de avanço e crescimento", afirma Gilberto Portes, coordenador do MST. Entre as diversas ações do MST, a mais tensa foi em Brasília, onde 400 manifestantes ocuparam a sede do Incra. A Justiça concedeu o mandado de reintegração de posse solicitado pelo governo, mas os sem-terra fizeram um cordão de isolamento para que o documento não fosse entregue às lideranças do movimento pelo oficial de Justiça. Um dos coordenadores da invasão, Jairo Amorim Sol, deu entrevistas informando que os sem-terra haviam preparado vários coquetéis Molotov, aquela bomba incendiária feita com gasolina. Seriam usados, disse Sol, caso os policiais tentassem entrar no prédio. Preparando-se

Ormuzd Alves/Folha Imagem



**Invasão de prédio no interior de São Paulo: a luta agora é por crédito para plantar**



para uma eventual ação da polícia, os manifestantes levaram pneus e pedras ao teto do edifício. "Vamos tentar resistir aqui fora e depois vamos jogar coquetel Molotov e fazer barricadas dentro do prédio do Incra", disse Sol.

Depois de receber 22 milhões de hectares de terra, área equivalente a cinco Dinamarcas, o MST acrescentou um item novo ao seu tradicional discurso. Agora, a tônica das reivindicações dos sem-terra deixou de ser a distribuição de terras e passou a ser distribuição de dinheiro público – daí a invasão dos prédios do Ministério da Fazenda e da sede do BNDES, no Rio de Janeiro. A pauta completa de pedidos feita pelo MST ao governo tem cinquenta itens e cobra medidas que dizem respeito à diminuição das taxas de juros, concessão de créditos especiais e financiamentos para a construção de casas. É uma lista que conduz a uma observação intrigante. O MST procura sempre desmentir os dados do governo segundo os quais o Brasil fez um dos maiores programas de reforma agrária do planeta. Então, se os sem-terra acham que o problema continua sendo a distribuição de lotes, por que agora pedem dinheiro? Afinal, só precisa de crédito rural quem tem terra para plantar.

Em fevereiro, o professor José de Souza Martins, da Universidade de São Paulo (USP), uma das maiores autoridades mundiais em sociologia agrária, redigiu um artigo no qual mostra que o país está mergulhado nesse debate porque, ao longo da história, evitou discutir de verdade a chamada questão agrária nas várias oportunidades que teve. No trabalho, publicado na *Revista de Sociologia* da USP, o professor apresenta as razões para que isso tenha ocorrido. Algumas delas:

■ **A reforma agrária deveria ser um debate histórico, não ideológico.** "Mesmo nos meios acadêmicos, intérpretes tardios, desinformados e estranhos ao tema e à área lançam-se no que chamam de 'sociologia militante', misturam ciência e ideologia, marxismo panfletário, senso comum e descabidas raivas pessoais", escreve o professor.

■ **Os líderes do MST são de classe média e partidariam a discussão.** Por essa razão, segundo o professor, eles "possuem uma visão do processo histórico que é própria dos setores militantes e radicais dessa classe e não do campesinato. Esperam com isso legitimar o pleito da reforma agrária e o resultado acaba sendo exatamente o oposto".

■ **A esquerda não queria a reforma agrária.** Os partidos de esquerda acreditavam que a revolução no campo ocorreria se os trabalhadores rurais fossem beneficiados com os direitos trabalhistas existentes nas cidades. Portanto, a esquerda tradicional jamais se movimentou para promover a distribuição de terra, que geraria uma legião de pequenos proprietários. Trabalhadores rurais poderiam manter acesa a chama revolucionária. Pequenos proprietários poderiam apagá-la de vez.

■ **O governo sustenta uma luta tola com o MST pelos números da reforma agrária.** "A reforma agrária é um tema que se propõe em termos qualitativos, não em termos quantitativos. Não é o número de desapropriados ou o número de assentamentos em terras desapropriadas ou compradas que definem o perfil da reforma agrária brasileira, sua justiça ou não."

As divisões de informação da Polícia Federal e das polícias militares e os agentes da Secretaria de Assuntos Estratégicos já vasculharam toda a papelada que puderam encontrar com o carimbo do MST em busca de indícios de milícias armadas no

Movimento dos Sem-Terra. Nos cursos de formação de militantes, em que o discurso é bastante radical e se fala abertamente em revolução, não existe registro de aulas de tiro ou de manuseio de armas. Nas inúmeras invasões realizadas pelo MST, as únicas armas eram foices e pedaços de pau, e havia casos esporádicos de carabinas calibre 12 e revólveres 38. Até o momento, não há razão para temer em solo nacional o repeteco da revolução que virou o México de cabeça para baixo na segunda década do século XX e deixou um saldo de 1 milhão de mortos. À frente de um exército de camponeses, Emiliano Zapata distribuiu terras na marra e acabou assassinado. Vinte anos depois, o México entregou 70 milhões de hectares a 3 milhões de lavradores, uma das maiores reformas agrárias do planeta.

Não se sabe ao certo quais são os limites do MST, mas na contabilidade das vítimas são eles os que morrem, não os que matam, como aconteceu na semana passada com Antônio Tavares Pereira, próximo a Curitiba, e no massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará, em 1996, no qual dezenove sem-terra foram assassinados pela PM do governador Almir Gabriel. É bom que os governadores estejam atentos. As polícias militares preocupam-se em combater bandidos, não arruaceiros. Quando um grupo de militantes do MST aparece e fecha uma estrada ou ocupa um edifício, a solução é delicada. Nos Estados Unidos, em caso de grandes concentrações, a polícia tem divisões especialmente treinadas e vestidas com uma roupa que lembra o filme *Robocop*. Nada parecido com o que se usa nos confrontos no Brasil. Quando um policial sem treino para a dispersão de multidões aparece vestido com sua farda cáqui e um revólver 38 na cintura, o final da história é sempre uma incógnita. É grande o risco de acabar em tragédia.

Em muitos países, grupos organizados fazem proselitismo da tomada do poder por quaisquer meios e isso costuma ser aceito com normalidade quando se trata de pregação de idéias. Ken Livingstone, o novo prefeito de Londres, chamado Ken, o Vermelho, foi eleito na semana passada com os votos dos partidos marxistas ingleses. Um dos bordões mais repetidos de Ken é o de que "o capitalismo matou mais gente que Hitler". França, Alemanha, Áustria, Itália e outros países europeus têm minorias intolerantes, extremistas de esquerda e de direita que fazem passeatas e elegem deputados. Até nos Estados Unidos sobrevive um partido esquerdista revolucionário que denuncia livremente pelas ruas as iniquidades do capitalismo e propõe a implantação do comunismo na democracia mais poderosa do mundo. O problema com o MST é que seus militantes cruzaram a linha da pregação ideológica para a prática da desordem pública. E isso não é tolerado passivamente em nenhuma democracia digna desse nome.

Há duas interpretações conflitantes para as novas práticas do MST. Uma é a do grande-chefe, João Pedro Stedile. "Nossas ações são a única forma de chamar a atenção para a política social que empobrece o país", justifica. Pós-graduado em economia no México, Stedile aprecia textos de Lênin, Karl Marx e Mao Tsé-tung, o trio de pensadores comunistas com que se identifica. Em sua opinião, as ações radicais e a indisposição ao diálogo são a forma adequada de apresentar à sociedade em geral, não apenas aos sem-terra, as mazelas provocadas pelo governo. Cria-se assim um mundo em que o MST desempenha o papel do Bem, num cenário maniqueísta em que o governo FHC é o Mal. É essa divisão radical da sociedade que dá à luta pela reforma agrária uma característica de guerra santa. "E, como toda guerra santa, é uma guerra sem alternativas, sem saídas políticas", escreve o professor José de Souza Martins, da USP.

Outra interpretação para essa nova fase de atuação do MST é de Raul Jungmann, o ministro do Desenvolvimento Agrário. Para ele, o movimento está passando por um processo de divisão, não em alas que competem entre si, mas em duas camadas, a base e a cúpula. O sem-terra padrão que se alista nas fileiras do MST é uma pessoa sem perspectiva profissional alguma e sem nenhum instinto missionário. Entre os 1 000 manifestantes que na semana passada protestaram nas ruas de Salvador, a maioria é gente que vive de bicos nos centros urbanos. Não são propriamente militantes, mas serventes de pedreiro, balconistas e diaristas em casas de família. O que desejam essas pessoas? "Quero um pedaço de terra para o meu pai, que trabalha numa fazenda", diz a baiana Katia Moraes, 19 anos. Para eles, ingressar no MST representa quase sempre uma melhoria de padrão de vida. O acampado recebe um lugar para morar, ainda que sob uma lona, e ganha três refeições quentes por dia. Diferentemente do que acontece na periferia dos grandes centros, no acampamento o alistado tem segurança, já que as regras são extremamente rígidas quanto a bebedeiras e assaltos. E ainda tem direito a estudo e assistência médica, pois o que não falta são voluntários para prestar esses serviços. A vida nos acampamentos e a mobilização são financiadas por convênios com organizações estrangeiras, no valor de meio milhão de dólares por ano, além de uma taxa cobrada sobre a receita dos assentamentos. O entusiasmo inicial dos sem-terra muda quando eles ganham um lote. Nessa nova situação, costumam esquecer os ideais sagrados que os líderes do movimento cultuam.

Pedro Serapio



**Sem-terra detidos após confronto: na contabilidade, são eles que morrem**

Como esse distanciamento é cada vez mais evidente, a cúpula do MST está com dificuldade para manter sua força apenas com a agitação no campo. Por isso mudou de tática", diz Jungmann. Esse fosso entre a base e a cúpula está previsto nas [cartilhas do MST](#). Uma delas, usada para o treinamento de militantes, diz o que deve ser feito nesses casos: "Os dirigentes possuem um sonho revolucionário que é construir sobre os escombros do capitalismo uma sociedade socialista. Muitas vezes as aspirações dos dirigentes não são as mesmas da massa. Nesse caso é preciso desenvolver um trabalho ideológico para fazer com que as aspirações da massa adquiram caráter político e revolucionário". Vê-se claramente que o distanciamento entre base e cúpula conduz a uma estranha realidade. Os pobres que seguem a bandeira vermelha do MST querem de fato um pedaço de chão, mas as lideranças do movimento

Dida Sampaio/AE



**No topo de prédio no DF: preparados para reagir com coquetéis Molotov**

têm na luta pela terra apenas um instrumento político. Como acontece com a terra, o brasileiro humilde que se filia ao MST acaba, de certa forma, sendo usado também como instrumento para a realização da utopia dos dirigentes.

## Meu nome é Stedile, João Stedile

O agente James Bond, da série 007, tinha licença para matar. Bond estava autorizado pelo governo de sua majestade a cometer um crime sem ser punido por isso. Os integrantes do Movimento dos Sem-Terra, chefiados por João Pedro Stedile (*aqui numa montagem sobre foto de James Bond*), também se sentem autorizados a cometer crimes durante suas ações porque as autoridades se constroem em aplicar a lei quando o infrator carrega uma bandeira do MST. Os crimes do movimento:

Montagem sobre fotos de Egberto Nogueira e divulgação



■ **Violação de domicílio:** ocorre no ato da invasão.  
**pena:** até dois anos de prisão

■ **Dano:** é praticado quando, durante a invasão, os sem-terra destroem bens públicos ou dos fazendeiros.  
**pena:** até três anos de prisão

■ **Formação de quadrilha:** acontece quando um grupo se une para praticar um crime.  
 Exemplo: os sem-terra invadiram e incendiaram uma fazenda em Mato Grosso do Sul no começo do ano passado.  
**pena:** até três anos de prisão

■ **Furto:** ocorre quando os sem-terra se apropriam dos bens dos fazendeiros.  
**pena:** até oito anos de prisão

■ **Corrupção de menores:** o Código Penal prevê punição para quem envolve menores de 18 anos na prática de um crime.  
**pena:** até oito anos de prisão

■ **Cárcere privado:** nos últimos doze meses, 24 funcionários do governo foram feitos reféns durante invasões dos sem-terra a prédios públicos.  
**pena:** até oito anos de prisão

Com  
de Adriana  
Alexandre  
Rodrigo  
Daniela  
de Salvador,  
Graf,

■ **Lesão corporal:** em diversas ocasiões, os sem-terra e agrediram fazendeiros e seus empregados. Durante uma invasão no Paraná, um dos fazendeiros sofreu traumatismo craniano.  
**pena:** até oito anos de prisão

reportagem  
Setti,  
Secco,  
Vergara,  
Camargos,  
Janaína de  
de Curitiba,  
e Sandra Brasil, de Brasília

April 3, 2002

## *Os sem-limite atacam de novo*

**Na ação mais espetacular  
e agressiva de sua história,  
o MST invade a fazenda de FHC**

Roberto Castro/AE



Os sem-terra escarrapachados na sala de estar da fazenda: afronta à ordem constitucional

Com dezoito anos de vida, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) já fez de tudo. Em nome do socialismo, promoveu saques, invasões de delegacias, prédios públicos e agências bancárias. Fez reféns, foi vítima de um massacre brutal, em que morreram dezenove sem-terra, comandou os maiores protestos recentes em Brasília e até já ocupou gabinete de ministro. Movimento político que manipula massas empobrecidas, o MST ostenta em sua cúpula uma salada ideológica anacrônica que consegue compatibilizar maoístas, guevaristas, marxistas, fidelistas e até representantes de correntes políticas

### Veja também

O que pensa e como age o MST

⊕ [VEJA de 10/5/2000: a tática da baderna](#)

⊕ [VEJA de 3/6/1998: a esquerda com raiva](#)

moderadas. Reunidos, eles freqüentemente produzem acontecimentos espetaculares no Brasil. No fim da semana passada, o MST se superou, promovendo a mais surpreendente ação de sua história. Cerca de 250 integrantes do movimento invadiram a fazenda dos filhos do presidente Fernando Henrique, a Córrego da Ponte, no município de Buritis, em Minas Gerais. Lá, os sem-terra permaneceram 22 horas, arrasaram a despensa e a adega, danificaram colheitadeiras e tratores, mataram galinhas e perus, mexeram em papéis privados. No auge do deboche, deitaram-se na cama do presidente e abriram o guarda-roupa da primeira-dama. Jamais o Brasil, em períodos democráticos, assistira a uma agressão tão escarnejada à ordem constitucional. E jamais se vira desafio tão abusado e torpe à autoridade de um presidente da República.

Ana Araujo



**"Evidente que é um ato político-eleitoral. O MST é correia de transmissão do PT. É por essas e outras que o PT não vai ganhar a eleição para a Presidência da República."**

*Aloysio Nunes Ferreira, ministro da Justiça, que aproveita qualquer oportunidade para atacar os adversários de seu candidato, José Serra*

Logo após a invasão, iniciada na manhã do sábado 23, estabeleceu-se uma falsa discussão segundo a qual muitas fazendas e muitos fazendeiros já passaram pela mesma situação e, no entanto, o Exército e a Polícia Federal não tiveram atuação destacada em sua defesa, como aconteceu no caso da fazenda presidencial – resultando na prisão de dezesseis líderes do MST. É uma discussão falsa porque a propriedade, da família de Fernando Henrique, carrega um inevitável simbolismo, pois é impossível dissociá-la da figura presidencial. Invadir a fazenda do presidente representa uma agressão à autoridade do presidente e, por extensão, à ordem constitucional, que ele representa. É tão elementar que lá se vão quase oito anos que os líderes do MST ameaçavam invadir a Fazenda Córrego da Ponte, e não outra qualquer, que carece da mesma força simbólica. Devassar a propriedade privada de um presidente é coisa inédita no Brasil e raríssima no resto do mundo, onde casos semelhantes só aconteceram em períodos de efervescência revolucionária.

Agliberto Lima/AE

**"Eu fiquei me perguntando a quem interessava aquela ação. Ao MST, não interessava. Ao PT ou à CUT, não interessa. Então, a quem interessa?"**

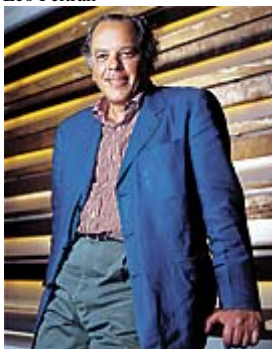
*Luís Inácio Lula da Silva, candidato presidencial do PT, sugerindo que o responsável pela invasão foi o próprio governo tucano, e não o MST*



A região de Buritis já andava inflamada havia algum tempo. Há oito meses, um dos coordenadores nacionais do MST, Clédson Mendes da Silva, instalou-se na cidade, em companhia de uns poucos companheiros. Como o período de 21 a 26 de março foi escolhido como uma semana nacional de mobilização, os líderes do MST em Buritis convocaram os sem-terra da região. Na quarta-feira, chegaram os primeiros cinquenta, que acamparam na quadra de esportes da cidade. No dia seguinte, apareceram mais 200. Na sexta-feira à noite, reuniram-se em assembléia e decidiram acampar em frente à porteira da fazenda dos filhos do presidente, a 80 quilômetros dali. Raiava o dia de sábado quando partiram em cinco ônibus, três automóveis e uma motocicleta.

Ao se aproximarem, encontraram a porteira aberta, pois o caseiro acabara de sair. Animaram-se a entrar. "Quando nós chegamos, dois funcionários cortavam a grama na frente da casa. Eles saíram para o meio do mato. Aí, a gente entrou na casa. Tinha uma mulher na cozinha, mas ela saiu correndo também", conta um sem-terra. Começou então a arruaça. Clédson Mendes pôs-se ao telefone para comunicar a invasão aos líderes do MST em São Paulo, Brasília e Rio Grande do Sul. Enquanto isso, os sem-terra exploravam a casa de dois quartos, duas suítes, uma sala grande, escritório, cozinha e sacada, distribuídos em 300 metros quadrados. Uns descobriram a adega – da qual consumiriam mais de noventa garrafas de vinho, uísque, conhaque e cachaça, além de seis caixas de cerveja. Outros xeretavam nos quartos. Na cozinha, as mulheres exploravam a despensa e o freezer, no qual havia carne de uma vaca inteira. Mataram cinquenta galinhas e dois perus para animar o forró que fariam à noite. Outros andaram na colheitadeira e nos tratores e deixaram as máquinas com as luzes acesas para descarregar a bateria. Por fim, cerca de seis sem-terra vigiavam os alojamentos dos funcionários para impedi-los de sair.

Leo Feltran



Sérgio Lima/AE



**Jovelino Mineiro, sócio dos filhos de FHC, cuja fazenda também foi invadida, e os dezesseis líderes presos na propriedade do presidente: o MST promete iniciar uma "guerra de invasões"**

Foi, de longe, a ação mais repudiada do MST – e só existiu devido à sua própria desorientação. Criado em 1984, o movimento começou invadindo fazendas improdutivas, sob o lema "Ocupar, resistir, produzir". Nessa altura, a atuação do grupo favoreceu o avanço da reforma agrária. De lá para cá, o governo desapropriou mais de 20 milhões de hectares, equivalentes à área agricultável de um Estado como Mato Grosso, na maior reforma agrária da história contemporânea. Contemplados com a terra, os integrantes do MST costumam abandonar as assembléias políticas e iniciar a vida de



microagricultores. Isso acontece com a maioria, mas não com os militantes vitalícios da bandeira vermelha. Entre os dezesseis militantes presos na semana passada na fazenda de Fernando Henrique, a maioria era assentada em lotes agrários. Simplesmente abandonaram suas roças na entressafra para ir à fazenda Córrego da Ponte promover sua manifestação política de ataque pessoal ao presidente da República. No caminho, arranjaram uma multidão de 200 pessoas para acompanhá-los no ultraje.

Quando o governo proibiu a desapropriação de fazendas que tivessem sido previamente ocupadas por sem-terra, o MST mudou novamente de tática. Passou a priorizar as grandes marchas, as passeatas e os protestos. "Eles optaram pelas ações espetaculares, na mesma linha das organizações ecológicas, como o Greenpeace", afirma o professor José Graziano da Silva, professor de economia agrária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Nos termos desse novo roteiro, a invasão da fazenda dos filhos do presidente era o que de mais espetacular poderia ter sido feito. E vem mais por aí. Na semana passada, José Rainha Júnior, líder do MST em São Paulo, anunciou uma "guerra de invasões". Essa guerra será travada em 23 Estados brasileiros, segundo as lideranças do movimento. A primeira ação aconteceu na segunda-feira na fazenda Santa Maria, no interior de São Paulo. A propriedade foi escolhida a dedo. É administrada por Jovelino Carvalho Mineiro, sócio dos filhos do presidente na Córrego da Ponte. Ficaram ali até quarta-feira, retirados por ordem judicial. Os donos da fazenda não se surpreenderam. Foi a quarta invasão nos últimos quatro anos.

Dida Sampaio/AE



O presidente na sua fazenda, em foto de 1997; Rainha durante a ocupação da fazenda do sócio dos filhos de FHC (abaixo, à esq.); e João Pedro Stedile, o grande timoneiro dos sem-terra: "Há dois anos a reforma agrária está parada. Isso está virando uma panela de pressão que ninguém controla", afirma

José Luis da Conceição/AE

Oscar Cabral



Segundo a direção nacional do MST, todas as fazendas que não cumprem seu papel social podem ser invadidas nos próximos meses. O problema é saber o que significa "papel social" na concepção do movimento. A fazenda da família do presidente, por exemplo, é considerada tecnicamente produtiva. A Santa Maria, no interior de São Paulo, também. A radicalização, segundo as lideranças dos sem-terra, nada tem a ver com o ano eleitoral. "Há dois anos a reforma agrária está parada. Isso está virando uma panela de pressão que ninguém controla", diz João Pedro Stedile, o grande timoneiro do MST. Hoje, o movimento tem 500 acampamentos espalhados pelo país. Se forem cumpridas as metas anunciadas na semana passada, esse número deve dobrar nos próximos meses.

Além de seu aspecto agrário, a invasão produziu uma guerra política. Numa linguagem destemperada que se tem caracterizado como marca dos tucanos envolvidos na campanha do presidenciável José Serra, o secretário-geral da Presidência da República, Arthur Virgílio, chamou os sem-terra de "bandidos, celerados, proxenetas da reforma agrária e gigolôs da miséria alheia". Logo depois da invasão da fazenda, o ministro da Justiça, Aloysio Nunes Ferreira, fez sua declaração mais infeliz no governo. Sem nenhuma evidência, acusou o PT de estar por trás da baderna dos sem-terra. "Evidente que é um ato político-eleitoral. O MST é correia de transmissão do PT. É por essas e outras que o PT não vai ganhar a eleição para a Presidência da República", espinafrou. O ministro valeu-se de um dado real. Existe uma notória aproximação entre o MST e o PT. Boa parte dos sem-terra vota em Luís Inácio Lula da Silva, candidato do partido. Muitos são filiados ao PT – inclusive a maioria dos dezesseis líderes da invasão presos.

Ainda assim, a declaração do ministro esbarrou na leviandade. Com uma acusação sem fundamento, o ministro autoriza seus adversários, a partir de agora, a supor que toda ação da Polícia Federal está a serviço dos tucanos, já que o diretor da instituição, Agílio Monteiro, é filiado ao PSDB. A cúpula do PT e a do MST não trocam informações nem dependem uma da outra. O partido e o movimento, aliás, andam às turras nos últimos tempos. Afirmar que invasões dos sem-terra passam, antes, pela análise do PT é erro ou malícia eleitoral. O partido pode até se equivocar em suas avaliações, mas jamais seria estúpido a ponto de avalizar a invasão da fazenda presidencial, com evidentes danos para Lula nas eleições. Em vez de deixar o ministro falando sozinho, o candidato do PT conseguiu reproduzir a mesma sonsice eleitoreira. "Eu fiquei me perguntando a quem interessava aquela ação. Ao MST, não interessava. Ao PT ou à CUT, não interessa. Então, a quem interessa?", disse Lula durante o programa de entrevistas *Roda Viva*, da TV Cultura, querendo insinuar que a invasão dos sem-terra foi uma armação do

próprio governo com o objetivo de prejudicá-lo na sucessão presidencial.

O episódio atingiu o candidato petista no coração. De início, ele ficou na dúvida se condenava ou não a invasão. Demorou para condená-la e, quando finalmente abriu a boca, disse que era contra a ação do MST mesmo porque ela não ajudava em nada a reforma agrária. Deu a entender que, se ajudasse a reforma agrária, então a ação seria positiva. Em segundo lugar, Lula avalizou a teoria conspiratória tendo como argumento central – veja só – o fato de que a porteira da fazenda estava aberta, convidativamente aberta. É um primor de empulhação. O MST tanto não se deixou levar pela porteira aberta que, em represália, logo depois invadiu a fazenda do sócio dos filhos do presidente. O candidato do PT deveria mirar-se no exemplo de João Goulart, o presidente que deixou os marinheiros de seu tempo fazer a mesma baderna dos sem-terra de hoje – e acabou derrubado do poder em 1964. Lula não está no poder, mas sua hesitação em condenar os sem-terra passa a impressão de que, num eventual governo sob seu comando, a baderna seria tolerada caso se apresentasse enrolada numa bandeira vermelha.

**March 12, 2003**

## ***A lua-de-mel acabou***

### **O MST suspendeu trégua com o governo, promove onda de invasões e ameaça endurecer**

---

Marcos Vita

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tomou posse com o apoio de grupos que sempre reclamaram do governo. Durante as primeiras semanas da administração petista, funcionários públicos e sindicalistas guardaram sua lista de reivindicações em demonstração de boa vontade. O Movimento dos Sem-Terra, que sempre foi um dos críticos mais ativos do governo FHC, retraiu-se durante a campanha eleitoral e evitou manifestações que pudessem atrapalhar a vitória do PT. Mas errou quem apostava que sob a administração Lula os integrantes do MST adotariam comportamento diferente do que tiveram no governo anterior. Na semana passada, em uma ação ordenada, os sem-terra invadiram terras e prédios públicos em seis Estados e chegaram a instalar barracas de plástico preto e bandeiras vermelhas na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Um representante do movimento avisou que acabou a lua-de-mel com o governo Lula. Os integrantes do MST voltaram a aparecer depois de quase um ano de retração. Encostarão o governo Lula na parede e exigirão que ele defina claramente se é a favor ou se vai reprimir as invasões de propriedades privadas e a depredação de prédios públicos, marca registrada do MST antes de Lula se tornar um candidato viável à Presidência da República. João Paulo Rodrigues, líder nacional do MST, disse que o movimento

pretende cobrar "medidas enérgicas" do novo governo. Caso contrário, ameaçou, "faremos um novo levante no campo". Segundo ele, o movimento vai adotar "tolerância zero" com o latifúndio.

A fúria do MST causa espanto porque o presidente Fernando Henrique Cardoso entregou a seu sucessor uma realidade fundiária muito melhor do que ele encontrou. Em seu governo foi desapropriada uma área equivalente à metade do território da Alemanha, e mais de 635 000 famílias foram assentadas. Nenhum outro presidente fez tanto na história do país nesse terreno. Os estudos mostram que o latifúndio improdutivo, cavalo de batalha dos sem-terra, praticamente não existe mais. Em tese, Lula teria condições de administrar mais facilmente os conflitos no campo. Mas, curiosamente, enquanto os latifúndios foram divididos, o movimento prosperou. O MST começou fazendo marchas de protesto, partiu para a invasão de latifúndios improdutivos, fez saques, tomou prédios públicos e promoveu invasão de terras produtivas. Sua evolução reforça a idéia de que eles não querem só a terra. Terra já conseguiram bastante. Como algumas de suas lideranças já admitiram, eles desejam o poder.

Problemas no campo ainda existem, como revela o mais amplo estudo já feito sobre a qualidade da reforma agrária no Brasil, conduzido pela Universidade de São Paulo. A partir de 14.000 entrevistas realizadas em assentamentos, confirmou-se que a reforma quebrou o latifúndio e fez um eficiente trabalho quando se avalia a distribuição de terras sob a ótica da titularidade. Isso quer dizer o seguinte: um grupo reduzido de pessoas controlava as propriedades, que agora foram transferidas para as mãos de grupo mais amplo. Infelizmente, mostra o estudo, a reforma agrária não conseguiu vencer a miséria existente no campo. Sem crédito para o plantio, sem tecnologia e longe dos centros consumidores, quando muito as famílias assentadas conseguem produzir o bastante para sua subsistência. Ou seja, trocou-se o latifúndio improdutivo pelo minifúndio improdutivo.

Por anos, o partido do presidente Lula e o MST conviveram em clima de associação. Os líderes sem-terra pediam votos ao PT e o partido os acolhia da forma que podia. Quando governava o Rio Grande do Sul, o ministro das Cidades, Olívio Dutra, chegou a apoiar uma invasão de terras. O então vice de Olívio, Miguel Rossetto, é o atual ministro do Desenvolvimento Agrário. Na semana passada, Rossetto enfrentava um dilema. Um renitente apoiador de invasões da propriedade privada, ele agora tem de esconder essa sua velha paixão ideológica. Afinal, é ministro de Estado. É com essa vacilação entre paixão e realismo que o MST está contando em sua nova investida contra a ordem.

<b>POR QUE A REFORMA AGRÁRIA NÃO VENCEU A MISÉRIA NO CAMPO</b>	<b>1) O QUE SE ESPERAVA COM A REFORMA AGRÁRIA</b>	<b>2) QUE RESULTADOS FORAM ALCANÇADOS ATÉ AGORA</b>
	Observe o que se esperava da reforma, os resultados obtidos e os novos desafios a ser enfrentados	Acabar com o latifúndio improdutivo
	Distribuir terra a quem quisesse plantar	Quase 10% dos moradores do campo já receberam um lote
	Impedir o êxodo rural	Os surtos migratórios do campo para a cidade foram contidos
	Combater a miséria no campo	A miséria persiste. Quando muito, as famílias assentadas produzem apenas para a subsistência



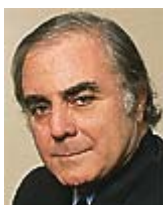
**3) POR QUE NÃO FUNCIONOU COMO O ESPERADO**

- ▶ As famílias receberam terra, mas não tiveram acesso ao crédito para fazer o plantio
- ▶ Muitos assentamentos estão em terras impróprias para a agricultura e longe dos centros consumidores
- ▶ O número de famílias acampadas esperando terra não diminuiu

**4) QUAL É A AVALIAÇÃO DO PROGRAMA**

**A reforma agrária trocou o latifúndio improdutivo pelo minifúndio improdutivo**

Foto André Penner



May 25 2005

Tales Alvarenga

## A pista é o uniforme

***"O MST faz o que levaria outros para a cadeia. Na qualidade de 'movimento social', fica no entanto liberado de prestar contas ao delegado"***

Desconfie de movimentos que reúnem multidões de uniforme, carregando uma ideologia na cabeça e uma bandeira na mão. Fuja até de torcidas organizadas de futebol. Na semana passada, 12.000 integrantes do Movimento dos Sem-Terra (MST) chegaram a Brasília com sua Marcha Nacional pela Reforma Agrária. Saíram de Goiânia e levaram quinze dias nessa passeata, usando o uniforme do movimento – a camiseta com a sigla do MST e o boné vermelhos.

Não se deixe enganar pelas sandálias havaianas dos sem-terra. Nada existe de simplório no MST. Seus líderes desenvolveram uma sensibilidade especial para impor suas exigências por meio de ameaças. Sabem que essa ferramenta funciona, inclusive com o governo. Tanto que seus representantes foram recebidos na semana passada pelo presidente Lula, que colocou o boné do MST e teve de abrir um sorriso para a câmera fotográfica. Lula não pode renegar agora um movimento que certamente o incomoda, mas que sempre foi apoiado por ele. Ingenuamente, Lula ajudou a construir o mito e a mística do MST como movimento social e, portanto, inimputável.

O MST faz o que levaria outros para a cadeia. Na qualidade de "movimento social", fica no entanto liberado de prestar contas ao delegado. Os sem-terra invadem prédios públicos e fazendas produtivas. Mantêm empregados de propriedades rurais em cárcere privado. Roubam gado para fazer churrasco. Depredam instalações.

Derrubam florestas. Agem como se não devessem explicações de nada a ninguém. Tão hábeis são os seus líderes para manipular a simpatia da opinião pública que não precisam mesmo se responsabilizar pelos abusos que cometem.

Uma parte dos brasileiros considera o MST um movimento destinado a dar terra a agricultores pobres – e ponto final. Outra parte já entendeu que o tema da distribuição de terra está hoje mais para pretexto do que para finalidade do MST. Não há mais latifúndios improdutivos para ser distribuídos. Nem que houvesse, o MST não os aceitaria. Quer a coisa pronta, com infra-estrutura já instalada. Não há terras improdutivas mas também não há tantos sem-terra como se imagina. Como eles não existem em número suficiente na vida real, o MST precisa inventá-los. Para isso, recruta soldados entre o lumpesinato urbano, gente miserável das periferias das cidades, com o objetivo de engrossar seu movimento político.

O movimento se recusa a adotar personalidade jurídica ou a constituir-se em partido para disputar poder no jogo institucional vigente. Em primeiro lugar, o MST não aprova o regime de democracia política e economia de mercado. Em nome de sua utopia socialista, luta pela transformação do Brasil numa Cuba de 180 milhões de habitantes. Nunca se viu sair bom resultado de multidões de uniforme, com bandeira ideológica e apego à ilegalidade. Os fascistas de camisa preta, os nazistas de camisa cáqui, os guardas vermelhos do camarada Mao são apenas alguns dos fantasmas que vêm à memória. O Brasil, cego à evidência, continua dando força ao MST, que conseguiu mais de 5,5 milhões de reais para financiar sua marcha até Brasília. Quem os financia e por quê?

## APPENDIX I

### TEXTS FROM THE GUARDIAN/THE OBSERVER NEWSPAPER

## On the frontier

The landless workers movement in Brazil has radical solutions to the country's problems - occupying large farms, and growing food for the rural poor rather than giant corporations

**Jan Rocha**  
**Wednesday June 26, 2002**

### Guardian

Hunger is spreading in a world of plenty: in Brazil, one of the world's major food producers, a third of the population goes hungry. The governments and corporations that run the world insist that only free markets, the removal of trade barriers, the spread of GM crops will solve the problem. So far, this sort of globalisation has only brought more, not less hunger.

Yet a movement which grew out of violence and despair claims to have found the answer. Its solutions are radically different from those on offer from the rich countries. They involve empowering the poor through land reform, education and mobilization. The Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) - the Landless Rural Workers Movement - has become one of Brazil's biggest and most vocal popular movements and their red T-shirts, caps and flags are now a familiar sight at every demonstration, rally and strike. Through direct action - occupations, marches, confrontations with the authorities - they have won land and undeniably eliminated hunger from the lives of hundreds of thousands of Brazilian families.

Twenty years ago an unacknowledged war raged throughout Brazil's vast interior. It was an unequal conflict - on one side illiterate peasant farmers and smallholders, sharecroppers and rubbertappers, on the other the powerful forces unleashed by the military regime's economic policy - ruthless cattle ranchers and landowners, road and dam builders. In the 1970s this policy led directly to the displacement of almost five million people in the three southern states alone. They became "sem terra" - or landless.

Their choices were stark: move to the cities and swell the shantytowns or migrate thousands of miles north to the malaria-ridden shallow soils of government colonies in the Amazon, far from roads, schools and hospitals. Those who tried to stop the advance of big capital were eliminated. Between 1981 and 1984 alone 277 peasant leaders, union officials and rural workers were killed. It was in this climate of violence and desperation that the MST was born. With nothing left to lose, families began occupying the estates of absentee landlords.

We visited one of the many MST settlements that now exist on former big estates in Rio Grande do Sul. In a high-roofed community hall, families sat at long trestle tables, tucking into beef steaks, chicken legs and spicy sausages with the unrestrained relish of people who have known hunger. "We've come a long way in 20 years," said Vilmar Martins da Silva, president of the farm cooperative. "By occupying huge unproductive estates, we forced the Brazilian government to carry out land reform. Today we've got about one million members and we've become one of the most successful peasant movements in the world."

The learning curve has been steep. At first the families tried to beat the big farmers at their own game, planting cash crops instead of food. Claudemir Mocellin, who as an eight-year-old child accompanied his father on one of the early occupations, today works as an agronomist on a settlement. "We used the most fertilisers. We bought the modern hybrid seeds and the biggest

machines. We wanted the largest harvests." But it did not work. "Families found that, as their soils got exhausted, they were spending more and more money on pesticides and fertilisers, and they were getting ill from the side effects of the chemicals. It didn't make sense, either economically or environmentally."

Gradually, the families were won over to more environmentally friendly ways of farming and went back to growing their own food. "I don't like calling it subsistence farming, because that suggests we're sub-existing, or under-existing, whereas really, with our concern for biodiversity, we are the truly modern farmers," said Mocellin emphatically.

"Chemical farming is doomed, as it exhausts the soils so rapidly. Families began to remember the way their parents and grandparents had farmed. Today people are seeking out old varieties of crops," said Joao Rockett, a self-educated agronomist who is helping the MST produce organic seeds. "For instance, we're cultivating three varieties of wheat - one that's good for noodles, another for bread and another for biscuits. The other day a settler came back with an old variety of wheat that produces excellent straw for hats. Imagine a multinational company letting you grow wheat for that! But people love it. It fosters their sense of community."

The changeover to "agroecologia", or ecologically-friendly farming, is far from complete. In some settlements families are still using chemicals and in others they rear chickens for Sadia, a major Brazilian food company, which exports frozen poultry to Europe, including Britain. "We don't really think this chicken is fit for human consumption, but we need the money. We keep chickens in our backyards to eat ourselves," said one of the farmers. In another cooperative, COPAVI, the families have made the break. Their free-range chickens, fed on organic maize, weigh less but taste better, and are winning a space in the local markets.

Through these changes the MST is reinventing itself, a process that historian Eric Hobsbawm believes necessary if a popular movement is to survive as circumstances change, as they have during the MST's short history. The integration of Brazil's economy into the world market has transformed the country's agriculture, with cheap imports flooding in as trade barriers have been dismantled.

While the government's agrarian reform programme gave land to 260,000 families, in the same period (1995-1999) over one million small family farmers lost their land under market pressures. Only the big exporters of soyabeans, coffee, orange juice and poultry and the transnational companies, such as Cargill, ADM and Bunge, who control the export network, have benefited.

If, as seems likely, the battle by NGOs and enlightened public prosecutors to stop the government authorising genetically-modified crops is finally lost, the big bio-technology companies, led by Monsanto, will dominate farming through their control over the seed companies, just as they already do in neighbouring Argentina. Sebastiao Pinheiro, a leading environmental campaigner, has warned: "What we have seen so far is nothing. The avalanche that lies ahead, as the global food and agricultural complex strengthens its control, will be terrible. There is little room for small family farms in this world, unless they are willing to provide what amounts to bonded labour, growing seeds for Monsanto or rearing chickens for Sadia.

The MST believes that, because of its extraordinary capacity to mobilise the excluded, it can take on these forces and win. Yet the outcome is still uncertain. Future historians may look back at the MST, as Christopher Hill did at England's 17th-century Diggers and Levellers, and see landless peasants who attempted "a revolution that never happened". Or it may just be that the sem terra are torch-bearing front runners in the global movement towards greater sustainability, greater equality and less hunger.

- Cutting the Wire, the Story of Brazil's Landless Workers Movement, by Sue Branford and Jan Rocha, edited by Latin America Bureau, will be launched at a public meeting on July 3 at 6.30pm in the Union Chapel, Upper Street, London N1. Speakers will include MST settlers Chico Strozak and Guardian environment editor John Vidal.



## Land grab

Clare Davidson reports on the increasingly radical efforts of Brazil's landless millions to win long-awaited agrarian reform

**Clare Davidson**  
**Tuesday April 20, 2004**

### **Guardian Unlimited**

Antonio Carlos dos Santos was born into a farming family in north-eastern Brazil. But in 1970, when he was 13, a large landowner bought the land surrounding the family's plot, cutting it off from the road. Without road access, the land lost 90% of its value. His father sold it to the only bidder - the landowner - and the family subsequently moved to the city to seek work.

Marked by his experiences, Antonio later joined Brazil's Landless Workers Movement (MST) at its inception in 1984, and took up the battle for land reform. Thirty-two years after his father's land was sold, he finally obtained access to his own, which he farms and lives on with three of his six children in an MST settlement called New Hope.

Antonio is one of the luckier ones. Brazil, Latin America's largest country, has one of the most uneven distributions of land in the world. Just 1% of the population owns almost half of the country's land.

There are over four million landless families still hoping for resettlement as part of the government's agricultural reform program, and the MST has recently embarked on wide scale land occupations designed to pressurize President Luiz Inacio Lula da Silva to accelerate the process.

The MST wants agrarian reform to redistribute land for rural workers to live and work on. This would provide employment and the means to produce food affordably, says Delwek Matheus, a state coordinator for the group.

The wave of occupations stems from frustration with the pace of reform during the first year of Lula's government, with only 14,000 families being resettled in 2003.

On March 27 Joao Pedro Stedile, the MST's national leader, announced that the group would "raise hell" if agricultural reform didn't ensue, proclaiming a "red April" of land occupations and protests.

The government swiftly promised to settle 400,000 landless families by the end of 2006, including 115,000 this year. It also announced it would more than double the land reform ministry's planned budget for 2004 by providing a further 1.7bn real (£320m).

Occupations nevertheless continued, with six taking place over the weekend of April 17, the eighth anniversary of the Eldorado dos Carajas massacre, in which police killed 19 peasant demonstrators who were demanding land in Para state. "No one has paid for those murders," says Matheus.

Over the same weekend, some four hundred MST families also invaded land belonging to Klabin, Brazil's biggest paper producer. The move is controversial because unlike the majority of MST occupations, which it says are of unproductive land, Klabin's territory is productive.

"Such occupations are worrisome to potential investors," said Rafael Guedes, Fitch Ratings managing director for Brazil. "There are huge farms of 1,000-5,000 hectares that are sub-utilized, with only five hectares used. But Klabin is generating dollars for Brazil, and employing workers."

Occupying land is a tough process, but it is the most effective means to ensure change, says Antonio. "Occupations often involve confrontation with the police, and [families] never know if [they] will be evicted," he explains.

Families can spend years living in temporary encampments in makeshift shacks with poor facilities. Even once settled, life is far from easy. Maria do Carmen do Souza of the New Hope settlement looks after her mother-in-law and niece while her husband lives in an encampment "battling for land," and sometimes she doesn't see him for months. Maria is constantly worried about what would happen should her three-year-old niece Simone fall ill.

"There are only three buses a day to town and we don't have money to pay a doctor or buy medicine," she says. Aside from their home, which is made of a mixture of plastic, concrete and wood, their assets are water from a well and an area to grow rice.

Lula insists he is committed to agrarian reform but strictly "within the law". Speaking on Monday's Breakfast with the President radio show, he asked the MST not to lose its sense of responsibility.

But the concessions announced last week indicate the protests are paying off. The government has promised to halve the time to appropriate (unproductive) property from 14 to seven months, increase initial credit available for settled families by more than 100% to 16,100 real and provide better access to infrastructure within settlements.

Legally, land seizures are a grey area. The MST describes its actions as legal because Brazil's 1988 constitution stipulates that unoccupied and unproductive land should be appropriated by the government. But for landowning individuals and companies such seizures are illegal invasions of private property.

Though opposed to what he sees as MST "land invasions", Luiz Marcos Suplicy Hafers - former president of Brazil's largest farmers group and a large landowner - says agricultural reform is nevertheless essential.

"Those living in Brazil's countryside today are destitute, socially excluded, and living in extreme poverty," he says.

Violence is also rife. Recent figures from the pastoral land commission show that the number of land conflicts reached 1,690 in 2003 - the highest since the commission began keeping records in 1985.

"Ideally we want schools, access to roads, transport, and electricity, access to cinemas, books, sports and leisure - just like other communities," says MST's Soraia Soriano.

Land, however, is the first step, and "unless we protest nothing happens", says Soriano.

Concessions made by the government - doubtless encouraged by such protests, whatever it says officially - seem to suggest Soraia is right. There is no reason to expect the MST will stop occupations before the end of April. In fact, judging from recent events, the government could give even more.

## Brazilians' long march to land reform

Gibby Zobel in Alexania, Brazil

Saturday May 14, 2005

### Guardian

It's still dark when Juarez Santana Rocha tumbles off of his mattress, woken by music suddenly blaring from the truck carrying a noisy sound system.

He and more than a thousand others from the northeastern Brazilian state of Bahia have half an hour to gather their backpacks, grab some bread, gulp a coffee and form a line on the BR-060 motorway.

Ahead of them the day will bring yet another leg of their epic 130-mile walk to the capital, Brasilia, calling for agrarian reform. At the same moment thousands of others are whooping their colleagues from slumber in 22 other giant tents in the camp, each from a different state, for the 17-day haul.

By first light there are 11,000 landless farmers, members of the Movimento Sem Terra, or MST, lined up in three strict columns along the motorway, a thin red line stretching for more than two miles.

"Each day when I wake up I'm ready and everyone is excited," says Juarez, 22. "Before the march we'd talk a lot about it in our camp in Valdete Correa in the Chapada Diamantina. We are 510 families in tents made of straw and black plastic, waiting for land. We brought mattresses, sheets, food, medicine, sandals and 10 reais [£2] for each person for cigarettes and things."

Dressed in a luminous green MST T-shirt in a mass of red ones - "just to be different" - Juarez represents one of the new generation of militants in the 20-year-old organisation. The MST has undertaken many long marches but nothing on this scale.

The thousands on the road reflect dismay with the government of President Luiz Inacio Lula da Silva.

Lula, swept to power on a wave of popular enthusiasm in 2002, the country's first working-class president. With him he carried the hopes of many Brazilians tired of low wages and corruption.

Yet although the Brazilian economy is buoyant and the country's international stature is rallying, the social and domestic reforms of the Workers party government have been limited.

Promises set out in the 2003 national plan for agrarian reform to settle 430,000 families by the end of Lula's term, have stagnated, with just 60,000 settled.

Land is a potent issue in Brazil, dating back to colonial times. The powerful landowners, latifundos, have always had political allies in power. With Lula, a historical ally of the landless movement, as president, many imagined change would come more quickly. But critics claim the ministry of agriculture, on the side of agribusiness, and the ministry of agrarian development, on the side of reform, are pulling in opposite directions.

Charles Trocate, the national coordinator of the MST, is from the north-eastern state of Para where the US missionary nun Dorothy Stang, 74, was murdered in February and where 521 people have been killed in land conflicts since 1985.

"The death of Dorothy was nothing more than those with vested interests shutting the mouth of someone who defended the landless, agrarian reform and sustainable environmental development," he says.

"The atmosphere of tension is still there. Anyone who stands in the way of large mining companies and other interests becomes a target, and in many cases this results in deaths."

The MST, due to arrive in Brasilia on Monday, will deliver a 16-point demand to Lula's government. "Clearly, Lula has not done enough. In many ways he is a hostage to international finance organisations," says Gilmar Mauro, an MST leader.

"But if he doesn't contribute to agrarian reform, Latin America has many examples of presidents who have been put into power by people and taken out of power by the same people - the most recent example is Ecuador. I hope it doesn't happen with Lula."

For Juarez the march is a somewhat risky adventure. "I joined the movement two years ago. I thought it was bad when I was a kid. Lots of people were always saying how dangerous it was. But I visited a lot of camps, looked inside and I thought it was really good, very important," he says.

"It's the first march I've been on. It's very disciplined. But I'm not used to sleeping with lots of poisonous snakes. It's scary. We've already killed one in our camp. The daily journeys are tiring but we have a firm objective."

Each day the entire camp is packed up, carried on 31 trucks, and reconstructed at the next point along the route before the marchers arrive.

No one knows exactly where the next camp will be until the day itself. An advance team finds a farm, cuts the fences and sets up.

Chico Lobo woke up to find 10 people in his farmhouse and hundreds milling about on his land, Fazenda Buriti in Abadiania, when the MST came to town last weekend.

"They didn't warn us, they invaded the farm," he says. "I'm not against the movement for agrarian reform, very much to the contrary, but this type of action I'm against. When I went to find out what was going on they threatened me and told me that if I didn't shut my mouth things would be worse for me. They are bringing terror to whatever municipality they pass."

Meanwhile, health problems among the marchers are causing concern. Altilno da Silva Soares, 76, from Rondonopolis in the state of Mato Grosso, died from a heart attack on May 5. More than 100 marchers are treated daily for flu, hypertension, foot sores, insect bites and exhaustion.

For Juarez the big march can only fortify the movement. "Here I sell peanut sweets from tent to tent so I've become well known. We don't have many chances to meet people from other states. I've made a lot of good friends and met a girl from Sao Paulo."

Guardian Unlimited © Guardian Newspapers Limited 2006

## **Rural rights activists wreck Brazilian plantation**

**Tom Phillips in Rio de Janeiro**  
**Friday March 10, 2006**

**Guardian**

A group of about 2,000 rural activists invaded a eucalyptus plantation in southern Brazil this week causing millions of pounds damage to one of the country's biggest paper producers.

The protesters, linked to Brazil's Landless Workers Movement (MST), ransacked the grounds of Aracruz Celulose in the early hours of Wednesday, tearing up bulbs and destroying 15 years of genetic research, according to the company.

Yesterday, as Brazilian authorities condemned the attacks as "vandalism" and "banditry", those responsible said they were opening up a new front in the fight for justice in rural areas and against multinational agricultural businesses.

"During Lula's [Brazil's president Luiz Inacio Lula da Silva] government a vast amount of public resources have continued to be passed to transnational companies like Aracruz, which received almost 30% of that which all Brazil's peasants received in the whole of last year," Nina Tonin, a MST representative who participated in the action, told the Guardian. "We are against this model of agriculture that Brazil has adopted [since the early 1990s]." The protest, in the town of Barra do Ribeiro, was timed to coincide with an international conference on land reform.

"Lula created great expectations in terms of land reform but in reality the number of settled families has been extremely low and nothing like what was promised by the government," said Ms Tonin. Rural activists say multinational farming groups threaten rural workers as much as Brazil's traditional landowners.

Aracruz is one of the world's biggest producers of eucalyptus pulp, which is used in the production of paper. It owns about 50,000 hectares (125,000 acres) of land across Brazil. With the MST's traditional Abril Vermelho [Red April] season of land occupations approaching, activists are promising a wave of protests against such groups. "The realisation of land reform isn't just dependent on the government. It is up to the actions of the peasant movements also, which is why from now onwards the tendency is for us to pressure [the government] more forcefully," said Ms Tonin.

Miguel Rossetto, the minister for land reform, criticised the protesters. "Material that was being made to improve people's lives was completely destroyed," he told reporters. Meanwhile, a poll on Brazil's biggest television channel showed that 56% of respondents believed such actions damaged the fight for land reform.

## APPENDIX J – VEJA MAGAZINE COVERS (POSTER)



APPENDIX k – slide show pictures



